# REVISTA

DE

# PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

NOVEMBRO, 1889

Summario:


| | | | Pag. |
|---|---|---|---|
| I. | CARTAS DE FRADIQUE MENDES | Eça de Queiroz | 517 |
| II. | OS FILHOS DE D. JOÃO I | Oliveira Martins | 544 |
| III. | O SECULO XVIII EM PORTUGAL | Theophilo Braga | 574 |
| IV. | AS MINAS DE SALOMÃO, romance de Rider Haggard, traduzido do inglez | | 607 |
| V. | EL-REI D. LUIZ | | 625 |
| VI. | NOTAS DO MEZ | João Gomes | 630 |
| VII. | BOLETIM BIBLIOGRAPHICO | E. | 639 |



LUGAN & GENELIOUX

EDITORES

PORTO

Volume I. Numero 5.

## Summario do numero do 1.º de outubro

As minas de Salomão, romance de Rider Haggard, traduzido do inglez. . . . . .
A cavallaria portugueza na Edade média. . . . . Christovam Ayres.
*Vorrei morire!* . . . . . Medeiros e Albuquerque.
Um economista portuguez . . . . . Rodrigues de Freitas.
Destinos politicos do Brazil . . . . . Eduardo Prado.
Os filhos de D. João I . . . . . Oliveira Martins.
Chronica financeira. . . . . A. B. dos Santos.

---

# Collaboradores brazileiros da REVISTA DE PORTUGAL

Alberto d'Oliveira.
Aureliano de Campos.
Barão de Rio Branco.
Capistrano d'Abreu.
Domicio da Gama.
Eduardo Prado.
Ferreira d'Araujo.
João Ribeiro.
Machado d'Assis.
Medeiros e Albuquerque.
Olavo Bilac.
Raul Pompeia.
Raymundo Correia.
Tancredo de Mello.
Dr. Teixeira de Mello.

A lista completa dos collaboradores brazileiros da **Revista de Portugal** será dada n'um numero subsequente.

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

# CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

## III

Durante annos não tornei a encontrar Fradique Mendes, que concentrára as suas jornadas dentro da Europa Occidental — emquanto eu errava largamente pela America, pelas Antilhas, pelas republicas do golfo do Mexico. E quando a minha vida emfim se aquietou, n'um velho condado rural de Inglaterra, Fradique retomado, como elle dizia, «pela bisbilhotice ethnographica», começava a sua longa viagem ao Brazil, aos Pampas, ás republicas do Pacifico e á Patagonia.

Mas o fio de sympathia, que nos unira no Cairo, não se partiu; nem nós, apesar de tão tenue, o deixámos perder por entre os interesses mais fortes das nossas fortunas desencontradas. Quasi todos os tres mezes trocavamos uma carta — cinco ou seis folhas de papel que eu tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de idéas e de factos. Além d'isto, eu sabia agora de Fradique por alguns dos meus camaradas, com quem, durante uma residencia mais prolongada em Lisboa, do outono de 1875 ao verão de 1876, elle creára amizades onde todos encontraram interesse intellectual e encanto.

[1] Continuado da pag. 298, numero do 1.º de setembro.

Todos, apesar das dissemelhanças de temperamentos ou das maneiras differentes de conceber a vida — tinham como eu sentido a seducção d'aquelle homem adoravel. D'elle me escrevia em novembro de 1877 o auctor do *Portugal Contemporaneo:* — « Cá encontrei o teu Fradique, que considero o portuguez « mais interessante do seculo XIX. Tem curiosas parecenças com « Descartes! É a mesma paixão das viagens, que levava o phi- « losopho a fechar os livros « para estudar o grande livro do « Mundo »; a mesma attracção pelo luxo e pelo ruido que em « Descartes se traduzia pelo gosto de frequentar as « côrtes e « os exercitos »; o mesmo amor do mysterio, e das subitas des- « apparições; a mesma vaidade, nunca confessada, mas intensa, « do nascimento e da fidalguia; a mesma coragem serena; a « mesma singular mistura de instinctos romanescos e de razão « exacta, de phantasia e de geometria. Com tudo isto falta-lhe « na vida um fim sério e supremo, que estas qualidades, em si « excellentes, concorressem a realisar. E receio que em logar do « *Discurso sobre o Methodo* venha só a fazer um *vaudeville.* » Ramalho Ortigão, pouco tempo depois, dizia-me d'elle n'uma carta fervorosa: — « Fradique Mendes é o mais completo, mais « acabado producto da civilisação em que me tem sido dado « embeber os olhos. Ninguem está mais superiormente apetre- « chado do que elle para triumphar na Arte e na Vida. A rosa « da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a idéa do seu « espirito é sempre a mais original. Marcha cinco legoas sem « parar, bate ao remo os mais destros remadores de Oxford, « mette-se sósinho ao deserto a caçar o tigre, arremette com um « chicote na mão contra um troço de lanças abyssinias: — e á « noite n'uma sala, com a sua casaca do Cook, um enorme era- « vo branco, uma perola negra no esplendor do peitilho, sorri « ás mulheres com o encanto e o prestigio com que sorrira á fa- « diga, ao perigo e á morte. Faz armas como o cavalleiro de « Saint-Georges, e possue as noções mais novas e as mais certas « sobre Physica, sobre Astronomia, sobre Philologia e sobre Me- « taphysica. É um ensino, uma lição de alto gosto, vêl-o aqui no « seu quarto, na vida intima de *gentleman* em viagem, entre as

« suas malas de couro da Russia, as grandes escovas de ouro la-
« vrado, as cabaias de sêda, as carabinas de Winchester, pre-
« parando-se, escolhendo um perfume, bebendo goles de chá que
« lhe manda o Gran-Duque Vladimir, e dictando a um criado de
« calção, mais veneravelmente correcto que um mordomo de
« Luiz XIV, telegrammas que vão levar noticias suas aos *bou-*
« *doirs* de Paris e de Londres. E depois de tudo isto fecha a
« sua porta ao mundo, e lê Sophocles no original. »

O poeta da *Morte de D. João* e da *Musa em Ferias* chamava-lhe « um Sainte-Beuve encadernado em Alcides ». E explicava assim, n'uma carta d'essa época que conservo, a sua apparição no mundo: « Deus um dia agarrou n'um bocado de « Henri Heine, n'outro de Chateaubriand, n'outro de Brummel, « em pedaços ardentes d'aventureiros da Renascença, e em fra- « gmentos resequidos de sabios do Instituto de França, entor- « nou-lhe por cima *champagne* e tinta de imprensa, amassou tu- « do nas suas mãos omnipotentes, modelou á pressa Fradique, « e arrojando-o á Terra disse: « Vai, e veste-te no Poole! » Emfim Carlos Mayer, lamentando como Oliveira Martins que ás multiplas e esplendidas aptidões de Fradique faltasse coordenação e convergencia para um fim superior, deu um dia sobre a personalidade do meu amigo um resumo pittoresco e profundo: « O cerebro de Fradique está admiravelmente construido. Só « lhe falta uma idéa para viver e governar lá dentro. É um ge- « nio com escriptos! »

Tambem Fradique, n'esse inverno, conheceu o pensador das *Odes Modernas*, de quem, n'uma das suas cartas do meu amigo a Oliveira Martins, falla com tanta elevação e carinho. E o ultimo companheiro da minha mocidade que se relacionou com o antigo poeta das LAPIDARIAS foi J. Teixeira d'Azevedo, no verão de 1877, em Cintra, na quinta do *Saragoça*, onde Fradique viera repousar da sua laboriosa jornada ao Brazil e ás republicas do Pacifico. Tinham ahi conversado muito, e divergido sempre. J. Teixeira d'Azevedo, sendo um nervoso e um apaixonado, sentia uma insuperavel antipathia pelo que elle chamava o *lymphatismo critico* de Fradique. Homem todo de

emoção não se podia fundir intellectualmente com aquelle homem todo de analyse. O extenso saber de Fradique tambem não o impressionava. « As noções d'esse guapo erudito (escre- « via elle em 1879) são bocados do Larousse diluidos em agua « de Colonia. » E emfim certos requintes de Fradique (escovas douradas e camisas de sêda), a sua voz mordente recortando o verbo com perfeição e preciosidade, o seu habito de beber champagne com *soda-water*, outros traços ainda, causavam uma irritação quasi physica ao meu velho camarada da Travessa do Guarda-Mór. Confessava porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o portuguez mais interessante e mais suggestivo do seculo XIX. E correspondia-se regularmente com elle — mas para o contradizer com acrimonia.

Em 1880 (nove annos depois da minha peregrinação no Oriente), regressando de Lisboa por vesperas de Paschoa, parei durante uma semana em Paris, seduzido por uma primavera lesta e amavel que já acordára o sol, avelludára o ar, e atirava pela rua os lilazes ás braçadas. Uma noite, depois do theatro, fui cear solitariamente ao Bignon, na avenida da Opera. Tinha encetado as ostras e uma chronica do *Gaulois*, quando por traz do jornal que eu encostára á garrafa assomou lentamente uma larga mancha clara, que era um collete, um peitilho, uma gravata, uma face, tudo de incomparavel brancura. E uma voz muito serena murmurou: « Separámo-nos ha annos no caes de Boulak... » Ergui-me com um grito, elle com um tranquillo sorriso; — e o *maître-d'hotel* recuou assombrado com a meridional effusão do meu abraço. D'essa noite em Paris datou verdadeiramente a nossa intimidade intellectual, que em seis annos, sempre igual e sempre certa, não teve uma intermissão, nem uma sombra que lhe toldasse a pureza.

Determinadamente lhe chamo *intellectual*, porque esta intimidade nunca passou além das coisas do espirito. Nas alegres temporadas que com elle convivi em Paris, em Londres e em Lisboa de 1880 a 1887, na nossa copiosa correspondencia, privei sempre, sem reserva, com a intelligencia de Fradique — e ininterrompidamente assisti e me misturei á sua vida pensante:

nunca porém penetrei na sua vida affectiva de sentimento e de coração. Fradique envolvia a sua «carreira sentimental» (como elle diz algures de Musset) no mais opaco, inaccessivel recato: e eu, por mim, nunca tive curiosidade de a conhecer — talvez por sentir que toda a inedita originalidade de Fradique se concentrava no sêr pensante, e que o outro, o sêr sensivel, feito da banal argilla humana, repetia sem especial relevo as costumadas fragilidades da argilla. Na realidade, o coração d'um homem só interessa criticamente quando elle é, como em Musset ou em Shelley, o directo inspirador do cerebro e da obra. De resto, desde esse passeio no Cairo que iniciou e moldou as nossas relações, nós conservámos através d'ellas o habito especial, um pouco altivo, talvez estreito, de nos considerarmos dois puros espiritos. Se por essa época eu concebesse um livro, ou preparasse os mandamentos d'uma nova Religião, ou surripiasse á Natureza distrahida uma das suas secretas Leis — de preferencia revelaria a Fradique estes episodios de actividade espiritual; mas nunca, na ordem do sentimento, iria a elle com a confidencia d'uma esperança ou d'uma desillusão. E Fradique egualmente manteve commigo esta restricta attitude — porque nunca elle se manifestou aos meus olhos senão na sua funcção intellectual.

Muito bem me lembro eu d'uma dôce manhã de maio em que atravessavamos vagarosamente, conversando por sob os castanheiros em flôr, o jardim das Tulherias. Fradique vinha desenvolvendo esta idéa — «que a extrema democratisação da Sciencia, o seu universal e illimitado derramamento através das plebes, era o grande erro da nossa civilisação, que com elle preparava para bem cedo a sua catastrophe moral.» De repente, ao transpormos a grade para a praça da Concordia, o Philosopho que assim lançava, através das tenras verduras de maio, estas predicções de desastre e de fim — estaca, emmudece! Diante de nós, ao trote fino e alto d'uma egoa de luxo, passava vivamente, n'uma pressa subtil, para os lados da rua Royale, um «d'esses coupés escuros onde bate o coração» — como Fradique diz, com rebuscada preciosidade, n'uma carta a

Madame de Lobrinski. Vivamente tambem, Fradique balbucia um «adeus!», acena a um fiacre, e desapparece, ao galope arquejante da pileca, para os lados do caes d'Orsay. «Mulher»! pensei eu. Com effeito, era a mulher e o seu tormento. Como nitidamente se deprehende d'uma carta a Madame de Jouarre (datada de «Maio, sabbado», e começando: «Hontem philoso-«phava com um amigo, no jardim das Tulherias...») Fradique corria n'esse fiacre a uma desillusão bem rude e mortificante. Ora n'essa tarde, ao crepusculo, fui (como combinára) buscar Fradique á rua de Varennes, ao velho palacio dos Tredennes, onde elle recentemente installára os seus aposentos com um luxo tão nobre e tão sobrio. Apenas entrei n'aquella sala que denominavamos a «Heroica», porque a revestiam quatro tapeçarias de Luca Cornelio contando a *Historia de Hercules*, o estranho homem rompeu para mim, com as mãos enterradas nos amplos bolsos d'uma quinzena de sêda. E, como se desde essa manhã *nenhum outro* cuidado o absorvesse senão o seu thema do jardim das Tulherias:

— Não lhe acabei de dizer ha pouco... A Sciencia, meu caro, tem de ser recolhida como outr'ora aos Santuarios, ou ás Academias, e entregue a um sacro collegio intellectual que a guarde, que a defenda contra as curiosidades das plebes... Ha a fazer com esta idéa um Programma para as gerações novas!

Talvez na face, se eu tivesse reparado, encontrasse restos de pallidez e de emoção: mas o tom era sereno, d'um critico genuinamente recolhido na deducção do seu conceito. Pensei commigo: — «Houve mulher, mas em doçura e paz.» Não! Aquelle homem soffrera horas antes uma desillusão mortificante e rude. Outro murmuraria ao menos, n'um desafogo generico e impessoal: — «Que estupida é a vida!» Elle fallou da Sciencia e das Plebes: — desenrolando determinadamente diante de mim, ou impondo talvez a si mesmo, os raciocinios do seu cerebro, para que os meus olhos não penetrassem de leve, ou os seus não se detivessem de mais, nas amarguras do seu coração.

N'uma carta a Oliveira Martins, de 1883, Fradique diz: —

« O homem, como os antigos reis do Oriente, não se deve mos-« trar aos seus semelhantes senão unica e serenamente *occupa-« do no officio de reinar — isto é, de pensar.* » Haveria n'esta regra, assim proclamada, um orgulho apenas permissivel a um Spinosa ou a um Kant, se elle não accrescentasse « que por « isso viajava, desapparecia, para se não mostrar, como era, in-« completo e inhabil no *officio de reinar.* » Essa regra porém dirigia frequentemente a sua conducta: e, pelo menos, para mim, sempre assim se comportou, immutavelmente, através da nossa activa convivencia, não se manifestando nunca aos meus olhos senão no *officio de pensar.*

N'essa carta Fradique affirma tambem — « que todo o ho-« mem digno da Humanidade por ter plenamente vivido pelo « Sentimento, pela Acção e pela Intelligencia, devia dar depois « de morto, — para um Romance, uma Monographia historica « e um Artigo de Revista. » O « Romance » de Fradique não o posso coordenar n'estas paginas, porque apenas d'elle conheço o que as suas cartas imperfeita e fragmentariamente revelam. Da sua « Monographia historica » outra penna se occupa, mais paciente e segura. Só me resta pois o « Artigo de Revista », onde fixe as impressões e reminiscencias d'uma Intelligencia, que mais que nenhuma outra exerceu sobre mim imperio e seducção.

## IV

O que impressionava logo n'esta Intelligencia, ou antes na sua maneira de se exercer, era a extrema liberdade junta á extrema audacia. Não conheci jámais espirito tão impermeavel á tyrannia ou á insinuação das « idéas feitas »: e decerto nunca um homem traduziu o seu pensar original e proprio com mais soberbo desassombro. « Apesar de trinta seculos de geo-« metria me affirmarem (diz elle n'uma carta a J. Teixeira « d'Azevedo) que *a linha recta é a mais curta distancia entre « dois pontos,* se eu achasse que para subir da porta do Hotel

« Universal á porta da Casa Havaneza me sahia mais directo « e breve rodear pelo bairro de S. Martinho e pelos altos da « Graça, declararia logo e friamente á secular geometria — que « a distancia mais curta entre dois pontos é uma *curva* vadia e « delirante! » Esta independencia da Razão, que Fradique assim apregôa com desordenada Phantasia, constitue uma qualidade rara: — mas o animo de affirmar intemeratamente essa independencia diante da magestosa Tradição, da Regra, das conclusões oraculares dos Mestres, é já uma virtude, e rarissima, de radiosa excepção.

Fradique (n'outra carta a J. Teixeira d'Azevedo) falla d'um polaco, G. Cornuski, professor e critico, que escrevia na *Revista Suissa,* e que constantemente sentia o seu gosto, muito pessoal e muito decidido, rebellar-se contra obras de Litteratura e de Arte que a unanimidade critica, através dos seculos, tem consagrado como magistraes — a *Gerusalemme Liberata* do Tasso, as telas do Ticiano, as tragedias de Racine, as orações de Bossuet, os *Lusiadas,* outros monumentos. Mas, sempre que a sua probidade de Professor e de Critico lhe impunha a proclamação da verdade, este homem que heroicamente se batera em duas insurreições tremia, pensava: — « Não! Porque « será o meu criterio mais seguro que o de tão finos entendi- « mentos através dos tempos? Quem sabe? Talvez n'essas obras « exista a sublimidade — e só no meu espirito a impotencia de « a comprehender. » E o desgraçado Cornuski, com a alma mais triste que um crepusculo d'outono, continuava, deante dos córos da *Athalie,* e das nudezes do Ticiano, a murmurar desconsoladamente: — « Como é bello! »

Nem todos soffrem as angustias intellectuaes do desditoso Cornuski. Mas, já porque o nosso espirito seja esteril para produzir uma opinião *sua;* já porque não possua a viril coragem de affrontar a auctoridade d'aquelles a quem tradicionalmente attribue um criterio mais firme e um saber mais alto; já porque as idéas estabelecidas, fluctuando diffusamente na nossa memoria, depois de leituras e conversas, nos pareçam ser as nossas proprias; já porque a suggestão d'esses conceitos se im-

ponha e nos leve subtilmente a concluir em concordancia com elles — a lamentavel verdade é que hoje todos nós submissamente tendemos a pensar e sentir como antes de nós e em torno de nós já se sentiu ou pensou.

« O homem do seculo XIX, o Europeu, porque só elle é es-
« sencialmente do seculo XIX (diz Fradique n'uma admiravel
« carta a Carlos Mayer), vive dentro d'uma pallida e morna *in-*
« *fecção de banalidade,* causada pelos quarenta mil volumes
« que todos os annos, suando e gemendo, a Inglaterra, a Fran-
« ça e a Allemanha depositam ás esquinas, e em que intermi-
« navelmente e monotonamente reproduzem, com um ou outro
« arrebique sobreposto, as quatro idéas e as quatro impressões
« legadas pela Antiguidade e pela Renascença. O Estado por
« meio das suas escólas canalisa esta infecção. A isto, oh Caro-
« lus, se chama *educar!* O baby começa logo, mal balbucia
« Papá » e « Mamã », a inhalar a primeira camada d'estes mias-
« mas do logar-commum — camada que todos os dias, através
« da vida, a Escóla, o Jornal, a Revista, o Livro lhe vão tornando
« mais espessa, até que todo o espirito lhe fica empastado em
« banalidade, tão inutil para a producção como um sólo cuja
« fertilidade nativa morreu por a terem barbaramente alastrado
« de areia e de pedregulho. Para que um Europeu lograsse
« ainda hoje ter algumas idéas novas, de viçosa originalidade,
« seria necessario que se internasse no Deserto ou nos Pampas;
« e ahi quietamente esperasse que os sopros vivos da Natureza,
« batendo-lhe o espirito e d'elle pouco a pouco varrendo os
« detritos de vinte seculos de Litteratura, lhe refizessem uma
« virgindade. Por isso eu te affirmo, oh Carolus Maycrensis,
« que a Intelligencia que altivamente pretenda crear por si, re-
« ganhar a divina potencia de gerar, deve ir curar-se da Civili-
« sação litteraria por meio d'uma residencia tonica, durante dois
« annos, entre os Hottentotes e os Patagonios. A Patagonia,
« filho meu, opéra sobre o Intellecto como Vichy sobre o fi-
« gado — desobstruindo-o e permittindo-lhe o são exercicio da
« funcção natural. Depois de dois annos de vida selvagem, en-
« tre o Hottentote nú movendo-se na plenitude logica do Ins-

« tincto, que restará ao civilisado de todas as suas idéas herda-
« das sobre o Progresso, a Moral, a Religião, a Industria, a
« Economia Politica, a Sociedade, a Arte e os Direitos do Ho-
« mem? Farrapos. Os pendentes farrapos que lhe restarão das
« pantalonas e da quinzena que trouxe da Europa, depois de
« vinte mezes de mattagal e de brejo. E não possuindo em tor-
« no de si Livros e Revistas que lhe renovem uma provisão de
« idéas feitas », nem um benefico Nunes Algibebe que lhe for-
« neça uma outra andaina de « fato feito » — o Europeu irá in-
« sensivelmente regressando á nobreza do estado primitivo, nu-
« dez do corpo e originalidade da alma. Quando de lá voltar é
« um Adão forte e puro, virgem de litteratura, com o craneo
« limpo de todos os conceitos e todas as noções amontoadas
« desde Aristoteles, podendo proceder soberbamente a um exa-
« me inedito das coisas humanas. Carlos, espirito que distillas
« *espiritos*, queres remergulhar nas Origens e vir commigo á
« inspiradora Hottentocia? Lá, livres e nús, estirados ao sol en-
« tre a palmeira e o regato que tutelarmente nos darão o sus-
« tento do corpo, com a nossa lança forte cravada na relva, e
« mulheres ao lado vertendo-nos n'um canto dôce a porção de
« poesia e de sonho que a alma precisa — deixaremos livre-
« mente as ilhargas crestadas estalarem-nos de riso á idéa das
« grandes Philosophias, e das grandes Moraes, e das grandes
« Economias, e das grandes Criticas, e das grandes Pilherias,
« que vão por essa Europa, onde densos formigueiros de cha-
« péos altos se atropellam, estonteados pelas superstições da Ci-
« vilisação, pela illusão do Ouro, pelo pedantismo das Sciencias,
« pelas mistificações dos reformadores, pela escravidão da roti-
« na, e pela estupida admiração de si mesmos!... »

Assim diz Fradique. Ora esse « exame inedito das coisas humanas », só possivel, segundo o poeta das Lapidarias, ao Adão renovado que regressasse da Patagonia depois de se ter embebido methodicamente, durante annos, de verdade natural — tentou-o elle, antes de percorrer a Patagonia, com incomparavel vigor e sinceridade. E n'isto mostrava intrepidez moral; porque no mundo a que irresistivelmente o prendiam os seus

gostos e os seus delicados habitos, — mundo mediano, regrado, comedido, sem invenção e sem iniciativa intellectual, onde as Idéas, para agradar, devem ser como as Maneiras, « geralmente adoptadas » e não individualmente creadas, e onde, sobre todas as coisas da Sociedade e da Natureza, desde a queda do Imperio Romano até ás montanhas da Suissa, existem opiniões e expressões já cunhadas como as libras e como ellas redondas resvalando facilmente — Fradique corria, com a sua indocil e brusca liberdade de Juizos, o perigo de passar por um petulante rebuscador de originalidade, avido de gloriola e de excessivo destaque. N'esse mundo um espirito inventivo e novo, com uma força de pensar muito propria, deixando transbordar a vida abundante e multipla que o anima e enche — é mais desagradavel do que o homem rudemente natural que não regre e limite, dentro das « Conveniencias », a espessura da cabelleira, o estridor das risadas, e o franco mover dos membros grossos. D'esse espirito d'alto e fino relevo, indisciplinado e creador, logo se murmura com desconfiança: « Pretencioso! busca o effeito e o destaque! » Ora Fradique nada detestava mais intensamente do que o *effeito* e o *destaque excessivo*. Nunca lhe conheci senão gravatas escuras. E tudo preferiria, a ser apontado como um d'esses homens, que, sem odio sincero a Diana e ao seu culto e só para que d'elles se falle com espanto nas praças, vão, em plena festa, agitando um grande facho, incendiar-lhe o templo em Epheso. Tudo preferiria — menos (como elle diz n'uma carta a Madame de Jouarre) « ter de vestir a Verdade nos armazens « do Louvre, para poder entrar com ella em casa de Anna de « Varle, duqueza de Varle e d'Orgemont. A entrar hei de levar « a minha amiga núa, toda núa, pisando os tapetes com os seus « pés nús, enristando para os homens as pontas fecundas dos « seus nobres seios nús. *Amicus Mundus, sed magis amica Ve-* « *ritas!* Este bello latim significa, minha madrinha, que eu, no « fundo, julgo que a originalidade é agradavel ás mulheres, e « só desagradavel aos homens — o que duplamente me leva a « amal-a com pertinacia. »

Esta independencia, esta livre elasticidade de espirito e in-

tensa sinceridade — impedindo que por sedução elle se désse todo a um Systema, onde para sempre permanecesse por inercia — eram as qualidades que melhor convinham á funcção intellectual que para Fradique se tornára a mais contínua e preferida. « Não ha em mim (escrevia elle a Oliveira Martins, em « 1882) nem um sabio, nem um philosopho. Quero dizer, não « sou um d'esses homens seguros e uteis, destinados por tempe- « ramento ás analyses secundarias que se chamam Sciencias, e « que consistem em reduzir uma multidão de factos esparsos a « Typos e Leis particulares por onde se explicam modalidades « do Universo; nem sou tambem um d'esses homens fascinantes « e pouco seguros, destinados por genio ás analyses superiores « que se chamam Philosophias, e que consistem em reduzir es- « sas Leis e esses Typos a uma formula geral por onde se ex- « plica a essencia mesma do inteiro Universo. Não sendo pois « um sabio, nem um philosopho, não posso concorrer para o « melhoramento dos meus semelhantes — nem accrescendo-lhes « o bem-estar por meio da Sciencia que é uma productora de « riqueza, nem elevando-lhes o bem-sentir por meio da Meta- « physica que é uma inspiradora de poesia. A entrada na His- « toria tambem se me conserva vedada: — porque, se, para se « produzir Litteratura basta possuir talentos, para tentar a His- « toria convém possuir virtudes. E eu!... Só portanto me resta « ser, através das idéas e dos factos, um homem que passa, in- « finitamente curioso e attento. A egoista occupação do meu es- « pirito hoje, caro historiador, consiste em me accercar d'uma « idéa ou d'um facto, deslisar suavemente para dentro, percor- « rel-o miudamente, explorar-lhe o inedito, gozar todas as sur- « prezas e emoções intellectuaes que elle possa dar, recolher « com cuidado o ensino ou a parcella de verdade que exista « nos seus refolhos — e sahir, passar a outro facto ou a outra « idéa, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma « as cidades d'um paiz d'arte e luxo. Assim visitei outr'ora a « Italia, enlevado no esplendor das côres e das fórmas. Tempo- « ral e espiritualmente fiquei simplesmente um *touriste.* »

Os *touristes* da intelligencia abundam em França e em In-

glaterra. Sómente Fradique não se limitava, como esses, a exames exteriores e impessoaes, á maneira de quem n'uma cidade d'Oriente, retendo as noções, os gostos e os orgulhos de Europeu, estuda apenas o aéreo relevo dos monumentos e a roupagem das multidões. Fradique (para continuar a sua imagem) transformava-se em «cidadão das cidades que visitava». Mantinha por principio que se devia momentaneamente *crêr* para bem comprehender uma crença. Assim se fizera babista para penetrar e desvendar o Babismo. Assim se afiliára em Paris a um club revolucionario chamado *As Pantheras de Batignolles*, e frequentára as suas sessões, encolhido n'uma quinzena sordida pregada com alfinetes, com a esperança de lá colher «a flôr de alguma extravagancia instructiva». Assim se encorporava em Londres aos Positivistas rituaes, que vão, nos dias festivos do Calendario Comtista, queimar o incenso e a myrrha na ara da Humanidade e depôr braçadas de rosas ante a Imagem de Augusto Comte. Assim se ligára com os *Theosophistas*, concorrera prodigamente para a fundação da *Revista Espiritista*, e presidia as Evocações da rua Cardinet, envolto na tunica de linho, entre os dois *mediums* supremos, Patoff e Lady Thorgan. Assim habitára, durante um longo verão, Seo-d'Urgel, a catholica cidadella do Carlismo, «para perceber bem (diz elle) quaes são «os motivos e as formulas que fazem um *Carlista* — porque «todo o sectario obedece á realidade d'um motivo e á illusão «d'uma formula.» Assim se tornára o confidente do veneravel Principe Koblaskini, para «poder desmontar e estudar peça a peça o mecanismo d'um cerebro de Nihilista». Assim se preparava (quando a morte o surprehendeu) a voltar á India, para se tornar budhista praticante, e penetrar cabalmente o Budhismo, em que fixára a curiosidade e actividade critica dos seus derradeiros annos. De sorte que d'elle bem se póde dizer que foi o devoto de todas as Religiões, o faccioso de todos os Partidos, o discipulo de todas as Philosophias — cometa errando através das idéas, embebendo-se convictamente n'ellas, de cada uma recebendo um accrescimo de substancia, mas em cada uma deixando alguma coisa do calor e da energia do seu movimento

pensante. Aquelles que imperfeitamente o conheciam, classificavam Fradique como um *dilettante*. Não! a séria convicção (a que os inglezes chamam *earnestness*) com que Fradique se arremessava ao fundo real das coisas, communicava á sua vida uma valia e efficacia muito superiores ás que o *dilettantismo*, essa diversão sceptica que tantas injurias arrancou a Carlyle, communica ás naturezas que a elle deliciosamente se abandonam. O *dilettante*, com effeito, corre entre as idéas e os factos como as borboletas (a quem é desde seculos comparado) correm entre as flôres, para pousar, retomar logo o vôo estouvado, encontrando n'essa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente extrahindo o seu mel: — quero dizer de cada opinião recolhendo essa « parcella de verdade » que cada uma invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão.

Assim se exercia esta inquieta e suprema intellectualidade. Qual era porém a sua qualidade essencial e intrinseca? Tanto quanto pude discernir, a qualidade dominante de Fradique pareceu-me sempre ser — uma percepção extraordinaria da Realidade. « Todo o phenomeno (diz elle n'uma carta a Anthero « de Quental, extremamente suggestiva através de certa nevoa « que a envolve) tem uma Realidade. A expressão de *Reali-* « *dade* não é philosophica, mas eu emprego-a, lanço-a ao aca- « so, tenteando, para apanhar dentro d'ella o mais possivel « d'um conceito pouco coercivel e quasi irreductivel ao verbo. « Todo o phenomeno, pois, tem, relativamente ao nosso entendi- « mento e á sua potencia de discriminar, uma Realidade — « quero dizer certos caracteres, ou (para me exprimir por uma « imagem, como recommenda Buffon) certos *contornos* que o « limitam, o definem, lhe dão feição propria no esparso e uni- « versal conjunto, e constituem o seu *real* e *unico* modo de « ser. Sómente o erro, a ignorancia, os preconceitos, a tradição, « a rotina e sobretudo a ILLUSÃO, formam em torno de cada « phenomeno uma nevoa que esbate e deforma os seus contor- « nos, e impede que a visão intellectual o divise no seu *exacto*,

« *real* e *unico* modo de ser. É justamente o que succede aos « monumentos de Londres mergulhados no nevoeiro... Tudo « isto vai expresso d'um modo bem quebrado e incompleto! Lá « fóra o sol está cahindo d'um céo muito fino e nitido sobre o « meu jardim coberto de neve dura: n'este ar tão puro e claro, « em que as coisas tomam um relevo rigido, perdi toda a flexi- « bilidade e fluidez da technologia philosophica: só me poderia « exprimir por imagens recortadas á tesoura. Mas vossê de- « certo comprehenderá, subtil Anthero! Já esteve em Londres, « em novembro? Nas manhãs de nevoeiro, n'uma rua de Lon- « dres, ha difficuldade em distinguir se a sombra densa que ao « longe se empasta é a estatua d'um heroe ou o fragmento « d'um tapume. Uma pardacenta illusão submerge toda a ci- « dade — e com espanto se encontra n'uma taverna quem jul- « gára penetrar n'um templo. Ora para a maioria dos espiritos « uma nevoa igual fluctua sobre as realidades da vida e do « mundo. D'ahi vem que quasi todos os seus passos são trans- « vios, quasi todos os seus juizos são enganos; e estes constan- « temente estão trocando o Templo e a Taverna. Raras são as « visões intellectuaes bastante agudas e poderosas para romper « através da neblina e surprehender as linhas exactas, o verda- « deiro contorno da Realidade. Eis o que eu queria tartamu- « dear. »

Pois bem! Fradique dispunha de uma d'essas visões privilegiadas. O proprio modo que tinha de pousar lentamente os olhos e *detalhar em silencio* — como dizia Oliveira Martins — revelava logo o seu costumado processo interior de concentrar e applicar a Razão, á maneira de um longo e pertinaz dardo de luz, até que, desfeitas as nevoas, a Realidade pouco a pouco lhe surgisse na sua rigorosa e *unica* fórma.

A manifestação d'esta magnifica força que mais impressionava — era o seu poder de *definir*. Possuindo um espirito que *via* com a maxima exactidão; possuindo um verbo que *traduzia* com a maxima concisão — elle podia assim dar resumos absolutamente profundos e perfeitos. Lembro que uma noite, na sua casa da rua de Varennes, em Paris, se discutia com ar-

dor a natureza da Arte. Repetiram-se todas as definições de Arte, enunciadas desde Platão: inventaram-se outras, que eram, como sempre, o phenomeno visto limitadamente através d'um temperamento. Fradique conservou-se algum tempo mudo, dardejando os olhos para o vago. Por fim, com essa maneira lenta (que para os que incompletamente o conheciam parecia professoral) murmurou, no silencio deferente que se alargára: — «A «Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação.»

Certamente, não conheço mais completa definição d'Arte! E com razão affirmava um amigo nosso, homem de excellente phantasia, que «se o bom Deus, um dia, compadecido das nos-«sas hesitações, nos atirasse lá de cima, do seu divino ermo, a «final explicação da Arte, nós ouviriamos resoar entre as nu-«vens, soberba como o rolar de cem carros de guerra, a defini-«ção de Fradique!»

A superior intelligencia de Fradique tinha o apoio de uma funda e forte cultura. Já os seus instrumentos de saber eram consideraveis. Além d'um solido conhecimento das linguas classicas (que, na sua edade de Poesia e de Litteratura decorativa, o habilitára a crear em latim barbaro poemetos tão bellos como o *Laus Veneris tenebrosæ*) — possuia profundamente os idiomas das tres grandes nações pensantes, a França, a Inglaterra e a Allemanha. Conhecia tambem o arabe, que (segundo me affirmou Riaz-Effendi, chronista do sultão Abdul-Aziz) fallava com abundancia e gosto.

As sciencias naturaes eram-lhe queridas e familiares; e uma insaciavel e religiosa curiosidade do Universo impellira-o a estudar tudo o que divinamente o compõe, desde os insectos até aos astros. Estudos carinhosamente feitos com o coração — porque Fradique sentia pela Natureza, sobretudo pelo animal e pela planta, uma ternura e uma veneração genuinamente budhistas. «Amo a Natureza (escrevia-me elle em «1882) por si mesma, toda e individualmente, na graça e na «fealdade de cada uma das fórmas innumeraveis que a en-

«chem: e amo-a ainda como manifestação tangivel e multipla «da suprema Unidade e da Realidade intangivel a que cada «Religião e cada Philosophia deram um nome diverso, e a que «eu presto culto sob o nome de VIDA. Em resumo adoro a Vida «— de que são egualmente expressões uma rosa e uma chaga, «uma constellação e (com horror o confesso) o conselheiro Aca-«cio. Adoro a Vida e portanto tudo adoro — porque tudo é «viver, mesmo morrer. Um cadaver rigido no seu esquife «vive tanto como uma aguia batendo furiosamente o vôo. E a «minha religião está toda no credo de Athanasio, com uma pe-«quena variante: — «Creio na *Vida* toda-poderosa, creadora «do céo e da terra...»

Quando começou porém a nossa intimidade, em 1880, o seu inquieto espirito mergulhava de preferencia nas sciencias sociaes, aquellas sobretudo que pertencem á Pre-historia — a Anthropologia, a Linguistica, o estudo das Raças, dos Mythos e das Instituições Primitivas. Quasi todos os tres mezes, altas rumas de livros enviados da casa Hachette, densas camadas de Revistas especiaes, alastrando o tapete de Caramania, indicavam-me que uma nova curiosidade se apoderára d'elle com intensidade e paixão. Conheci-o assim successiva e ardentemente occupado com os monumentos megalithicos da Andaluzia; com as habitações lacustres; com a mythologia dos povos Aryanos; com a magia chaldaica; com o direito celtico, com as leis dos Cafres; com as raças polynesias; com a christianisação dos Deuses Pagãos... Estas aferradas investigações duravam emquanto podia extrahir d'ellas «alguma emoção ou sur-«preza intellectual». Depois, um dia, Revistas e volumes desappareciam, e Fradique annunciava alargando os passos alegres por sobre o tapete livre: — «Lá rompi com a astrologia chal-«daica!», ou «Esgotei os Polynesios!»

O estudo porém a que se prendeu ininterrompidamente e com reverente constancia foi o da Historia. «Desde pequeno (es-«crevia elle a Oliveira Martins, n'uma das suas ultimas cartas «em 1886) tive a paixão da Historia. E adivinha vossê por-«quê, Historiador? Pelo confortavel e conchegado sentimento

« que ella me dava da solidariedade humana. Quando fiz « onze annos, minha avó, de repente, *para me habituar ás coi-* « *sas duras da vida*, como ella dizia, arrancou-me ao pachor- « rento ensino do padre Nunes, e mandou-me a uma escóla « chamada *Terceirense*. O jardineiro levava-me pela mão: « e todos os dias a avó me dava com solemnidade um pataco « para eu comprar na tia Martha, confeiteira da esquina, bo- « los para a minha merenda. Este criado, este pataco, estes « bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso or- « gulho de morgadinho — por me descerem ao nivel humilde « dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando « uma *Encyclopedia de Antiguidades Romanas* que tinha es- « tampas, li, com surpreza, que os rapazes em Roma (na grande « Roma!) iam tambem de manhã para a escóla, como eu, pela « mão d'um servo denominado o *Capsarius;* e compravam tam- « bem, como eu, um bolo na tia Martha do Velabro ou do Qui- « rinal, para comerem á merenda — que elles chamavam o *Ien-* « *taculum*. Pois, meu caro, no mesmo instante a veneravel « antiguidade d'esses habitos tirou-lhes a vulgaridade toda que « n'elles me humilhava tanto! Depois de os ter detestado por « serem communs aos filhos do Silva procurador — respei- « tei-os por terem sido habituaes nos filhos de Scipião. A com- « pra do bolo tornou-se como um rito que desde a Antiguidade « todos os rapazes de escóla cumpriam, e que me era dado por « meu turno celebrar n'uma honrosa solidariedade com a gran- « de gente togada. Tudo isto, evidentemente, não o sentia eu « com esta clara consciencia critica. Sentia apenas uma con- « fusa vangloria. E nunca entrei d'ahi por diante na tia Mar- « tha, sem erguer a cabeça, pensar com importancia: — « Assim « faziam tambem os romanos!» Era por esse tempo pouco mais « alto que uma espada gôda, e amava uma mulher obesa que « morava ao fim da rua...»

N'essa mesma carta, adiante, Fradique accrescenta: — « Levou-me pois effectivamente á Historia o meu amor da Uni- « dade — amor que envolve o horror ás interrupções, ás la- « cunas, aos espaços escuros onde se não sabe o que ha. Via-

«jei por toda a parte viajavel, li todos os livros de explora-
«ções e de travessias — porque me repugnava não conhecer
«o globo em que habíto até aos seus extremos limites, e não
«sentir a contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho
«sob os pés com toda a outra terra que se arqueia para além.
«Por isso, incansavelmente exploro a Historia, para perceber até
«aos seus derradeiros limites a Humanidade a que pertenço, e
«sentir a compacta solidariedade do meu sêr com a de todos os
«que me precederam na vida. Talvez vossê murmure com des-
«dem — «mera bisbilhotice!» Amigo meu, não despreze a bis-
«bilhotice! Ella é um impulso humano, de latitude infinita,
«que, como todos, vae do reles ao sublime. Por um lado leva a
«escutar ás portas — e pelo outro a descobrir a America!»

O saber historico de Fradique surprehendia realmente pela amplexidade e pelo detalhe. Um amigo nosso exclamava um dia, com essa ironia affavel que nos homens de raça celtica sublinha e corrige a admiração: «Aquelle Fradique! Tira «a charuteira, e dá uma synthese profunda, solida, d'uma trans-«parencia de crystal, sobre o Socialismo da Lei Sempronia ou «sobre a guerra do Peloponeso; — depois accende o charuto, e «reconstrue o scenario historico da morte de Tiberio Graccho «aos pés da estatua de Numa, em frente ao Templo de Fides, «ou explica o feitio e o metal da fivela do cinturão de Leoni-«das!» Com effeito, a sua forte capacidade de comprehender philosophicamente os movimentos collectivos, o seu fino poder de evocar psychologicamente os caracteres individuaes — alliava-se n'elle a um minucioso saber archeologico da vida exterior, das maneiras, dos trajes, das armas, das festas, dos ritos de todas as edades, desde a India Vedica até á França Imperial. As suas cartas a Oliveira Martins (sobre o Sebastianismo, o nosso Imperio no Oriente, o Marquez de Pombal) [1] são verda-

[1] Estas cartas constituem verdadeiros Ensaios Historicos, que, pelas suas proporções, não poderiam entrar n'esta collecção. Reunidas as notas e fragmentos dispersos, devem formar um volume a que o seu compilador dará, penso eu, o titulo de *Versos e Prosas de Fradique Mendes*.

deiras maravilhas pela sagaz intuição, a alta potencia synthetica, a certeza do saber, a força e a abundancia das idéas novas. E, por outro lado, a sua crudição archeologica repetidamente esclareceu e auxiliou, na sabia e pittoresca composição das suas telas, o paciente reconstructor dos Costumes e das Maneiras da Antiguidade Classica, o velho Suma-Rabêma. Assim m'o confessou uma tarde Suma-Rabêma, sob os castanheiros de Hampton-Court.

Fradique era de resto ajudado por uma prodigiosa memoria que tudo recolhia e tudo retinha — vasto e claro armazem de factos, de noções, de fórmas, todos bem arrumados, bem classificados, limpos, promptos sempre a servir. O nosso amigo Chambray affirmava que, comparavel á memoria de Fradique, como «installação, ordem e excellencia do *stock*», só conhecia a adega do café Inglez.

A cultura de Fradique recebia um constante accrescimo e alimento das viagens que sem cessar emprehendia, sob o impulso de admirações ou de curiosidades intellectuaes. Só a Archeologia o levou quatro vezes ao Oriente: — ainda que a sua derradeira residencia em Jerusalem durante dezoito mezes foi motivada (segundo me affirmou o consul Raccolini) por poeticos amores com uma das mais esplendidas mulheres da Syria, uma filha de Abraham Côppo, o luxuoso banqueiro de Alcppo, tão lamentavelmente morta depois, sobre as tristes costas de Chypre, no naufragio do *Magnolia*. A sua aventurosa e aspera peregrinação pela China, desde o Thibet (onde quasi deixou a vida, tentando temerariamente penetrar na cidade sagrada de Lahsá) até á alta Manchuria, constitue o mais completo estudo até hoje realisado por um homem da Europa sobre os Costumes, o Governo, a Ethica, a Litteratura e o organismo social d'esse povo «profundo entre todos que (como diz Fradique) «conseguiu descobrir os tres ou quatro unicos principios de mo-«ral capazes, pela sua absoluta força, de eternisar uma civili-«sação.»

O exame da Russia e dos seus movimentos sociaes e religiosos trouxeram-no prolongados mezes pelas provincias ruraes d'entre o Dnieper e o Volga; a necessidade d'uma certeza sobre os Presidios Penaes da Siberia impelliu-o a affrontar centenas de milhas de steppes e de neves, n'uma rude telega, até ás covas de Kara, e ás minas de prata de Nerchinski: e proseguiria n'este activo interesse, se não recebesse subitamente, ao chegar á costa, a Archangel, este aviso do general Armankoff, chefe da IV secção da policia imperial: — *Monsieur, vous nous observez de trop près, pour que votre jugement n'en soit faussé; je vous invite donc, sur votre intérêt, et pour avoir de la Russie une vue d'ensemble plus exacte, d'aller la regarder de plus loin, dans votre belle maison de Paris!* Fradique abalou para Vasa, sobre o golfo de Bothnia. Passou logo á Suecia, e mandou de lá, sem data, este bilhete ao general Armankoff: — *Monsieur, j'ai reçu votre invitation où il y a beaucoup d'intolerance et trois fautes de français.*

Os mesmos cuidados de espirito e «necessidades de cer-«teza» o levaram na America do Sul até á Patagonia, na Africa Austral até ás margens negras do Zambeze... «Tenho fo-«lheado e lido attentamente o mundo como um livro cheio de «idéas. Para vêr *por fóra*, por mera festa dos olhos, nunca fui «senão a Marrocos.»

O que tornava estas viagens tão fecundas como ensino era a sua rapida e carinhosa sympathia por todos os povos. Nunca visitou paizes á maneira do detestavel *touriste* francez, para notar de alto e peccamente «os defeitos» — isto é, as divergencias d'esse typo de civilisação mediano e ponderado d'onde sahia e que preferia. Fradique amava logo os costumes, as idéas, os preconceitos dos homens que o cercavam: e, fundindo-se com elles no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição directa e viva de cada sociedade em que mergulhava. Este efficaz preceito — «*em Roma sê romano*» — tão facil e dôce de cumprir em Roma, entre as vinhas da collina Celia e as aguas susurrantes da Fonte Paulina, cumpria-o elle gostosamente trilhando com as alpercatas rotas os desfiladeiros do

Himalaya. E estava tão homogeneamente n'uma cervejaria philosophica da culta Allemanha, aprofundando o Absoluto, entre professores de Tubingen — como n'uma aringa africana da terra dos Matabeles, comparando os meritos da carabina «Ex-«press» e da carabina Winchester, entre caçadores de elephantes.

Desde 1880 os seus movimentos pouco a pouco se concentraram entre Paris e Londres — com excepção das «vi-«sitas filiaes» a Portugal: porque apesar da sua dispersão pelo mundo, da sua facilidade em se nacionalisar nas terras alheias, e da sua impersonalidade critica, Fradique foi sempre um genuino Portuguez com curtos e irradicaveis traços de fidalgo ilhéo.

O mais puro e intimo do seu interesse deu-o sempre aos homens e ás coisas de Portugal. A compra da quinta do *Saragoça,* em Cintra, realisára-a (como elle diz n'uma carta a F. G., com desacostumada emoção) «para se prender mais, e pelo «forte vinculo da propriedade, ao sólo augusto d'onde um dia «tinham partido, levados por um ingenuo tumulto de idéas gran-«des, os buscadores de mundos, de quem elle herdára o san-«gue e a curiosidade do *além!*»

Sempre que vinha a Portugal, ia «retemperar a fibra» percorrendo uma provincia, lentamente, a cavallo — com demoras em villas decrepitas que o encantavam, infindaveis cavaqueiras á lareira dos campos, fraternisações ruidosas nos adros e nas tavernas, idas festivas a romarias no carro de bois, no vetusto e veneravel carro sabino, toldado de chita, enfeitado de louro. A sua região preferida era o Ribatejo, a terra chã da leziria e do boi. «Ahi (diz elle), de jaleca e cinta, montado n'um «potro fresco, com a vara de campino erguida, correndo entre «as manadas de gado, nos finos e lavados ares da manhã, «sinto, mais que em nenhuma outra parte, a delicia de vi-«ver.»

Lisboa só lhe agradava — como paizagem. «Com tres for-

« tes retoques (escrevia-me elle em 1881, do Hotel Braganza), « com arvoredo e pinheiros mansos plantados nas collinas calvas « da Outra-Banda; com azulejos lustrosos e alegres revestindo « as fachadas sujas do casario; com uma varredella definitiva « por essas bemditas ruas — Lisboa seria uma d'essas bellezas da « Natureza creadas pelo Homem, que se tornam um motivo de « sonho, de arte e de peregrinação. Mas uma existencia en- « raizada em Lisboa não me parece toleravel. Falta aqui « uma atmosphera intellectual onde a alma respire. Depois tu- « do aqui toma um tom — entre *alitteratado* e *afadistado:* « ha *litteratice* na simples maneira com que um caixeiro ven- « de um metro de fita, e, nas proprias graças com que uma « grande senhora recebe, transparece *fadistice.* Além d'isso, « duas feições, ambas repugnantes, dominam — o *catitismo* e o « *conselheirismo:* mesmo em farrapos se é *catita,* mesmo em « amanuense se é *conselheiral.* Finalmente a nausea suprema « vem da politiquice e dos politiquetes. »

Fradique nutria pelos politicos todos os horrores, os mais injustificados: horror intellectual, julgando-os incultos e broncos, inaptos absolutamente para crear ou comprehender idéas; horror mundano, presuppondo-os rudes e reles, de maneiras crassas, improprios para se misturar a naturezas de gosto; horror physico, imaginando que nunca se lavavam, raras vezes mudavam de roupa branca, e que d'elles provinha esse cheiro morno e molle, que tanto surprehende e enoja em S. Bento aos que d'elle não têm o habito profissional.

Havia n'estas ferozes opiniões, certamente, laivos de serena verdade. Mas em geral, os juizos de Fradique sobre a Politica offereciam o cunho d'um preconceito que dogmatisa — e não d'uma observação que discrimina. Assim lh'o observava eu uma manhã, no Braganza, mostrando que todas essas deficiencias de espirito, de cultura, de maneiras, de gosto, de finura, tão acerbamente notadas por elle nos Politicos — se explicam sufficientemente pela precipitada democratisação da nossa sociedade; pela estreita vulgaridade da vida provincial; pelas influencias abominaveis da Universidade; e ainda por intimas

razões que são no fundo honrosas para esses desgraçados Politicos, votados por um fado vingador á destruição da nossa terra.

Fradique replicou simplesmente:

— É boa! se um rato morto me disser, « cheiro mal por « isto e por aquillo e sobretudo porque apodreci », eu nem por isso deixo de o mandar varrer do meu quarto!...

Havia aqui uma antipathia de instincto, toda physiologica, cuja intransigencia e obstinação nem factos nem raciocinios podiam vencer. Bem mais justificado era o horror que lhe inspirava, na vida social de Lisboa, a inhabil, descomedida e papalva imitação de Paris. Essa « saloia macaqueação », superiormente denunciada por elle n'uma carta que me escreveu em 1885, e onde constata, n'um luminoso resumo, que « *Lisboa é* « *uma cidade traduzida do francez em calão* » — tornava-se para Fradique, apenas transpunha Santa Apolonia, um tormento sincero. E a sua anciedade perpetua era então descobrir, através da frandulagem do Francezismo, algum resto do genuino Portugal.

Logo a comida constituia para elle um real desgosto. A cada instante em cartas, em conversas, se lastima de não poder conseguir « um cozido vernaculo! » — «Onde estão (excla- « ma elle, algures) os pratos veneraveis do Portugal portuguez, « o pato com macarrão do seculo XVIII, a almondega indigesta e « divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabe- « della de frango, petisco dilecto de D. João IV, de que os fi- « dalgos inglezes que vieram ao reino buscar a noiva de Car- « los II levaram para Londres a surprehendente noticia? Tudo « estragado! O mesmo provincianismo reles põe em calão as « comedias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos « nutrindo miseravelmente dos sobejos democraticos do *boule-* « *vard*, requentados, e servidos em chalaça e galantine! Desas- « tre estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo « de porco, a vitella de Lafões, os legumes, os dôces, os vinhos « degeneraram, *insipidaram*... Desde quando? Pelo que di- « zem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e o

« Parlamentarismo. Depois d'esses enxertos funestos no velho « tronco lusitano, os fructos têm perdido o sabor, como os ho- « mens têm perdido o caracter... »

Só uma occasião, n'esta especialidade consideravel, o vi plenamente satisfeito. Foi n'uma taverna da Mouraria (onde eu o levára), diante d'um prato complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão de bico. Para o gozar com coherencia, Fradique despiu a sobrecasaca. E como um de nós lançára casualmente o nome de Renan, ao atacarmos o piteu sem igual, Fradique protestou com paixão:

— Nada de idéas! Deixem-me saborear esta bacalhoada, em perfeita innocencia de espirito, como no tempo do Senhor D. João v, antes da Democracia e da Critica!

A saudade do velho Portugal era n'elle constante: e considerava que, por ter perdido esse typo de civilisação intensamente original, o mundo ficára diminuido. Este amor do passado revivia n'elle, bem curiosamente, quando via realisados em Lisboa, com uma inspiração original, o luxo e o « modernismo » intelligente das civilisações mais saturadas de cultura e perfeitas em gosto. A derradeira vez que o encontrei em Lisboa, foi no Rato — n'uma festa de raro e delicado brilho. Fradique parecia desolado:

— Em Paris, disse elle, a duqueza de La Rochefoucauld-Bisaccia póde dar uma festa egual. E para isto não me valia a pena ter feito a quarentena em Marvão! Supponha porém vossê que eu vinha achar aqui um sarau do tempo da Senhora D. Maria I, em casa dos Marialvas, com fidalgas sentadas em esteiras, frades tocando o lundum no bandolim, desembargadores pedindo mote, e os lacaios no pateo, entre os mendigos, rezando em côro a ladainha!... Ahi estava uma coisa unica, deliciosa, pela qual se podia fazer a viagem de Paris a Lisboa em liteira!

Um dia que jantavamos em casa de Carlos Mayer, e que Fradique lamentava, com melancolica gravidade, o velho Portugal fidalgo e fradesco, do tempo do snr. D. João v — Ramalho Ortigão não se conteve:

— Vossê é um monstro, Fradique! O que vossê queria era habitar o confortavel Paris do meado do seculo XIX, e ter aqui, a dois dias de viagem, o Portugal do seculo XVIII, onde podesse vir, como a um museu, regalar-se de pittoresco e de archaismo... Vossê, lá na rua de Varennes, regalado de decencia e de ordem. E nós aqui, em viellas fedorentas, inundados á noite pelos despejos d'aguas sujas, aturdidos pelas arruaças do marquez de Cascaes ou do conde d'Aveiras, levados aos empurrões para a enxovia pelos malsins da Intendencia, etc. etc... Confesse que é o que vossê queria!

Todos em redor rugimos, apertando os cabos das facas:

— Confesse!

Elle, serenamente:

— Moysés, o Budha, Jesus, Proudhon, todos os justos têm dito: *a cada um segundo os seus meritos*... E realmente a vida não é vivivel sem um bocado de pittoresco depois do almoço.

Com effeito, n'esta saudade de Fradique pelo nosso Portugal antigo, havia sobretudo o excessivo amor do « pittoresco », estranho n'um homem tão subjectivo e intellectual: mas sobretudo havia o odio a esta universal modernisação que reduz violentamente todos os costumes, crenças, idéas, gostos, modos, os mais nativos e mais originalmente proprios, a um typo uniforme (representado pelo *sujeito utilitario e sério*) — com a monotonia com que o chinez apara todas as arvores d'um jardim, até lhes dar a fórma unica e dogmatica de pyramide ou de vaso funerario.

Por isso Fradique em Portugal amava sobretudo o povo — o povo que não mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe communica os seus caracteres graves e dôces. Amava-o pelas suas qualidades, e tambem pelos seus defeitos: — pela sua morosa paciencia de boi manso; pela alegria idyllica que lhe poetisa o trabalho; pela calma acquiescencia á vassallagem com que depois do *Senhor Rei* venera o *Senhor Governo;* pela sua doçura amaviosa e naturalista; pelo seu ca-

tholicismo pagão e carinho fiel aos Deuses latinos, tornados santos calendares; pelos seus trajes, pelos seus cantos; e ainda pela sua linguagem escassa, tropega, romba, mas viçosa, e « a « unica em Portugal (diz Fradique) onde se não sente odiosa- « mente a influencia do Lamartinismo e das *Sebentas* de Direi- « to Publico. »

*Eça de Queiroz.*

# OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

## IV

### AS VIAGENS DO INFANTE D. PEDRO

Entre os valles divergentes sulcados pelo Cedron, Jerusalem levanta-se na lombada de quatro collinas reunidas, formando um planalto continuo. Por qualquer lado se sobe para entrar na cidade santa, sobre cujo lastro de casaria, encerrada nas muralhas, as cupulas do Templo e do Santo Sepulchro se erguem sobranceiras. O monte Acra fica no centro, o Gion a poente, o Moria a nascente, fronteiro ao Olivete, ladeando o Cedron, e ao sul o Sion que é de todos o mais alto [2]. Na beira d'elle o rei David mandou construir um pala-

[1] Continuado da pag. 511, numero do 1.º de outubro.

[2] Um illustre peregrino de hoje, o snr. bispo de Bethsaida, descreve assim a cidade santa que visitou: «Jerusalem póde considerar-se situada em posição semelhante á da cidade alta de Coimbra. A natureza do sub-sólo é egualmente calcarea. Tomando o alvéo do Mondego pela torrente do Cedron e a encosta que sobe desde o caes até ao cimo das Couraças, pelo pendor do valle de Josaphat, póde muito bem o monte em que se levanta o convento de Santa Clara assemelhar o Olivete, ficando no sitio da egreja de S. Francisco o horto de Gethsemani, e no da egreja velha de Santa Clara a gruta da Agonia... O valle de Josaphat não é no fundo tão largo como o do Mondego: a largura média não ultrapassa cem metros e o comprimento tres kilometros, cortando a cidade por dois lados, como o valle de Coselhas unido com o do Mondego.

«Jerusalem fórma um quadrilatero, cujo maior lado mede 1:200 metros e o menor 800. Approxima-se d'um quadrado: e é toda circuitada de altiva muralha.

cio, cujos alicerces ainda se viam, no proprio sitio em que observára Bersabé banhando-se no ribeiro que corre em baixo. Junto ao palacio do rei está o seu tumulo, e ao lado os de Salomão e Josaphat [1].

Jerusalem era agora um terço menor do que no tempo dos romanos, quando Jesus padeceu. O monte de Sion ficava fóra das muralhas, mas o do Calvario fôra incluido n'ellas. Tinha a cidade sete portas, das quaes a ultima, ao sul, a Esterquilinaria, por onde as immundicies sahiam para a Gehenna, fôra aquella por onde entrára Jesus Christo depois de preso no monte das Oliveiras. Habitavam Jerusalem quatorze a quinze mil almas, turcos, mouros, arabes e christãos latinos, gregos, georgianos, armenios, coptas, syrios e nestorianos, abexins, chaldeus, gossitas e uns centos apenas de judeus [2]. De samarra branca e sapatos ver-

A população não chega a 21:000 almas. Com propriedade equivalente á que se empregaria dizendo-se: que a cidade de Coimbra assenta sobre cinco montes: dando este nome aos diversos cabeços em que se fundamentam a Universidade e os conventos de Santa Thereza, de S. Jeronymo e das Ursulinas e o cemiterio da Enxada; supprimindo, ou, melhor, enchendo e nivelando os valles das cercas dos Bentos e dos Cruzios; — assim se diz que a cidade santa está alteada sobre cinco montes: Sião, Moria, Bezeta, Acra e Gareb. — Ora, se algum d'estes avulta sensivelmente, tambem algum é quasi imperceptivel...

«É no declive do Gareb que está situado o Calvario; como na suave descida que, para o Jardim Botanico, vem do convento de Santa Thereza, está o de Sant'Anna... Agora accrescente-se: que toda a denominada montanha ladeirenta do Calvario e o sepulchro onde foi depositado o Redemptor, cabem folgadamente dentro d'um edificio menos vasto do que a Sé Nova; e lembre-se que a via dolorosa, *via crucis*, desde a casa de Pilatos, no centro da cidade deicida, até ao proprio logar da elevação da cruz, pouco mais percorre de meio kilometro.» *Ensaios do pulpito* (1880), pag. 185 a 8.

[1] Eug. Roger, *La terre sainete*, etc., 95 a 7.

[2] *Ibid.* 86 a 90. «Os Judeus ordinariamente não chegão a seiscẽtos, posto que algumas vezes sejam mais, & outras menos; porq̃ como na terra não tẽ fazẽdas de raiz, nẽ nella não ha modo de viuer cõ mercadorias, nem outros tratos com que possam sustentar a vida: comẽ o que leuarão & ajuntarão em outras partes... Os Judeus viuẽ humildemẽte mal tratados & pior vistos de todos. Os Christãos pelo cõtrario, permittindo assi o Senhor Deos por sua misericordia porque de todos são bẽ tratados cõ muito respeito: os que morão na terra, como hospedes, como são Gregos & Armenios todos tẽ o que hão mester, os que morão como na-

melhos como o cinto, gorro encarnado-escuro, longas barbas pendentes da face adunca, o judeu cruzava-se com o negro nubio ou ethiope semi-nú, com o armenio de turbante azul e branco, semelhante ao dos gregos. Passavam nas ruas as freiras armenias, cujo rito não tem clausura, com as suas vestes compridas, calções de panno da Turquia, e um véo negro na cabeça, mendigando esmolas, arranjando o leito das calçadas, para que os pés nús dos peregrinos se não magoassem demasiado. O arabe, a cavallo, de turbante branco, envolvido em largo manto, branco tambem, raiado de rôxo ou vermelho, com o cinto de marroquim segurando a adaga e a machada, de alfange pendente e redeas de couro azul, trotava soberanamente, ladeado pelos peões de largas calças atadas nos tornozêlos sobre os borzeguins vistosos. Os syrios nús de peito e pernas, com saiões escuros de algodão presos ao hombro por um suspensorio e justos na cinta, traziam na cabeça altos gorros de pelle de carneiro e o seu armamento era o arco e frechas, com uma adaga e um alfange recurvo á cintura. Mulheres arabes, de mãos e pés nús retintos a vermelho, com manilhas de contas nos tornozêlos e nos pulsos, seguiam vestidas nas suas amplas camisas de algodão azul, que as cobriam todas, levando na cabeça o capello guarnecido com moedas de ouro e prata cosidas em escamas e um lenço negro a cobrir-lhes a cara, com dois oculos diante dos olhos. Nas orelhas traziam brincos e no nariz anneis de agatha, ou lapis-lazuli, ou jaspe verde. As faces, a testa e os braços eram tatuados com signaes symbolicos. As crianças, aos mólhos, revolviam-se alegremente núas pelas calçadas, com estrellas pintadas a côres sobre as testas. E no meio d'esta confusão pittoresca dos povos e usos mais extravagantes, encontra-

turaes são afazẽdados muyto mais que os Mouros, cõ suas laurãças de pão e de vinho.» Aveiro, *Itin.* 62 e 62 v.

« Tem por costume os Judeus que vivem naquellas partes Orientaes fazer o possiuel por ajuntar dinheyro: com que se possão sustentar em terra sãcta, & juntos se vão morar a Hierusálem & alli se aposentão & morão todo o tempo que lhe dura a provisão esperando o Mexias que hade vir ao dia de Juyzo julgar os viuos & os mortos.» *Ibid.* 147.

va-se a gente de Deus: os derviches e santões, os mendigos, ermitões, calendéres, e toda a casta de homens allucinados pela visão, ululando esfarrapados, fazendo gala da sua miseria, que o povo respeitava com verdadeiro medo. O derviche vestido com um poncho de côres rutilantes, agitando o seu bastão, de mitra branca e pernas núas; o mendigo com mantos singulares, rapada a cabeça, ou emmaranhada em cabelleiras e barbas grotescamente medonhas, de cruz de ferro na mão, batendo como um doido; o calendér completamente nú, attestando d'um modo physico a castidade da sua vida [1]; as santas mulheres maronitas, vestidas á moda syria, seguindo processionalmente e soltando córos de gritos agudos e estridentes — Heli, li, li, li, li, li... com a ponta da lingua agitando-se entre os beiços n'um delirio [2]: todos esses doidos da religião, eram a gente querida na metropole do mundo transcendente, na cidade santa de judeus, mahometanos [3] e christãos. Tinham a mesa sempre posta e o tecto patente sempre, em todas as casas, para os receber, alimentar e servir, com uma veneração feita de piedade e susto, como reliquias sagradas do antigo vendaval da fé, quando em turbilhões se agitavam as velhas heresias: gnosticos e priscillianos, carpocraticos e elksaitas, marcosianos e nicolaitas, montanistas e arianos, circuncellios, valesianos, sethanianos, arconticos, marcionitas, e os cainitas satanicos, mais os ebionitas, di-

[1] Eug. Roger, *La terre sainete*, etc. pass.

[2] Della Valle, *Viaggi*, I, 455.

[3] Ziarêt é o nome que os mahometanos dão aos logares santos que sem serem sagrados pelo islamismo, são reconhecidos como taes e onde os christãos se admittiam mediante esportula. V. Della Valle, *Viaggi*, I, 462. O culto dos musulmanos por alguns dos logares santos é attestado por todos os peregrinos. Do Sepulchro Santo diz Pantaleão d'Aveiro: «E os peregrinos assim Mouros como Turcos que vão em Romaria á Casa de Meca não a tem por boa & acabada, se não vão visitar este Tẽplo & outras particularidades de Hierusalem.» (138) Além do Sepulchro, o Templo de Salomão, o tumulo da Virgem e a sepultura dos patriarchas em Hebron, eram logares visitados sempre. No dia 1 de agosto, seis, sete ou oito mil turcos e mouros celebravam no tumulo da Virgem a festa da sua assumpção, vindo ahi de todas as partes, até da India. (152) O mesmo succedia com o presepe de Bethlem. (183).

rectos discipulos do Galileu, que proclamavam a morte universal por uma dôce caridade apathicamente extenuante.

Entraram em Jerusalem, indo habitar no recinto da cidade baixa, reservado aos peregrinos christãos, que os receberam de braços abertos com extremos de religiosa alegria. Começaram logo as suas peregrinações devotas. A primeira foi ao Santo Sepulchro, que fica na vertente sul do Golgotha, adiante da prisão de S. Pedro; e, entrando na egreja, oraram em companhia dos doze monges que, havia um seculo, o rei de França Philippe VI alli puzera, com licença do sultão, para guarda do Sepulchro Santo e em memoria dos doze apostolos [1]. O guardião acompanhou-os logo ao recinto sagrado que um mouro guardava [2], e dando-lhe vinte peças, penetraram cheios de contrição. Sobre o Sepulchro havia uma capella onde não cabiam mais que tres homens: o sacerdote da missa, o diacono e o sub-diacono. Para entrar era mister curvarem-se todos e sujeitarem-se á affronta de receber uma bofetada da mão do mouro. Mais soffrera Jesus Christo para nos trazer a redempção!

Visitado o Sepulchro, subiram ao Calvario, no alto do monte Golgotha, d'onde para poente viam fechar-se a garganta escura de Gehennon, em que nasce a torrente do Cedron, e palparam com as suas mãos as tres covas ainda abertas das cruzes do Sacrificio. Todo o monte do Calvario, pequeno cerro de dezoito a vinte pés de altura, incluindo o logar do Sepulchro

[1] Em 1418, sete ou oito annos antes da viagem de D. Pedro, alguns emulos dos frades menores, a cuja guarda fôra confiado o Santo Sepulchro, quizeram despojal-os d'essa regalia; o papa Martinho V commetteu a causa ao patriarcha de Jerusalem, Egradense, que sentenciou a favor dos franciscanos. V. Aveiro, *Itin.* 105 e 105 v.

[2] Era ainda assim um seculo depois, como diz Fr. Pantaleão d'Aveiro: «A porta d'este Sagrado Templo, sempre está fechada com duas chaues: & no alto selada com o selo do gram Turco, o qual selam pondo hũa escada de mão. As chaues, & selo estão sempre a bom recado, na mão de tres Turcos, tendo hum delles o selo, & os dois cada hum a sua: os quaes, quãdo se hade abrir a porta, pera entrarem peregrinos, ou por qualquer outra causa são chamados os ditos tres Turcos cõ seus officiaes», *etc.* (68 v. 69). V. a descripção do Santo Sepulchro, c. XXII e XXIII.

Santo, e aquelle onde se achou a verdadeira cruz do Salvador no tempo de Santa Helena, fôra pela piedosa imperatriz transformado n'um santuario de innumeras capellas. Aqui está a cova onde se ergueu a Cruz, emmoldurada em prata [1] e confiada á guarda dos georgianos [2], ladeada pelas columnas erguidas no logar das cruzes do bom e mau ladrão; além a rotunda do Sepulchro, com os seus lampadarios que n'outros tempos, quando havia ainda milagres! em Sabbado Santo o fogo do céo, baixando, vinha accender [3]; depois a capella de Santa Maria Egypciaca, essa outra Magdalena; depois a dos tumulos de Godofredo de Bouillon e de Balduino; depois muitas mais, incluindo aquella onde se guardava a verdadeira cabeça de Adão, trazida alli nas ondas do diluvio, para que fosse regada pelo sangue do Redemptor [4].

Desceram a Via Sacra, Dolorosa, Tenebrosa, ou da Amargura, que do Calvario vae dar á porta dos Rebanhos, por onde se sae para Bethania pelo valle de Josaphat, cortando em angulo recto o caminho desde o palacio dos Macchabeus até ao de Herodes de Ascalonia, levantado no cerro de Bezetha. Na intersecção dos dois caminhos ficava a casa de Poncio Pilatos sobre o logar do antigo paço de Salomão; e defronte, a quarenta passos para o norte, as ruinas da capella erguida no proprio logar onde o Salvador fôra açoutado. Blasphemia! Essa capella era agora uma estrebaria [5].

[1] «Tem aquelle buraco mais de dois palmos daltura & quasi de tres: sua largura quasi que cabe hũa cabeça humana: o que muitas vezes experimentey pera minha spiritual consolação, hora metendo a cabeça, hora os braços... Tem o dito buraco hum grande bocal de prata laurado de Imagens, & derredor hum letreyro que diz: *Locus in quo Crucem domini fixa fuit quando in ea pependit.*» Aveiro, *Itin.* 75.

[2] «O qual lhe concedeo o Soldão do Egypto, quando possuia aquella terra.» *Ibid.* 95.

[3] Id. *ibid.* 111.

[4] «Onde affirmão que foi achada a caueira de nosso Padre Adam & que estando nosso Redemptor crucificado na Cruz: seu diuino sangue correu de maneira que foi dar na caueyra, & a banhou toda & tem os Georgios isto tanto por fé: que só Deos lhe pode fazer crer outra cousa.» *Ibid.* 94 v. — Roger, *La terre saincte,* 103 a 120.

[5] Eug. Roger, *La terre saincte,* 101.

*

O palacio do antigo pretor da Judêa está por cima do templo de Salomão; e ainda, apesar de tão grandes voltas dadas pelo mundo, era a residencia do pachá egypcio; ainda se levantava sobre doze degraus de pedra: outros, porque os antigos tinham ido, muito havia, para S. João de Latrão, em Roma. O Pretorio servia de cozinha ao pachá [1].

Paravam-se a orar, ajoelhando piedosamente em todos os logares santificados. Foram á arcada do *Ecce Homo*, junto da qual Nossa Senhora e S. João encontraram Jesus no caminho do Calvario; subiram á galeria que atravessa a rua sobre a arcada, com duas grandes janellas, d'onde Pilatos, cujo palacio fica para sul a trinta passos, mandou mostrar o Salvador aos judeus, vestido de purpura, coroado de espinhos e ainda lavado no sangue da flagellação, perguntando o arauto qual das duas vidas preferiam, se a de Christo, se a de Barrabas! E a plebe n'um delirio respondeu, condemnando Jesus: *Tolle, tolle, crucifige!* A galeria estava franca aos romeiros, e na pedra dos pilares via-se gravado o clamor blasphemo: *Tolle, tolle, crucifige!* [2]

Pisaram o proprio sitio em que Simeão ajudou o Redemptor a levar a cruz; a casa do pobre lazaro, onde as santas mulheres choravam; a do mau rico; a de Isabel, fronteira ao collegio dos scribas; e com todas estas recordações presentes reconstruiam na sua alma atribulada o glorioso drama da Paixão.

[1] Aveiro, *Itin.* 131; Roger, *La terre saincte*, 100.

[2] Eug. Roger, *La terre saincte, etc.* 101. Da Arcada do *Ecce Homo*, diz Della Valle: «La sua prospettiva é una colonna in mezo che sostiene due archi voltati un di qua & un di la, come due finestre grandi.» *Viaggi*, I, 429. A casa da Veronica «é ancora in piede e se habita.» *Ibid.* 428.

«Este passadiço tem duas janelas, hũa ao Norte, outra ao Sul, lauradas toscamente, cõ seu pilar no meyo de obra rustica & tem ao pé do pilar de cada parte hũa pedra grãde com hum Letreyro de Letras gregas & Latinas: & como estão gastadas do tempo, & altas: hũs affirmam dizerem hũa cousa & outros outra. No Letreyro da parte do Norte se lê claramẽte *Christus Deus* de Letras Latinas: & na outra parte das mesmas *Ecce Homo: et Tolle, tolle:* Eu, ou pelo que ouuia dizer a outros, ou por ser assi: sempre me parecia que lia estas palavras.» Aveiro, *Itin.* 132.

Para o sul, na velha cidade de David, sobre o Sion, foram vêr as casas de Annaz e de Caiphaz, na rua do Captiveiro, e observaram com religiosa compuncção que nem a herva crescia, nem havia terra oitenta passos em volta do logar onde Judas deu a paz a Christo: todo o chão ficou da côr do sangue! Ambas as casas dos juizes eram egrejas: na de Annaz um convento armenio; na de Caiphaz o templo de S. Salvador ainda de pé, e sob cujo altar se guardava a tampa do Santo Sepulchro. No atrio da casa de Annaz viram a oliveira onde amarraram o Senhor emquanto esperava que o julgassem, e ao pé a laranjeira a que se encostou Pedro quando pela primeira vez renegou a Christo. Escutaram a vêr-se ouviam o ruido milagroso da bofetada dada na face do Salvador... [1] No pateo da casa de Caiphaz ainda havia um resto da chaminé a que o mesmo Pedro se aquecia quando renegou Christo pela segunda vez.

Viram por doze cruzados a cadeira de Annaz, em que julgou a morte de Jesus; e subiram ao tumulo de David no alto da acropole da velha Jerusalem [2]. Querendo entrar no Templo, não lhes foi consentido. Junto aos muros, na encosta do monte Moria, tinha sido o templo de Salomão d'onde Jesus expulsou os vendilhões, e onde sua mãe veio encontral-o a discutir com os doutores. Arrazado e queimado por Tito, quando os romanos saquearam Jerusalem, no logar d'elle tinham construido os mahometanos outro, cuja entrada era absolutamente defeza a christãos. O Haram, assim lhe chamavam, era um corpo octogonal

[1] «Opinião he de muytos Christãos da terra que alli naquella Igreja se ouve sempre o tom de hũa bofetada, em memoria da injuria que alli foy feita a nosso Redemptor... Nunca tal cousa senti, & se passa, como dizem & affirmão, por meus peccados não mereci ouvila, nem sentila.» Aveiro, *Itin.* 125 v. e todo o cap. XXXVIII. V. Eug. Roger, *La terre saincte,* 99, 100.

[2] «L'antica torre de David chè composta di grossissime pietre quasi intera infin' adesso si conserva.» Della Valle, *Viaggi,* I, 441. «... cuberta com hũ muy rico pano de ouro broslado do mesmo, com letras Mouriscas entalhadas & recamadas, que declarão cuja é a sepultura: a qual he feita como hum Altar, em cima do qual tem posta, como tumba, daltura de dous couados: & o pano douro cobre tudo até o chão.» Aveiro, *Itin.* 121.

encimado por uma cupula, ricamente vestido de marmores. A porta Aurea ficava ao lado: alli Jesus prégava ao povo, encostado aos humbraes, que do roçamento do seu divino corpo receberam uma efficaz virtude para a cura da gota coral e para a extracção de demonios. Pela porta Aurea entrou o Redemptor em triumpho, no dia de Ramos [1].

Proseguindo as suas visitas para o lado oriental da cidade, foram ao logar onde S. João Baptista fazia oração e á gruta onde dormia, e pagaram um cruzado. «É perdoada culpa e pena.» Junto á porta dos Rebanhos, para norte, ao lado da probatica Piscina, encostada aos muros da cidade, está a casa de S. Joaquim e da Senhora Sant'Anna, os paes da Virgem, piedosamente guardada por uns santões, «e não ha casa em Jerusalem mais conhecida, porque é feita a frontaria de grandes e formosas pedras.» Via-se ainda o proprio quarto dos paes da Virgem, e em que ella foi concebida sem peccado. Apesar da egreja servir de mesquita, e do convento annexo estar occupado por um chefe mouro, dizia-se ahi missa, dizia-se tambem no proprio quarto da Senhora Sant'Anna [2], porque os musulmanos eram tanto mais tolerantes em Jerusalem, quanto n'esse berço commum das religiões do Livro, já não corria perigo o seu imperio. Sahiram as portas, passaram a ponte do Cedron: estavam na outra margem, diante do monte das Oliveiras, melancolicamente levantado perante os seus olhos arrazados de lagrimas.

Não tinham visitado ainda a casa de Nossa Senhora, Jamas-el-Adra, que ficava a uns cem passos para o sul do Templo, e que, depois d'elle, era o melhor monumento de Jerusalem, com os seus tres zimborios cobertos de laminas de chumbo, assentes sobre columnas de marmore cinzento. Aqui a Virgem esteve desde a edade dos tres annos até ao seu casamento: na casa de Anna prophetisa como quem vivia em jejuns e devoções, separada de seus paes. Jamas-el-Adra era tida em grande

[1] Aveiro, *Itin.* 139 v. e todo o cap. XLII; Roger, *La terre saincte,* 90 a 5.
[2] Roger, *ibid.* 120, 1.

respeito pelos mouros, e os infieis vinham ahi rezar piedosamente [1]. Tampouco tinham visto ainda a fonte da Virgem, cujos restos vão cahir na piscina sagrada de Siloé, e onde Nossa Senhora ia com as raparigas de Jerusalem lavar a roupa; nem a casa no cume do Sion, logo ao lado do Cenaculo (onde Jesus Christo instituiu o Sacramento do seu divino corpo e sangue), em que a Virgem viveu depois da Ascensão de seu filho, e em que os apostolos se reuniram para lhe assistir á morte. Restava d'essa casa um lanço de parede [2].

Faltava-lhes ainda vêr, com a sua curiosidade piedosa, tantos logares sagrados! O horto de Gethsemani, encravado no sopé do monte Olivete [3], onde Jesus chorou, junto ao ponto em que se apartam a estrada de Bethania e a rua do Captiveiro; a gruta da Agonia onde chorou S. Pedro, e se arrependeu de ter negado a Nosso Senhor Jesus Christo. Ahi pagaram quarenta dinheiros por cabeça. Viram a propria arvore em que Judas se enforcou, a figueira da Maldição, e junto d'ella os restos da arcada do traidor [4]; pisaram o proprio logar da prisão de Jesus, junto á ponte, no começo da rua do Captiveiro; andaram no deserto onde o Salvador jejuou a quaresma, e sobre o sitio em que Satanaz o tentou, ao pé do tumulo de Zacharias, já no fim do valle de Josaphat, para o sul, quasi no sopé do morro do Candal, junto das sepulturas de Jeremias e dos prophetas.

*
* *

[1] Eug. Roger, *La terre saincte,* 95.

[2] Aveiro, *Itin.* 120; Della Valle, *Viaggi,* I, 428; Roger, *La terre saincte,* 123.

[3] «E está tam metido dentro da raiz do Monte Olivete, que parece ficar sobterraneo. As paredes & coberto de cima são do mesmo Monte, a terra he como saibro, & pisarra: & da mesma tem no meyo dous esteios que sustentam aquella coua: a qual terra aproueyta pera muytas infirmidades & a temos lá por particular Reliquia.» Aveiro, *ibid.* 155.

[4] Eug. Roger, *ibid.* 133.

Terminada a visita de Jerusalem, jornadearam outra vez para o norte, atravessando a Samaria. Pararam no monte Thabor, onde Jesus Christo appareceu transfigurado aos seus discipulos, Pedro, Thiago e João, resplandecendo-lhe a face como sol, vestido de uma alvura offuscante; e Moysés e Elias vieram fallar-lhe, e os discipulos cahiram por terra fulminados por aquella revelação milagrosa da divindade do Mestre e da missão divina que tinha a cumprir em Jerusalem. O Thabor appareceu-lhes envolvido no seu manto de milagres, coroado de neve, «e uma sepultura mui grande; e quando a gente chega perto desapparece a neve e a sepultura, e tornando depois a olhar, logo torna a apparecer, que não é Nosso Senhor servido que os homens saibam onde está o corpo de Moysés.»

O Thabor levanta-se isolado, com a fórma de um pão d'assucar. Na base mede uma legua de circuito; o cume tem quinhentos passos de diametro; e d'esse terraço, mil metros erguido sobre o mar, avista-se toda a Palestina, salvo Tiberiade e o seu lago que o monte Saron esconde. Tiberiade, a sete leguas de Nazareth para oeste, não era então mais do que uma floresta de columnas, no meio das quaes habitavam umas duzias de familias de mouros [1]. O lago, tambem chamado Genezareth e mar da Galilêa, tem uma superficie de vinte leguas quadradas; o seu aspecto lembrava aos viajantes o golfão do Tejo, em frente de Lisboa [2].

A sua agua é santa para judeus, arabes e christãos. Nas

[1] Eug. Roger, *La terre saincte*, 61. Na primeira metade do seculo XVII, que é quando Roger a descreve, havia em Tiberiade doze familias de judeus portuguezes, certamente fugidos á perseguição do seculo anterior. Já no meiado d'esse seculo a viagem de Fr. Pantaleão d'Aveiro accusa a existencia de numerosas colonias de judeus portuguezes e castelhanos emigrados. Em Sapheto moravam mais de quatrocentos (266, 8), «dizendo-me que seus peccados os auiam tirado de Portugal não pera a terra da promissão como elles cuidauão: mas pera a terra da desesperação, onde se uião & com suas miserias espermentauão.» Em Damasco, o viajante encontra outra colonia (273); em Tripol, o porto de mar de Beiruth, «auerá dois mil Judeus, os mais delles Portuguezes.» (292).

[2] Aveiro, *Itin.* 264.

margens viçosas de pomares congregavam-se cinco tribus: Manasse, Gad, Issachar, Zabulon e Nephtalin; e dos tempos felizes da Judêa, quando os romanos a governavam, viam-se em torno d'elle as ruinas de numerosas cidades: Tiberiade, reclinada sobre a agua que lhe beija os pés, Capharnaum, Corosaina, Hippos e Bethsaida, onde nasceram S. Pedro e Santo André, S. João e S. Thiago, os pescadores galileus que primeiro ouviram a palavra do divino Mestre, cuja voz amansou as aguas quando iam na barca deitando as redes... Entre Bethsaida e Tiberiade, no alto da collina, erguiam-se negras as ruinas das muralhas do castello de Magdalon, d'onde tirou o nome a formosa Magdalena. E pelas margens do lago sagrado, entre as ruinas das cidades, erravam mouros impenitentes: dez ou doze familias viviam em Bethsaida [1].

Tambem o Thabor já se erguera duas vezes coberto de construcções: da primeira nos tempos remotos em que o filho de Aristobulo ahi defendera a independencia da Judêa contra os romanos de Vespasiano commandados por Gabinio; da segunda quando Santa Helena fez da montanha um santuario, levantando tres capellas no cume. As ruinas da cidade antiga, as ruinas das muralhas, as ruinas das egrejas e conventos, desappareciam sob as espessas moitas de medronhos, de cambroeiros, de camarinhas e cevadilhas, de alfarrobas e zambujos, erguendo-se no chão coalhado de rosmaninho, esteva e tojo. Bandos infinitos de rolas gemiam, como a chorar a desolação do monte sagrado de que os javalis tinham tomado posse, e cujas ingremes vertentes eram absolutamente inaccessiveis por todos os lados, menos um. Na base d'essa vereda abrupta, a poente, a aldeia de Tur, habitada por mouros, vivia miseravelmente das esportulas dos peregrinos: cada subida ao monte sagrado deixava-lhes vinte soldos [2].

Transpondo as fronteiras da Galilêa, foram outra vez a Nazareth, e visitaram o ponto onde Nosso Senhor, resuscitado,

[1] Roger, *La terre saincte,* 62 a 4.

[2] Id. *ibid.* 55 a 9. Della Valle chama Tabor á aldeia. *Viaggi,* I, 500.

appareceu a seus discipulos; depois de terem ido a Hebron, oito leguas distante de Jerusalem, vêr a sepultura de Adão. Tinham os mouros posto ahi um templo magnifico, traçado sobre o risco do de Jerusalem, guardando a gruta onde estão aos pares enterrados, Adão e Eva, Abrahão e Sara, Isaac e Rebecca, Jacob e Lia, logar vedado aos judeus e christãos [1]. Para além da Galilêa, entra-se, e entraram os nossos romeiros, no *campo damasceno*, de cujos bancos de terra vermelha e gorda, como greda, foi que Deus fez Adão [2]. Levaram d'esse barro, para reliquia; viram as grutas onde Adão e Eva habitaram depois de expulsos do paraiso, e a bananeira cujo fructo comeram [3]. Não puderam ir a Jaffa, que foi onde Noé construiu a Arca do Diluvio [4]. Toda a historia, sagrada pela religião, lhes apparecia concretamente, com uma nitidez de fabula realista. Jornadeavam de novo a caminho da Armenia, Syria em fóra, esperando que, abençoados já com a santa peregrinação, pudessem penetrar n'esse Oriente mysterioso, depois do mallogro da primeira investida, quando tinham partido da côrte do Turco com o salvo-conducto para atravessar a Asia-menor.

Diz o chronista que chegaram ás serras da Armenia onde a lenda põe a arca de Noé depois do diluvio, no monte Ararat

[1] Gomes de Santo Estevam diz *Ecrem:* evidentemente é Hebron. V. Aveiro, *Itin.* 95 e Roger, *ibid.* 185, 6.

[2] «Os christãos da terra fazem della rosayros de contas que vendem aos peregrinos: hũs da mesma côr natural, & outros, que tingẽ de negro. Os Mouros fazem della hũs bolinhos como pastilhas a que chamam Terra Sigilata & os levão a vender a Persia, Ethiopia, & India: & per todo o Oriente os vendem como cousa muy preciosa & de estima. A coua donde a tirão, quanto ao que vi, podem nella caber tres homens, aos quaes dará pola cintura. Affirmão os moradores daquella terra, assi Mouros como christãos, estar sempre em hum ser a terra daquella coua, com tirarem de contino della.» Aveiro, *Itin.* 200 v.

Kiepert, *Atlas antiq.* põe o Paraiso na entrada N. do Valle de Bucca, abaixo de Laodicea, n'um confluente do Orontes. Damasco fica ao sul, fóra do valle, a léste do Anti-Libano.

[3] «Estas são hũas aruores de altura de hũa lança, ou quasi: dão hũs cachos grandes» etc. Segue a descripção de uma especie de musa que o auctor crê serem «as Bananas do nosso Sã Thomé». Aveiro, *ibid.* 32 v.

[4] Roger, *La terre saincte,* 185, 6.

(Macis, ou Agri-Dagh) que fica a treze leguas para sudoeste de Erivan. Não é crivel, porém, que fossem tão longe, porque, sendo assim, a narrativa não seria tão summaria, nem tão caprichosa. Os nomes regionaes applicavam-se com uma grande indeterminação, e a Armenia era um d'esses. Progredindo para o norte da Palestina, chegaram talvez até á cordilheira do Libano, sendo forçados a regressar. «Estas serras da Armenia são mui altas, diz Gomes de Santo Estevam, e gastamos em subil-as dia e meio, e por entre as serras passa um rio mui corrente onde se acham pedras preciosas [1]. Entre estas serras está atravessada a Arca de Noé e da humidade do rio estava a Arca coberta de hervas, e do esterco das aves estava branca como a neve, e nenhum de nós pôde chegar junto á Arca por causa dos grandes bosques e altas serras que alli havia.»

Mallograda, pois, a segunda investida para o Oriente, tornaram ao Egypto; e n'este ponto a jornada do infante adquire um caracter novo.

Chegada a caravana a Babylonia, isto é, ao Cairo, encontraram ahi outro sultão. O de agora era castelhano, natural de Villa Nova da Serena, na Extremadura, e filho de mestre Martins e da Barbuda. Estas indicações positivas, sem relação com as idéas convencionaes do seculo XVI, em que pela primeira vez veio a lume a narração da viagem, são mais um argumento a favor da sua authenticidade. Ou já mutilada e interpolada pelo primeiro editor que a teria colligido d'algum velho manuscripto, ou adrede accrescentada para lhe dar um alcance historico superior ao da empreza do infante D. Pedro, o facto é que este segundo periodo da viagem se encontra singularmente confuso e falseado. Não porém no caso do sultão do Egypto, decerto algum dos muitos renegados que desde então até hoje, e sempre, abundaram nos estados musulmanos.

[1] Talvez o Lita ou o Orontes que, nascendo em Balbek (Heliopolis) no centro do valle de Bucca, aberto entre as cordilheiras parallelas do Libano e do Anti-Libano, correm divergentemente, o primeiro para o sul, vindo sahir ao mar acima de Tyro, o segundo para o norte, indo confundir as suas aguas com as do Eleuthero que cae no mar em Zemar (Simyra). — Kiepert, *Atlas antiq.* 82.

Contou o mameluko a sua historia. Fôra feito captivo n'uma correria dos arabes de Granada que o tomaram na sua villa, o mandaram a Fez, e o fizeram mouro. O caso era frequente, e muito mais nas provincias e estados, como o Egypto, em que, pela anarchia do imperio, o poder cahira nas mãos da soldadesca: tão frequente que as proprias guardas do sultão do Egypto se compunham de renegados como elle. Em taes circumstancias, corria-se o perigo de encontrar nos renegados uma ferocidade excepcional, originada no remorso; mas succedia tambem, e foi isto o que succedeu ao infante D. Pedro, achal-os rendidos pela saudade da patria. O mameluko recebeu os peregrinos de braços abertos e permittiu-lhes que seguissem acompanhados por guardas suas.

Seguissem para onde? Parece fóra de duvida que caminharam pelo valle do Nilo, subindo-o. Pela terceira vez investiam com o Oriente mysterioso, em demanda do Preste Joham, e d'esta feita iam por estrada certa e mais segura. Pelos desertos que ladeiam o Nilo, chegaram até *Assião*, que é sem duvida Assûan (24° 5′) no extremo da região inferior do rio. D'ahi entra-se no desconhecido. A travessia do deserto de *Ninive* póde ser a da Nubia; e a cidade de *Samasa* póde ser Samhara, no littoral do mar Vermelho, em baixo, junto ao estreito de Bab-el-Mandeb. O chronista diz, com effeito, que passaram depois á Arabia (e a costa do Yemen fica fronteira) de onde cita o conhecido uso da exposição dos cadaveres, mencionando com exactidão a cidade de Saba que é Mara, Marieba, hoje Mareb ou Sabbiah, entre o Yemen e Mascate, emporio do commercio oriental, velha e riquissima terra d'onde as tradições fazem vir a rainha que visitou Salomão, na éra em que esse D. João v da Judêa estabelecia as suas relações commerciaes com Ophir, que é a India occidental, por meio da navegação do mar Rôxo e do golfo de Akabah, lateral do Sinai, com as frotas construidas nos estaleiros de Asiongaber [1].

Se pelo Nilo foram até ao extremo da costa occidental do

[1] V. Renan, *Hist. du peuple d'Israël*, II, 119-20.

mar Vermelho, subiram-n'a pelo Oriente até ao Sinai; e o Preste Joham que procuravam, deixavam-no escondido nas suas montanhas acastelladas da Ethiopia. No Sinai, destino já no Egypto indicado á peregrinação, foram visitar o tumulo de Santa Catharina, guardado por um batalhão de cento e oitenta frades. Eis aqui a descripção do livro de Santo Estevam:

«O logar onde está o corpo de Santa Catharina é acima do mosteiro em uma penedia muito alta, a qual dizem que feriu Moysés com a vara, quando sahiu agua em abundancia para os filhos de Israel. Em o penedo está um grande signal e esta agua não sae. Em cima d'esta penedia está uma egreja pequena, onde está a sepultura d'esta santa e continuamente estão aqui dois frades de S. Francisco que vigiam o corpo de Santa Catharina que está alli em carne e osso. Ao pé d'este penedo estão duas estacas, e uns calabres muito grandes atados n'ellas, e em cima da parede da egreja de Santa Catharina estão outras duas estacas, onde os cavalleiros estão bem amarrados, e por elles á maneira d'escada com seus degraus de corda sobem acima, que bem haverá cento e sessenta braças d'alto, e os frades do mosteiro, de baixo, de tres em tres dias lhe mandam tres cousas: pão e agua para os frades, e azeite para a lampada: e isto mettem dentro d'uma cesta, a qual tomam os de cima por uma corda que está no alto. E assim, quando hão mister alguma cousa, escrevem um papel, e mettem-no dentro da cesta, e de baixo olham o que querem e o mettem dentro, e fazem signal que tirem ao de cima, e logo sobem a cesta. Pedimos licença ao prior para subir acima, que de boa vontade a concedeu. E começamos a subir pela escada, e como nos sentiram os padres de cima, deitaram-se de peitos sobre os degraus do altar, que não lhe pudemos vêr a cara. Entrámos na egreja, a qual é feita de duas pedras só. O chão da egreja e os degraus do altar e do sepulchro de Santa Catharina, onde está o prato em que cae o oleo do corpo da Santa, tudo é uma pedra; e o portal da egreja e a abobada d'outra pedra, e d'onde está encaixada, é feito milagrosamente por mãos dos anjos. E subindo sobre os degraus se vê o corpo d'esta santa em carne e

osso, que está mettido no altar meia vara para dentro. E para que se possa vêr sem lhe tocar, está diante uma pedra a modo de rêde, milagrosamente feita, e no altar celebram os padres missa. E alli se vê o oleo que lhe sae dos braços, o qual sara todas as enfermidades. Estivemos a fazer oração, e vendo a perfeição da egreja cinco ou seis horas, e depois descemos pela escada de corda para o mosteiro de baixo, e D. Pedro pediu licença ao prior para passar adiante. O prior lhe disse:

«— Pois vossa vontade é ir ávante, olhai que haveis de passar por terras de infieis; e vós outros sois treze, e se algum morrer, levai d'aqui treze tunicas em que sejaes enterrados.»

É muito facil que no Sinai houvesse, por occasião da visita do infante, ermitões stylitas vivendo á moda habitual d'esses monges, no alto de penedias inaccessiveis, recebendo a comida por vai-vens de corda; mas não é menos verdade que o chronista da viagem mistura aqui o phantastico e o verdadeiro, em dóses variadas. No cume do Sinai está a capella onde a tradição reza terem os anjos guardado o corpo de Santa Catharina [1]; em baixo o mosteiro onde se conserva o cadaver da santa [2]. O convento, erguido sobre o logar em que a sarça ardente appareceu a Moysés, quando guiava o seu povo para a terra da Promissão, foi primeiro apenas uma capella construida por Santa Helena; mais tarde Justiniano edificou uma vasta egreja e o mosteiro acastellado em volta de cujos muros os alarves do Sinai veem diariamente reclamar alimentos com alaridos ameaçadores. Reza a tradição que Mahomet fôra um d'esses nomadas, servindo de moço de camêlos aos frades, e que em reconhecimento ordenára se respeitasse por todo o sempre o mosteiro do Sinai [3].

[1] «... cappelletta che stà nella cima altissima del Sinai dove gli Angeli portarono il corpo di Santa Caterina e lo custodirono un tempo. Il sasso dove a punto ella giacera è, per miracolo, come dicono, gonfio e mostra quasi la figura de un corpo nel luogo dove il suo corpo riposava.» Della Valle, *Viaggi*, I, 356.

[2] «Bacciamo più volte la Santa testa e la mano sinistra, che bellissima si vede con tutte le sue dita, carne, & unghie.» *Ibid.* 362.

[3] Id. *ibid.* 345, 7.

No Sinai acaba, ao que parece, a descripção da viagem; se porventura não pertence tambem ao dominio da phantasia a excursão da Arabia. Do Sinai voltou provavelmente D. Pedro á Europa pelo Egypto, atravessando embarcado o Mediterraneo [1].

*
* *

De volta do Oriente, foi o infante á côrte de Sigismundo que regia o imperio desde 1411, sendo rei da Hungria desde 1395 e da Bohemia desde 1419. O antecessor do duque Alberto d'Austria, cuja eleição, em 1437, fixou o sceptro dos romanos na casa dos Hapsburgos, andava então occupado na Bohemia com a guerra dos hussitas (1420-33). De lá, ou da Hungria, atravessando toda a Europa central, seguiu D. Pedro para a Dinamarca. Desde a união das tres corôas da Suecia, da Noruega e da Dinamarca, na cabeça da rainha Margarida, a quem Erik I succedera em 1397, eleito pelas côrtes de Calmar, os povos scandinavos, unificados n'um só estado, pretendiam constituir no norte um imperio parallelo ao velho imperio romano, ou germanico, do centro da Europa. O mesmo succedera em Hespanha, quando Affonso VI (1072-109) depois da expansão prodigiosa dos seus dominios, tambem se chamava imperador. No pensamento politico da Edade-média ficára a idéa de que, acima dos thronos independentes das nações, tinha de haver um poder suzerano, denominado imperio, como succedia na Allemanha e na Italia; mas esta idéa não se generalisou, nem a

[1] O *Livro* ou *Auto* de Santo Estevam diz ainda que foram á casa de Meca vêr o tumulo do propheta (que aliás está em Medina) e descreve as viagens de D. Pedro na Ethiopia, pintando as terras do Preste Joham com os traços que se encontram nos chronistas do seculo XVI. (V. a *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias* pelo P. Francisco Alvares, ed. de 1540, fielmente reproduzida pela Imprensa Nacional de Lisboa, 1889.) Não é crivel que D. Pedro fosse á Ethiopia, nem que descobrisse o Preste, pois um tal facto não poderia passar desapercebido. São evidentes additamentos do editor do seculo XVI.

Europa se dividiu em imperios, principalmente por causa da constituição moderna da França que deu ás monarchias um typo novo a imitar.

A tentativa de imperio scandinavo falhou tambem em 1439 quando Erik I foi deposto; e se Christovam-o-bavaro ainda conservou a união por oito annos, em 1448 os tres reinos separaram-se. Na occasião da visita do infante, o *imperador* Erik estava no pleno gozo de um poder consideravel, e D. Pedro acompanhou-o na expedição que conduziu á Hungria para combater ao lado do imperador Sigismundo na guerra travada com os turcos alliados aos venezianos que, socios no saque do imperio byzantino, eram muitas vezes inimigos da Europa occidental. Em paga dos serviços feitos por D. Pedro, o imperador deu-lhe o feudo da marka de Treviso, que Veneza perdera na guerra, depois de quasi um seculo de occupação, desde 1339, quando tinha começado a alargar o seu dominio na Italia continental adquirindo essa fronteira.

Terminada a guerra, o infante passou a Inglaterra onde reinava Henrique VI, ultimo dos Lencastres, desde 1422. Era tambem um rapaz ainda, este rei seu primo, fadado para um destino infeliz. Era um rapaz, e a sorte apresentava-se-lhe illusoriamente ditosa. As conquistas de França cresciam a ponto de em dois annos (1429-31) chegar a ser coroado em Paris, quando em Ruão queimavam Joanna d'Arc. Talvez esse crime fosse a causa do rapido desmoronamento do seu poder; porque em 1451, com a perda de Bordeus e Bayonna, acabou-se-lhe o reino de França, e no anno seguinte, com a rebellião do duque de York, foi-se-lhe o juizo. Pobre rei Lear, depois da longa lucta da guerra das Rosas, a branca de York e a vermelha de Lencastre, prisioneiro em Saint-Albans (1455) vencidos os seus em Northampton, em Wakefield e em Towton (1460-61), deposto do throno, exilada a rainha Margarida de Anjou para França, acclamado o York: pobre rei Lear, acabou preso na torre sombria de Londres!

Henrique VI déra ao infante seu primo a ordem da Jarreteira, com que voltou a Portugal em 1428, depois de quatro

annos de viagens dilatadas. Vira, póde dizer-se, o mundo inteiro. Trazia um thesouro de licção e experiencia como ninguem possuia em Portugal. Vinha encontrar o pae quasi caduco e o irmão inteiramente absorvido pelos seus planos de descoberta e de conquista.

No anno seguinte, em 1429, casou-se com Isabel, a filha do duque de Urgel, que disputára em tempos (1410-12) a corôa de Aragão ao pae da rainha de Castella e da futura rainha de Portugal, mulher de D. Duarte, que eram irmãs. Provavelmente vinha d'ahi a inimizade para com D. Pedro por parte da princeza desposada tambem n'esse anno. No mesmo anno casou mais a infanta D. Isabel com o duque de Borgonha e conde de Flandres, D. Philippe «o maior principe sem corôa que n'aquelle tempo havia na christandade [1].» A infanta D. Isabel teve por filho a Carlos, o Temerario, que tanto se vangloriava do seu sangue portuguez.

Quando casou, contava o infante D. Pedro trinta e sete annos, e com a experiencia ganha em tão dilatadas viagens estava senhor de um saber encanecido. Por isso o irmão, ao tomar conta do reino em 1433, por morte do pae, o nomeou curador principal, conjuntamente com D. Henrique, do herdeiro da corôa recemnascido (1432) que depois foi Affonso V [2]. Os dez annos que medeiam entre a sua volta de Inglaterra e a morte de D. Duarte empregou-os a viajar pelas remotas paragens do pensamento. Vira o mundo por fóra: queria vêr agora a medulla das coisas.

Era um homem alto, sêcco, bem feito, com o rosto comprido, o nariz cheio, a barba, que usava toda, e os cabellos ruivos, como inglez, e nos olhos azues uma vaga expressão de molleza denunciando o feitio contemplativo do seu espirito, a fleugma saxonia do seu genio. Tinha os defeitos inherentes a esses temperamentos: a apathia que se lhe denunciava no fallar arrastado e accusadamente indifferente, com uma amabilidade affe-

[1] Azurara, *Chron. do conde D. Pedro*, XXXVI.

[2] V. a carta regia, em Sousa, *Hist. geneol.* Provas I, 418.

ctada; a teima propria de quem não tem a decisão prompta; e a cólera explosiva, faiscando em relampagos, natural nos homens contemplativos em que a vontade habitualmente não funcciona, e que por isso, em momentos dados, querem vingar-se pela violencia excessiva da sua falta ordinaria de energia. Mas tinha tambem as qualidades preciosas da gente que vive por inclinação com as coisas ideaes, estranha ao mundo, e por isso compassiva no meio da indifferença. Além de tudo o que a origem saxonia da mãe lhe trouxera para o sangue, deralhe ella ainda uma bondade inexcedivel, uma modestia e gravidade raras, e um tal respeito e modestia, que não permittia que os ecclesiasticos lhe beijassem a mão nem ajoelhassem diante d'elle. Jejuava com frequencia e na quaresma dormia vestido sobre um molho de palha [1].

Vê-se pois quanto era o contrario do infante D. Henrique. Este esquecia o homem pelo mundo, escravisava-o á acção, com a vista e a vontade alongada para longe; emquanto D. Pedro, homem subjectivo e philosopho, voltando para dentro de si proprio a vontade e a vista, consumia-as a indagar o segredo dos enigmas moraes. Afinal, os dois irmãos achavam-se ambos empenhados n'uma tarefa similhante, absorvidos por uma idéa parallela de descoberta: um, a do mundo que é considerado real, outro a do mundo que passa por phantastico. Mas qual d'elles, finalmente, será o verdadeiro? E qual das duas vocações valerá em absoluto mais para o fim mysterioso do Universo?

Os dez annos que decorrem entre o casamento de D. Pedro e a morte de D. Duarte foram decerto os d'essa segunda viagem, em que se deitou a visitar as terras vastas do pensamento. Explorando a Antiguidade, traduzia o *De officiis* de Cicero e o *De re militari* de Vegecio [2]; recordando as suas visitas ás côrtes da Europa, trasladava o tratado de Gilles de Co-

[1] Ruy de Pina, *Chron. de Affonso V*, cxxv; nos *Ined.* da Academia II, 432-3.

[2] Id. *ibid.* cxxv.

lonna, *De regimine principum*, primeiro catechismo do direito publico das monarchias modernas [1]; para uso de seu irmão, punha em linguagem o livro de Marco Polo que lhe trouxera de Veneza [2]. E temperado o seu espirito pelos estudos alheios, sabedor da sciencia do seu tempo, fixava no tratado da *Virtuosa Bemfeitoria* as suas conclusões moraes, e nas *Horas da Confissão* os votos da sua alma mystica [3]. Mas onde o espirito se acha reproduzido como n'um espelho, é no poema do *Menospreso das cousas do mundo* [4], d'essas proprias coisas que arrebatavam de enthusiasmo e esperanças seu irmão Henrique.

O infante poeta fôra consagrado pelo principe da poesia contemporanea, João de Mena que, respondendo-lhe em verso a uma carta escripta na mesma fórma, lhe allude ás viagens n'estes termos:

Nunca fue despues ni ante
quyen vysse los atavios
& secretos de Leuante,
sus montes, jnssoas y rrios,
ssus calores y ssus frios,
como vos, senhor jfante [5].

*
* *

[1] Fr. Egidio, ou Gilles, de Colonna, conhecido pelo Romano, ou De Roma, pois ahi escreveu (1247-1316), tinha o cognome de *doctor fundatissimus et theologarum princeps*. Era frade agostinho ou *correado*, d'onde P. de Mariz fez Gil *Correia*. (V. Innoc. *Diccion. bibliog.* III, 143). O *De regimini principum*, composto para educação de Philippe-o-bello (1285-314) de França, estava sempre á cabeceira de D. João I, que aprendia n'elle a arte de governar.

[2] Barbosa, *Bibl. lusit.* art. D. Pedro.

[3] *Leal Cons.* XXXVII. O cod. da *Virtuosa Bemfeitoria* pertence á Academia Real das Sciencias.

[4] No *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende; ed. Kausler, Stuttgart, 1848; II, 73: «Do jfante Dom Pedro, fylho del rrey dom Joam da groriosa memoria, sobre o menospreço das cousas do mundo, em lingoajem castelhana, as quaes tem grosa.»

[5] *Ibid.* 70, 3.

*

As estrophes do poema do infante D. Pedro respiram de principio a fim a suave tristeza nacional, a saudade — palavra tambem singularmente portugueza — de um mundo melhor; e no proprio momento em que a alma d'este povo, pulsando no cerebro de D. Henrique, se embriagava com a esperança de um futuro doirado, n'esse proprio momento, essa propria alma, pulsando tambem no coração de D. Pedro, descobria o vacuo desolador das empresas heroicas. Mais para longe, quando viesse a tarde melancolica do dia que despontava agora, o enthusiasmo de um e o desengano de outro, o genio da acção e a musa contemplativa, as cordas todas da alma portugueza vibrariam na lyra incomparavel de Camões...

Desferindo melancolicamente a sua, no balbuciar ingenuo de uma poesia que começa, com as vacillações de uma arte incipiente, D. Pedro principia por indagar o que seja a fortuna, elle que vira o mundo na ruidosa torrente das suas ambições:

> Nom fabrica muro de firme betumen
> aquesta señora non cuerda, mas loca.

Louca é o nome adequado á fortuna que só é fiel, *vera*, quando é adversa, e mentirosa sempre que é próspera. Não se illuda o homem com as tentações e miragens: as historias estão cheias de crueis desenganos, eruditamente enumerados pelo poeta que, conhecendo os auctores classicos, mal sonhava ainda o triste exemplo de desengano proposto ao futuro pela sua propria historia!

De todas as ambições, de todas as fortunas, a riqueza é a mais commum; mas, se as riquezas só se tornam bellas

> quando a muchos son bien repartydas,

que valor tem a cubiça estonteadora ou a vaidade da ostentação? O valor de um engano, tão falso como a fama que

> Rebuelas com alas todo'l vniuerso
> y trahes desseos caducos de gloria.

Em vez d'esse pó obcecante da fama e da riqueza, do ouro e da gloria, que motivo instigará o homem a viver, que mola o impellirá a mover-se, com que balsamos curará as dôres amargas da existencia, em que fundamentos assentará o edificio da sua actividade? Na virtude, que é o alicerce da fama verdadeira.

> ... La fama vera
> todos sus bienes assienta en virtud.
> Dexad à la fama & su vanidad
> ó vos mortales, semblantes á Dios!

Este conselho salomonico, verdade eterna e eterno esquecimento dos homens, em momento algum era mais necessario do que na ambição de reinar, doença que o infante poeta vira de perto em todas as côrtes por onde andára. Singular illusão do throno!

> Menos preciad aquell' alta cumbre
> de los imperios & de los reinados,
> pues no contiene en si clara lumbre
> nin faze los ombres bienaventurados.

Quantos casos melancolicos observára de perto! E, sem sahir de casa, seu proprio pae, para quem o governo fôra como a carga de um camêlo, e seu irmão Duarte que perdera a saude e o gosto da vida com os trabalhos e cuidados do despacho! Singular engano da fortuna, essa tentação do poder!

Valia mais o prazer? Valia mais a mulher ou a mesa? o amor e o vinho? Tambem não. Embriagavam ambos, mas tanto n'um como n'outro subia logo o travo á bôca:

> Al cabo siempre son muy enojosos,
> & muestran el mal que tienen celado,
> dexando los hombres tristes, dolorosos,
> feridos con fierro muy emponçoñado.
>
> El cuerpo destruyen, el anima matan.

Que importava, pois? a clareza da estirpe? Outro engano:

> Todos somos fijos del primero padre,
> todos traemos ygual nascimiento,
> todos auemos a Eva por madre,
> todos fazemos vn acabamiento...

Iguaes na origem, irmãos na morte, a fidalguia é mais uma illusão pueril, uma sombra vã. Estará portanto a verdade do lado opposto, no povo obscuro, cujo amor desvaira tanta gente, cujas acclamações embriagam como vinho, e seduzem como olhares languidos de mulheres tentadoras? Ai, tambem não; porque o povo é ignaro. Tanto levanta idolos, como os despedaça:

> A caos profundo a horas abaxa
> a horas sublima, al cielo loando...

Por isso o infante, reservado e fleugmatico, não amava as explosões populares, nem seduziam a sua reflexão fria os impetos insensatos d'esse animal chamado a turba, em que os maus instinctos lhe appareciam superiores aos bons:

> No amo ni punto el amor popular,
> ni loo quien mucho en el se confia;
> ca non sabe amar, ni sabe desamar.
> Los mas de sus fechos van torcida via.
> Sin razon, sin causa, mantiene porfia,
> Sin razon, sin tiempo se dexa daquella;
> jamas discrecion no lleua por guia,
> nin honra la virtud, nin se cura d'ella.

Ao seu espirito moralmente fidalgo, isto é, justo, sem o amor caridoso que perdôa todos os vicios quando são espontaneos, por virem da imperfeição da natureza, e aperta n'um mesmo abraço todos os sêres por incompletos que sejam, como o proprio homem, muito mais incompleto ainda quando se chama multidão: ao seu espirito, formado pelo pensamento reflecti-

do, fria e fleugmaticamente stoico, deviam com effeito repugnar os erros ingenuos, a maldade espontanea das turbas que não amava *ni punta* — nem nada! Isso não impedia, porém, que abstractamente, e pelo seu culto da bondade e da virtude, se dedicasse a beneficiar esses proprios que provocavam o seu desdem. Praticava o bem para com o proximo, não por uma effusão de amor caridoso, mas sim por uma obediencia stricta e permanente á virtude, unica verdade adoravel para que no seu coração havia culto. Por isso era um philosopho, e um justo, sem ser um santo. A santidade consiste n'essa chamma de amor espontaneo que tudo queima, até o proprio erro, consumindo-se n'um incendio de sacrificio incessante.

Comprehende-se pois como celebrava a velhice, que é a edade exacta d'estes espiritos feitos de distincção moral fundada na contemplação do mundo, e como condemnava a mocidade e os seus impetos espontaneos:

> Dy, en que tienes, loca jouentud
> porque te estimes de tanto valor.
> Dy, porque maldizes à la senectud
> y no le conosces su grande honor.

A mocidade, com effeito, é o symbolo de todas as illusões, quando a vida parece um tecido de estrellas. E de todas as illusões da mocidade, o pulso, a força physica, tão preponderante n'esses tempos de gymnastica permanente: a força que todavia encontra na morte um luctador sempre victorioso,

> A todas fuerças se fuerça la morte!

a propria força physica se perde em meio, no rapido momento de uma vida sempre angustiada:

> La vida es breve, por luenga que seya,
> y quanto mas dura, mas dolores siente.

Vivel-a, consiste unicamente em praticar o bem; outra especie de vida equivale á morte: é o que o poeta se não cançará de prégar:

Yo esto gritaree & osadamente:
ser el bien morir á los buenos vida
y la mala vida muerte ciertamente
la qual de penar es dulce finida.

O bem é a suprema amizade; os amigos que o mundo nos dá «siguen como moscas á la miel»; o bem soberano encontra-se «do es la verdad» identificado com ella, no proprio logar d'ella. O philosopho dá o braço ao moralista mystico, e com um desdem superior pelo mundo e pela vida, guiado por esse instincto aristocratico do pensamento especulativo, procura dentro em si proprio e nas dobras mais reconditas da sua consciencia o palacio encantado de uma ventura subjectiva. A effusão amorosa que abraça mundo e homens com uma caridade irradiante, não é propria d'estes espiritos superior e virtuosamente fleugmaticos. Cada qual deve procurar dentro em si o remedio das suas molestias; não espere que lhe venha de fóra, pois o mundo é hostil, a vida amarga, a fama, a gloria, a riqueza, são fumo, e a amizade não passa de moscas á procura do mel. Não é no mar que se encontra caça, nem pescado nos mattos.

Quien busca pescado & beluas marinas
no busca los montes, mas busca los mares,
pues menos se buscan las cosas diuinas
en los tenebrosos & fondos lugares:
A la bienandança, tu, si la buscares,
buscala dentro en tu alma mera;
con esta te goza, si bien la fallares;
de las otras burla como de chimera.

Para se conseguir encontrar a *bienandança*, o principio da justiça moral que se aninha recondito no seio da alma, é mister que o socego, a solidão, a abstenção do mundo, estabe-

leçam em volta de nós a noite mystica em que só apparece essa luz intima, e o silencio tragico indispensavel para que se ouça a falla esquiva, fugidia, tenuissima, da nossa consciencia.

Abraçad el ocio, amad soledad,
fuyd multitud, fuyd sus rumores:
aquella es madre de grand santidad,
la otra de graues & grandes dolores.

D'aqui vem a necessidade da vida asceta; mas este ascetismo é inteiramente diverso d'aquelle que praticam os heroes. Emquanto o infante D. Henrique se tempera com jejuns e abstinencias para obter novas forças que applique á sua empresa; emquanto esse Mestre de Christo segue a velha doutrina dos monges militantes: para o infante D. Pedro, precursor do monachismo novo, quasi buddhico, inventado pela philosophia, o ascetismo não é apenas condição indispensavel a uma vida superiormente activa, mas sim consequencia implicita de uma condemnação total das cousas. A humildade, a continencia, a abstinencia, a misericordia, a obediencia, a paciencia, a liberalidade, a constancia, a clemencia, todas as virtudes praticamente passivas, hão de exercer-se, não para deixar mais forte e livre a acção heroica, mas sim porque exprimem o estado de almas fechadas em si proprias, hostis a um mundo perante o qual a bôca deve calar-se tambem.

Fuyd multiloquio, amad el callar
el qual las mas vezes sana y guaresce.
O quantos se fallan, fablando, matar!
El vero saber callando floresce:
es mucho fablar señal de locura.

Mudo, indifferente, embora compassivo; mysticamente orgulhoso pela posse do segredo das coisas, o philosopho, como era D. Pedro, atravessa a vida como quem atravessa um pesadêlo. Julgando ter decifrado o enigma do mundo, porque o vê inteiramente vazio, faz d'essa negação total a base chimerica

de um saber torturante. Desnaturado, procura na morte a redempção, porque só a morte póde sanccionar uma doutrina negativa. Fielmente christão, o infante philosopho acreditava-se remido por Christo; e a morte apparecia-lhe como o ingresso na verdadeira vida em que a alma adquiria a sua plena liberdade.

> Quando con muerte nos libró de muerte
> libre nos ha fecho el verbo incarnado.

Mais tarde, e por virtude de todas essas empresas em que os heroes, como D. Henrique, andavam empenhados, dissipa-se a nuvem candida da fé; e os herdeiros dos philosophos, como foi D. Pedro, invocam a morte redemptora pelo aniquilamento formal da realidade, a morte medianeira d'essa libertação alcançada com a perda da consciencia individual, confundidas as almas no seio obscuro da força elementar!

Assim D. Pedro, aos quarenta annos, depois da sua dupla jornada, percorridas todas as *partidas* do mundo physico e do mundo moral, conhecendo o orbe no seu corpo e na sua alma, reconhecia-lhe o vacuo; e com um sorriso de amarga tristeza acompanhava as explosões da vontade indomavel de um dos irmãos, sorrindo meiga e amoravelmente para a bondade apathica de D. Duarte que lhe admirava a sabedoria, quando D. Henrique os não deixava com os seus incessantes planos de conquistas e viagens. D. João I agonisava, e o seu genuino successor e herdeiro estava esperando que acabasse de fechar os olhos para alcançar do irmão que o deixasse ir a Tanger.

A philosophia, fallando pela bôca de D. Pedro, mostrava-lhe em vão a temeridade da aventura, sem lhe dizer o que de si para si dizia, isto é, que na vaidade universal das cousas, a unica *bemandança* era assegurar a paz, o socego, a fortuna, a esses povos que cegamente borborinhavam no espaço do paiz sobre o qual Deus lhes impuzera o duro encargo de reinar. Esta, e só esta, era a verdade e a sabedoria para principes; esta, e só esta, a virtude, para a sua alma em que toda a fleugma sa-

xonia entrára, diluindo-se em pessimismo, ao calor penetrante da agudeza meridional.

A sua viagem pelas *partidas* do mundo moral terminou-a provavelmente, com o poema que as descreve, depois de viajar tambem pelo mundo politico. Foi talvez depois de concluida a sua regencia (1439-46) e de ter experimentado todo o desgosto pela mesquinhez dos homens: foi talvez então, na dolorosa passagem para a crise em que, perdida a cabeça, perdeu a vida, que as estrophes mais lugubremente saudosas d'esse poema foram escriptas [1], como clarão derradeiro de uma alma que se dissipava.

*Oliveira Martins.*

[1] Amador de los Rios, na sua *Hist. crit. de la litt. esp.* VII, 79, 80, diz que o poema do *Desprecio del mundo* foi composto de 1440 a 1446, fundando-se para isto nos seguintes versos, em que o poeta, ao pintar a instabilidade dos favores cortezãos, allude á privança de D. Alvaro de Luna, o condestavel de Castella:

Ya pues veyamos. Aman que razona
de ti, o que siente de bien, o de mal,
fable el mastre señor d'Escalona,
diga si le fueste fiel & leal.

A *desgraça* de D. Alvaro de Luna, «o mestre senhor de Escalona», durou de 1439 até 1441; em 1449, data em que o infante D. Pedro morreu, estava elle outra vez na plenitude do poder. Em 1441, vendo o rei João II preso pelos infantes do Aragão, largou de Escalona, terra do seu degredo, para o vir libertar. Poder-se-hia pois datar esta estrophe de entre 39 e 41; mas na mesma se chama *mestre* a D. Alvaro, que só obteve esta dignidade em 45, da batalha de Olmedo em que morreu o infante aragonez D. Henrique. Parece pois que se deve datar de 46, sendo a allusão do poema referida á *desgraça* de 39 a 41.

# O SECULO XVIII EM PORTUGAL

---

## I

### A LITTERATURA PORTUGUEZA E O DESPOTISMO NO SECULO XVIII

Comecemos por caracterisar o espirito e a tendencia historica do seculo XVIII, para julgarmos da coherencia dos esforços quer da auctoridade, confinada no Cesarismo, quer da intelligencia, amesquinhada nas Academias. A organisação da sociedade moderna foi iniciada pelos jurisconsultos do fim da Edade média, que fundaram a *Egualdade civil;* atacando a prepotencia dos barões feudaes, que se impunham pela impetuosidade arbitraria, procuraram estabelecer a lei escripta, quer redigindo as garantias locaes, ou fazendo reviver o direito romano. Assim a vontade era subordinada a uma norma prescripta. Pela fórma escripta as garantias locaes fortificaram as populações trabalhadoras dos campos e dos burgos, e acordando o sentimento do individualismo suscitaram esses movimentos revolucionarios que deram em terra com a desegualdade feudal. Era uma grande parte da obra que fundou a ordem social sobre a estabilidade do direito; o terceiro estado ou a existencia juridica do proletariado, tornou-se a condição para o desenvolvimento de um poder central, a quem convinha reconhecer o novo principio da *Egualdade civil.*

Esse poder era a realeza, que se destacou e tornou inde-

pendente do feudalismo pela hereditariedade dynastica; o trabalho dos jurisconsultos coadjuvou esta independencia pela renascença erudita do Direito romano, em que prevalecia o espirito centralista da unidade imperial. Preoccupados exclusivamente da *Egualdade civil*, os jurisconsultos abandonaram o outro elemento imperscindivel do progresso, a *Liberdade politica*, que os seus conhecimentos humanistas teriam encontrado claramente definido na civilisação hellenica. D'este abandono resultou, que todas as Republicas da Edade média foram cahindo diante da absorpção do poder monarchico, e por ultimo a propria egualdade civil ficou exposta aos caprichos de um poder irresponsavel, tornado absoluto, despotico e cesarista.

O que se não fez pela tradição historica completou-se pela especulação philosophica e pelas aspirações sentimentaes, que inspiraram as litteraturas. É por isso que o problema da *Liberdade politica* pertence ao seculo XVIII, ao seculo dos Encyclopedistas, aos litteratos, como Voltaire e Rousseau, e aos philosophos, como Montesquieu, Diderot, Condorcet, Turgot, vindo as revoltas communaes a encontrar o seu complemento definitivo no grande phenomeno da Revolução franceza.

Em Portugal achamos a primeira parte do movimento da reorganisação social moderna; desde o seculo XV, que florescem entre nós os grandes jurisconsultos codificadores, João Mendes, Ruy Fernandes, Ruy Boto, João Façanha e Fernão de Pina, alguns dos quaes, como Velasco de Gouvêa, chegaram a presentir a *Liberdade politica* affirmada em principio na doutrina da soberania nacional. Mas o nosso seculo XVIII não teve philosophos, e os litteratos eram academicos convencionaes que imitavam os canones rhetoricos das épocas da decadencia classica, não tinham idéas, estavam fóra do seu tempo, e as suas aspirações limitavam-se a acolherem-se ás graças do cesarismo omnipotente. Como não existiram philosophos, nem os litteratos se inspiravam da verdade do sentimento, por isso não se crearam opiniões, e os raros espiritos que se alimentaram das doutrinas dos Encyclopedistas e dos Physiocratas, calaram-se com o terror da repressão ou emigraram de Portugal, mesmo antes da

terrivel intendencia de Manique fechar os portos á entrada dos livros francezes, ou mandal-os queimar na praça publica pela mão do carrasco, ou apprehendel-os nas livrarias particulares, como se fez á de frei Joaquim de Santa Clara, á de José Anastacio da Cunha, á de Bocage e até ás encommendas do duque de Lafões, parente da casa real. As *idéas francezas* e o *philosophismo*, como em Portugal se designava a corrente da liberdade politica, foram duramente abafadas por todos os poderes conservadores do estado. Por isso desde a Renascença, em que fomos grandes, até ao primeiro quartel d'este seculo, Portugal proseguiu em uma irremediavel decadencia, a cuja causa se póde ainda attribuir a apathia actual — a falta ou a sophismação da *liberdade politica*. O seculo XVIII, tão rico em Portugal de homens de talento e de sciencia, contrasta com a profunda irracionalidade das instituições por falta do complemento da egualdade civil na liberdade politica. O proprio Marquez de Pombal, extremamente regalista, tornou essa liberdade um crime de lesa-magestade, chegando a punir com carcere e degredo o direito de representação.

Qual seria n'estas condições deprimentes o destino do homem de letras? No seculo XVIII, em Portugal, o poeta era um miseravel, que se admittia á mesa dos criados das casas fidalgas, e como diz o proprio Tolentino, retratando-se inconscientemente: acabava sempre por pedir esmola; suppria o antigo costume dos bobos dos palacios feudaes, metrificando encomios sobre todos os successos da realeza ou da aristocracia. As composições mais appetecidas eram as que não tinham pensamento, que se ouviam no intervallo das grandes digestões dos banquetes e dos outeiros poeticos dos abbadessados, vindo a constituir-se um genero de composições *joco-serias*, e acabando por se dissolverem na obscenidade. Os poetas tornavam-se por este meio, não diremos populares, porque elles ignoravam as fontes vivas da tradição, mas a fabula da gente, chegando o nome de poeta a tomar-se na accepção de sordido e desbragado; os mais conhecidos pertencem á côrte de D. João V, esses Thomaz Pinto Brandão, Alexandre de Lima, o padre Braz da Costa, frei Lucas de

Santa Catherina e Caetano da Silva Souto Maior, o Camões do Rocio. Este symptoma de decadencia intellectual persistiu sob D. José, em Antonio Lobo de Carvalho; Bocage e o proprio Filinto Elysio sacrificaram parte do seu talento a esta perversão do sentimento. Não havia outro intuito senão louvar, encomiar, panegyricar com descaro, até á indignidade; o que se escrevia não era obra litteraria, era para uns uma garantia contra as prepotencias do cesarismo, para outros um ganha-pão, um pretexto para os presentes dos ricos, e os mais elevados viam n'esse trabalho um nobre ocio, um honesto passatempo, que não deixava que a consciencia se insurgisse contra a intolerancia catholica ou contra a violencia cesarista. N'este intuito é que se formaram as Academias litterarias, em que os desembargadores, os conselheiros, os altos funccionarios do estado, os fidalgos, se reuniam, como constituindo uma classe á parte, mas similhante á dos escribas do Egypto ou da China, porque a situação politica de Portugal era identica á d'essas civilisações improgressivas. Alguns escriptores, como Cruz e Silva, tinham vergonha de publicar os seus productos litterarios pelo facto de não deslustrar a respeitabilidade de desembargador! Comprehende-se bem, n'esta dormencia intellectual em que a litteratura não tinha destino, porque é que os dois poderes, o Catholicismo e o Cesarismo, patrocinaram esse genero de cultura. Desde o seculo XVI os Jesuitas apoderam-se do ensino publico para embaraçarem a intelligencia por um esteril e ôco humanismo, afastando-a da corrente de renovação scientifica que começa em Galileo, e adquire a sua maior intensidade depois de Descartes. Pelo seu lado a realeza cesarista protegia as Academias litterarias emquanto ellas adormentavam a aspiração da liberdade politica; D. João V protege a *Academia de Historia*, o Marquez de Pombal patrocinou momentaneamente a *Arcadia de Lisboa*, e o Intendente Manique era o protector nato da *Nova Arcadia* ou da *Academia de Bellas Lettras*, durante a demencia de D. Maria I. A acção profunda do Marquez de Pombal estendeu-se tambem á litteratura: batendo os Jesuitas na regulamentação do ensino official, foi-lhes ao encontro no

desenvolvimento dos productos humanistas. É extraordinario o numero de volumes de versos compostos para a ceremonia da elevação da Estatua equestre e para as festas reaes; o Marquez era implacavel para as satyras em verso, e ai d'aquelle sobre quem cahisse a suspeita de um verso menos respeitoso contra a sua pessoa, porque ficaria sepultado para sempre nas masmorras da Junqueira! Esta situação de espirito explica-nos como, tendo o Marquez de Pombal sido um dos membros da antiga *Academia de Historia portugueza,* se achou primeiramente bem disposto em favor da nova fundação da *Arcadia Ulyssiponense,* e como acabou por fim perseguindo por desconfianças ainda não explicadas os principaes dos seus membros, como Garção.

Façamos a transição do reinado de D. João v para o de D. José, para comprehender-se melhor a influencia de Pombal na Litteratura. A opulencia do reinado de D. João v contrasta com o estado miseravel da nação, arrasada pelo tratado de Methwen, reduzida em 1732 á cifra de menos de dois milhões e meio de habitantes, em geral indigentes, porque a terra pertencia aos morgados, aos titulares, ás casas real, de Bragança e do Infantado, e ás corporações monachaes, e estupidos, porque o ensino estava monopolisado pelos frades e reduzido a disciplinas pedantescas. As riquezas dispendidas nas construcções pharaonicas eram o producto casual das minas de ouro do Brazil, e não a consequencia de uma força viva, como a riqueza que provém da industria. As minas do Brazil produziram de 1714 a 1746 em ouro amoedado 96,040, 415, 628 contos de reis, e em diamantes 12,000,000 contos. Comprehende-se como a monarchia era um poder mysterioso, e como as energias individuaes se abandonavam á vontade soberana que distribuia tantos recursos. Esse extraordinario capital corrompia, não fecundava; viu-se isso tanto na Arte como na Litteratura. A basilica de Mafra e a Patriarchal não produziram uma escóla artistica, e o gosto do *rocócó,* a *chinezaria,* tomados da moda franceza, com o estylo jesuitico acabaram de destruir todas as noções do bello que existiam na alma portu-

gueza. O estupendo Theatro da Ribeira (1755), onde o architecto decorador Servandoni phantasiava ornamentações desvairadas, capazes de arruinar um estado, não produziu nem a Opera nacional, para a qual existia o elemento nacional da *Modinha*, como o declara Strafford, nem o Drama litterario, apesar do talento excepcional do desgraçado Antonio José. A fundação da esplendida Bibliotheca da Universidade de Coimbra, começada em 10 de abril de 1712 e terminada em 1728, custou 66:622$129 reis; e a compra dos livros de Francisco Barreto por 5:600$000 reis, a do padre La Rue em Paris, e a de João Baptista Lerzo, bem como as remessas de Lucas Seabra da Silva, tudo foi improficuo, porque os lentes não se instruiram e a Universidade desceu ao ponto de em 1772 o ministro de D. José ter de reorganisal-a pela omnipotencia official. A fundação da *Academia de Historia portugueza*, em 1720, não creou entre nós o criterio da historia, apesar do rei a dotar com todos os privilegios imaginaveis, mandando-lhe patentear todos os cartorios do reino, nomeando paleographos para tirarem as cópias precisas, e impondo por um decreto de 14 de agosto de 1721 o respeito aos seus vassallos por todos os monumentos architectonicos. Apesar de todos estes influxos, a decadencia intellectual vê-se patente no estylo e nos resultados das Noticias, Praticas, Orações, Elogios e Dissertações dos seus membros.

Uma cousa faltava para que estes generosos esforços fructificassem, — a liberdade! A nação não tinha parlamento, o povo não tinha terra, o trabalho era considerado degradante, a educação publica estava em poder dos Jesuitas, a consciencia era atropellada por um clero absorvente e canibal, o espirito critico tinha a espionagem do Santo Officio e a fogueira, a Realeza era um fetiche, e a aristocracia uma prostituição galante. Era um meio excellente para a indignidade campear infrene, mas nunca para se crearem concepções artisticas, ou se manifestarem os pensamentos fecundos. Um povo sem opinião, submisso ao regimen que córta toda a manifestação do pensamento sobre os actos do governo discricionario, os espectaculos destinados a

desviarem as attenções da causa publica, as idéas consideradas como um perigo social, tudo conduzia ao cretinismo, á idiotia, para exprimir a qual é ainda generosa a palavra — decadencia. E essa decadencia nacional não podia deixar de aggravar-se com as monstruosidades de um rei epiletico, faustoso como Luiz XIV, devasso como Luiz XV, e fanatico como Philippe II; tal era D. João V, que o seu contemporaneo Frederico II, o violador da Pragmatica Sancção, e portanto seu inimigo, retratava com uma phrase sarcastica, mas profunda: « *Ses plaisirs étaient des fonctions sacerdotales, ses bâtiments des convents; et ses armées des moines, et ses maîtresses des religieuses.* » As tentativas de reforma litteraria sob D. João V cahiram pela esterilidade do meio social e official, postoque d'ahi proviessem os germens de novos esforços. Ainda assim, esses germens pertenceram á iniciativa particular e individual, e é notavel como os primeiros esforços para a fundação da *Arcadia de Lisboa* foram a continuação do antigo grupo litterario denominado a *Academia dos Occultos.* Em uma oração recitada na Arcadia em 1758, Garção toca em um rapido esboço todas as tentativas encetadas no reinado de D. João V, depois da Paz geral, para a reorganisação da instrucção publica e da litteratura portugueza; servir-nos-hemos das suas proprias palavras, que encerram a historia dos precedentes d'essa tentativa reformadora, asphyxiada sob a acção absorvente de Pombal: « A teimosa guerra com que nos vimos obrigados a rebater a furia dos hespanhoes ainda não permittia que entre o ruido das armas e o motim dos tambores se désse ouvidos á harmonia das musas: continuava a decadencia. Ajustou-se a paz; socegaram-se os animos: mas tão inveterado estava o contagio, que se houve quem o intentou, não houve quem não desesperasse da restauração das bellas-letras, das artes e das sciencias em Portugal. O negocio era tão importante e de tão difficil exito, que nem ainda o grande espirito e prodiga mão de D. João V pôde conseguir mais do que lançar os primeiros fundamentos. Estimou os sabios, premiou os mestres, enriqueceu as livrarias do reino, e fundou a Real Academia de Historia. Roubou-lhe a morte esta

gloria, quando principiaram a amanhecer em Portugal as primeiras luzes do bom gosto, da verdadeira erudição e da prudente critica. Devemos alegrar-nos de ser incontestavel que o primeiro documento em que podemos fixar a época d'esta restauração é o papel critico que compôz e imprimiu o árcade Sincero-Jerabricense (1739). É verdade que alguns espiritos mais fortes tentaram esta empreza ainda hoje ardua, e então impossivel; mas, como nas primeiras escólas reinava certo espirito de opinião, que soberbamente sustentava o espirito do *mao gosto*, o *Verdadeiro Methodo* (1747) ou se não conhecia ou se desprezava. Fundaram-se Academias. Algumas permaneceram sem mais fructo que o de propagarem o contagio. Nos ultimos annos do reinado de D. João v apparecem os primeiros crepusculos do *bom gosto*. Já então a *Sociedade dos Occultos*, estabelecida em um palacio em que sempre habitaram as musas, e fundada por um genio extraordinario, herdeiro não só do sangue, mas tambem dos raros talentos e virtudes dos seus progenitores, trabalhava n'este tempo na restauração da lingua portugueza, do estylo e da boa poesia. Poderia ser que a ella se devesse toda a gloria, se a publica desgraça não separasse tão util e tão sabia companhia.» Como se vê, Garção enumera as tentativas de renovação litteraria que precederam a fundação da *Arcadia de Lisboa;* a catastrophe do terremoto de Lisboa de 1755, trunca os ultimos esforços da academia dos *Occultos*. Primeiramente essas tentativas visaram todas a obterem a intervenção official da omnipotencia do absolutismo. Assim em 1710, Antonio de Macedo aventava que só D. João v é que podia mandar reformar a lingua portugueza dos muitos plebeismos que a afastavam da pureza latina; Bluteau attribue á munificencia de D. João v o ter-se publicado o grande *Vocabulario portuguez;* emfim a *Academia de Historia* recebeu o influxo real «com o exemplo do cardeal Richelieu, que no anno de 1635 estabeleceu em Paris a Academia franceza...» Depois de todas as pressões do cesarismo, que restava á iniciativa individual? sómente a bajulação do constituido. Apenas Verney, continuando em Portugal o criticismo iniciado em Hespanha por

Benito Feyjó, fez no *Verdadeiro Methodo de Estudar* uma analyse fundamentada do ensino jesuitico e das estereis disciplinas em que se esgotava a intelligencia portugueza, analyse que produziu uma vigorosa replica da parte dos Jesuitas em folhetos pseudonymos, que desvairaram por algum tempo as opiniões; mas o trabalho negativo de Verney teve a extraordinaria importancia de levantar a questão do ensino publico e de servir de base ao pensamento das reformas pedagogicas do Marquez de Pombal. Até onde os regulamentos têm efficacia, estende-se a intervenção do estado; mas o mundo moral está-lhe fóra da alçada, e o que então se chamava *o gosto* era incoercivel, ninguem sabia como trazel-o á disciplina. Tal era a preoccupação dos espiritos, que sentiam a nova corrente da intelligencia, que, como Jacob de Castro Sarmento recommendava a D. João v a traducção das obras de Bacon como primeiro passo para as reformas, ou como Verney reconheciam a importancia das doutrinas de Descartes e de Gassendi. Os Jesuitas esterilisavam todos os esforços, impondo a conservação do estreito aristotelismo da *Philosophia Conimbricense,* que irradiava do Collegio das Artes sobre Portugal, chegando a formular no *Ritual Theologico:* «Não se defenderão opiniões contra Logica conimbricense.» A conservação do acanhado humanismo, com que os Jesuitas durante o seculo XVIII nos separaram do movimento intellectual europeu, prolongando-se pela circumstancia de elles se acharem ministros de D. João v, coadjuvou ainda no seculo XVIII a persistencia d'esse espirito *seiscentista,* a que se dava o nome de *mao gosto,* e contra o qual procurou reagir a Arcadia, já sob a protecção de Pombal. Antes porém da cooperação do ministro, essa reacção contra o *mao gosto* era um ataque directo aos Jesuitas, como se viu pela celeuma levantada com as Cartas de Verney, e é por isso que o titulo de *Occultos,* sob que se agremiaram alguns espiritos, nos revela, que havia alguma cousa de liberdade e de protesto a que se estava desacostumado, o que condiz com as tentativas de emancipação intellectual encetadas sob egual segredo em França e Inglaterra. Em Portugal imitavam-se as modas francezas, e liam-se de

preferencia os escriptores do começo do reinado de Luiz XIV; as relações de Boileau com o conde da Ericeira mostram-nos que se procurava em França a direcção mental, pela razão de que estavamos divorciados politicamente da Hespanha, intellectualmente annullada sob a degradação de Philippe V. A influencia franceza penetrava na peninsula, mas não era ainda a corrente philosophica e litteraria dos escriptores que precederam a Revolução; ao primeiro impulso corresponde, como já notámos, a *Academia de Historia*, a traducção da *Poetica* de Boileau, e tudo quanto provinha das pompas do cesarismo; os protestos, as idéas novas, a revolta mental, o espirito encyclopedista só muito tarde é que reflectiram em Portugal, parte nos actos do grande ministro, parte nas aspirações do principe D. José e no duque de Lafões, e ainda em José Anastacio da Cunha. Mesmo em França este trabalho de reorganisação mental fôra secreto. A influencia que a liberdade do pensamento no dominio da politica exerceu sobre todo o seculo XVIII e em todos os paizes, começou a fortalecer-se em uma associação de livres-pensadores, chamada o *Club de l'Entresol*, da qual falla o marquez de Argenson nas suas Memorias: «Era uma especie de club á ingleza, formado de individuos que gostando de discorrer sobre o que se passava, podiam reunir-se e communicar sua opinião sem terror de se comprometterem, porque se conheciam bem uns aos outros, e sabiam com quem e diante de quem fallavam. Esta sociedade chamava-se o *Entresol* (sobreloja) pelo logar onde se reunia, que era a sobreloja em que habitava o abbade Alary. Alli se achavam sempre gazetas de França, da Hollanda e mesmo jornaes inglezes.» D'Argenson historía nas suas Memorias esta associação iniciadora da primeira escóla dos Economistas francezes e dos proprios Encyclopedistas; muitos dos seus membros eram altos funccionarios da politica e do clero, mas basta citarmos esse typo extraordinario do evangelisador da humanidade, o Abbade de Sam Pedro, o auctor do *Projecto da Paz perpetua*, para determinar-se a ordem da elaboração mental que se estava passando nos espiritos, que precederam Montesquieu e Rousseau. Era a incubação

da sociedade europêa, voltada para o problema da liberdade politica, porque mesmo sem o contacto com esta nova corrente da critica, da philosophia e da litteratura, em Portugal manifestaram-se caracteres de um individualismo altamente notavel, como o Cavalheiro de Oliveira, que se refugiou na Hollanda, então o reducto da liberdade de consciencia, o originalissimo abbade Antonio da Costa, que o erudito Burnay considerava uma especie de Rousseau com mais elevação moral, e que viveu no fóco das summidades artisticas de Vienna, o grande medico Antonio Ribeiro Sanches, cujas descobertas foram proclamadas por Vic d'Azyr, um dos fundadores da physiologia. Em Portugal tel-os-hiam queimado. Mais tarde, quando essas idéas philosophicas se accentuaram mais, começou a reacção tremenda primeiro pela morte mysteriosa e repentina do principe D. José, o amigo de José II, pelo encarceramento de José Anastacio da Cunha, pela expatriação de Felix de Avellar Brotero e de José Corrêa da Serra, não fallando de Francisco Manoel do Nascimento, envolvido, talvez já por causa das suas dissidencias litterarias, n'esta perseguição da época denominada do *Intolerantismo.*

Sabe-se pouquissimo da *Academia dos Occultos;* alguns dos opusculos sahidos d'ella, descobrem uma sociedade de versejadores sem pensamento. Garção attribue-lhe planos de renovação litteraria, que se não realisaram pela dispersão causada pelo grande terremoto, proseguindo comtudo o mesmo pensamento na fundação da *Arcadia de Lisboa,* cujos primeiros membros tinham pertencido á corporação anterior. A Arcadia teve a virtude de nascer da iniciativa particular, mas foi rojar-se ante a omnipotencia official, e para captar esse influxo achou-se insensivelmente reaccionaria, primeiramente pela contemporisação com o elemento seiscentista, depois pela submissão ao espirito oratoriano que a tornou odiosa ao Marquez de Pombal, deixando-a morrer na inanidade. Cruz e Silva e Garção foram os dois principaes vultos d'essa corporação litteraria, e pelas suas relações com o Marquez de Pombal se conhece o que o grande ministro pretendia; Cruz e Silva, no poema heroi-comico *O Hys-*

*sope,* dera um golpe profundo nos enfatuados ridiculos do mundo clerical, e o ministro estimou-o por essa sua cooperação na via da secularisação social; Garção era o amigo intimo dos Padres das Necessidades, o conviva da aristocracia hostil ao audacioso reformador, e por isso foi sob um pretexto futil encarcerado no Limoeiro, onde expirou mezes depois. Celebrando a primeira reunião da Arcadia, dizia Garção em um discurso: «Chegou o feliz instante de nos ajuntarmos, então fundamos esta sociedade, jurando padroeira d'ella a immaculada rainha dos céos e da terra, debaixo do ineffavel titulo da sua purissima Conceição.» Começando por bajular o fanatismo catholico, a sua actividade tinha de dispender-se em bajular a auctoridade do absolutismo monarchico; os tres fundadores, Cruz e Silva, Theotonio Gomes de Carvalho e Esteves Negrão, eram altos funccionarios da confiança do ministro, e trouxeram para a nova academia a benevolencia d'aquelle que tambem começára a sua actividade mental na Academia de Historia. Pela sua grande preponderancia pessoal, Theotonio Gomes de Carvalho foi o primeiro presidente; Cruz e Silva redigiu os Estatutos, fazendo dos actos da sociedade nas questões criticas uma especie de inquisição de estado; Esteves Negrão ficou o secretario perpetuo.

A primeira reunião definitiva da Arcadia celebrou-se em 19 de julho de 1757, tendo-se realisado uma outra preliminar em 11 de março de 1756. Parece que o ministro omnipotente assistiu a estes actos. Garção em um discurso recitado em 1758 allude a essa benignidade official: «Ganharam as nossas obras nova reputação; conciliou respeitos o nome de *Arcade;* e desejou o publico assistir ás nossas conferencias. Atrevemo-nos a louvar um principe a quem Plinio podia sem lisonja recitar o famoso Panegyrico de Trajano. O mesmo foi ouvirem-n'o, que estimarem-n'o os homens mais sabios e prudentes. Olharam o fructo do nosso trabalho como para uma vantagem da nação. E a grande alma d'aquelle vigilante Ministro, que não tira os olhos do adiantamento da patria, com publicas demonstrações nos honrou e animou, para não desistirmos da difficultosa, mas

illustre empreza a que sacrificavamos os nossos estudos. Segunda vez nos ouviu, segunda vez nos honrou, de sua mesma bôca ouvimos expressões com que em Portugal não costumam fallar os Ministros. Podemos asseverar que vimos aquelle grande coração, e que n'elle estava vivamente impresso o incansavel zelo com que trabalha pelo bem de seus compatriotas, com que honra e com que estima os portuguezes benemeritos. Não tardará muito que o publico conheça que este genero de letras lhe merece uma séria attenção, e que as estima porque as conhece. »

Apesar d'estas homenagens ao ministro, elle não patrocinou a *Arcadia*, talvez por descobrir-lhe a errada comprehensão de seu destino; em uma d'essas visitas officiaes de Sebastião José de Carvalho, o árcade Garção fez a leitura de uma Ode emphatica, em que celebra o genio administrativo do ministro:

No Ménalo, se Arcadia não levanta
Em honra de teu nome
Uma soberba estatua,
De rico jaspe, como tu mereces,
Seus hymnos te consagra,
E n'elles viverá tua memoria;
Teu nome escreveremos
Em nossos corações, em nossos versos.

Porém o ministro abandonou a Arcadia como um fóco de reacção jesuitica e não cumpriu nenhuma das suas promessas. Passados cinco annos, ainda Garção sonhava com esse ambicionado favor official: « Tempo, tempo virá em que cheguem os eccos do nosso merecimento aos ouvidos de quem o estima, de quem o conhece e de quem o protege, ainda quando o descobre desvalido, pobre e desprezado; já nós ouvimos de sua bôca promessas que não hão de faltar, e foi a nossa cobardia quem deixou fugir a occasião. Cuidemos em merecer o premio, que é mais facil conseguil-o do que merecel-o, e ordinariamente o deseja quem o não merece. » Na Ode já alludida de Gar-

ção ao conde de Oeiras, o poeta refere-se á malevolencia que pretendia deslustrar as acções do ministro:

Não ergue a mão cruenta a fria morte,
Contra sonoros versos!
Em vão levanta templos e columnas
Quem da patria os louvores não merece;
Teu zelo incontrastavel,
Tuas acções illustres, cantaremos!
A macilenta inveja
As viboras cerúleas despedace!

Os grandes successos de exterminio da casa de Aveiro em 1758, a necessidade de occorrer á invasão do exercito hespanhol, o ataque destemido á poderosa corporação dos Jesuitas, se nos mostram por um lado a extraordinaria actividade do ministro que o embaraçava de animar com o seu favor a Arcadia, por outro lado eram outros tantos themas sobre que o espirito reaccionario dos Jesuitas e das familias aristocraticas envolvidas na conspiração contra o rei, se havia de exercer, minando o favoritismo do ministro. Para elle a Arcadia era um centro de reacção; os seus principaes membros eram frades e fidalgos. E como nada tinha a esperar d'alli, deixou-a vegetar no estiolamento e extinguir-se na inanidade. A *occasião perdida* a que allude Garção, póde determinar-se antes do primeiro golpe vibrado em 1557 contra os Jesuitas; d'ahi em diante a lucta tornou-se mais violenta, e a *Arcadia* no meio da reorganisação geral ficou um corpo estranho. O proprio Garção nada via n'esta ordem de cousas, confinado na imitação do seu Horacio, e elle proprio já pela educação do Collegio dos Jesuitas e pelas idéas politicas nas relações da *Gazeta Portugueza*, já pela intimidade pessoal com as familias aristocraticas perseguidas, como a de Alorna e a do conde de S. Lourenço, incorreu no odio do poderoso ministro, sob o qual succumbiu.

Sabendo-se o motivo da prisão e morte do conde de Obidos, por ter chasqueado no paço ácerca do nome de Sebastião, (que D. Sebastião não podia vir a reinar em Portugal, porque

já cá estava governando outro Sebastião) é facil de perceber como a vaidade irascivel do ministro poderia sem fundamento determinar a ruina do indefezo Garção. Pelo crime de fazerem versos, ou de lhes encontrarem em casa versos satyricos contra o Marquez, morreram no Forte da Junqueira o escrivão do fisco Salvador Soares Cotrim e o Padre Antonio Rodrigues; Tolentino esteve sempre calado até ao dia da *viradeira*. É verdade que Garção tinha celebrado em uma pomposa Epistola a dictadura do 1.º Marquez de Pombal, comparando-o a Atlante a cujos hombros sustentava o solio portuguez, comparando-o a Mazzarino, a Richelieu e a Colbert, mas no meio das satyras anonymas que circulavam contra o valido de D. José, era possivel que alguma fosse por intrigas particulares, sobretudo do elemento seiscentista e dissidente que ficou fóra da Arcadia, attribuida a Garção. As mesmas vaidades se insurgiram e produziram mais tarde a prisão de Bocage. O titulo de *Arcade* tornou-se uma distincção honorifica, desde que essa Academia celebrava conferencias publicas nos palacios do estado, a que assistira por mais de uma vez o ministro soberano. Na sua oração de 1758, Garção precisa estes factos como causa do enervamento da Arcadia: « Ganharam as nossas obras nova reputação; conciliou respeitos o nome de *árcade*, e desejou o publico assistir ás nossas conferencias. » Por isto se acirraram azedas vaidades, e se degladiaram despeitos, como se nota n'esse *Grupo da Ribeira das Náos*, capitaneado por Filinto. Garção insiste em outro discurso: « A nossa ambição (não vos assusteis), a grande ambição de gloria com que nos sacrificamos ao trabalho de tão profundos estudos foi quem nos reduziu a tão extrema penuria, foi quem executou tão vergonhosa catastrophe. Julgámos que entre muitos não cabia a nossa fama; quizemos expol-a a maior theatro, e Deus, que não podia deixar de proteger nossos desejos emquanto foram sinceros, não tardou em levantar-nos á maior altura de honra e estimação. Apparecemos aos olhos do publico, agradamos, fomos ouvidos, conheciam-se os nossos nomes, respeitava-se a Arcadia. Então enamorados de tão alta fortuna, nos pareceu

mal tornar para um monte e viver em cabanas. Presidir n'uma grande sala, magnificamente decorada, rodeado de ouvintes illustres, sabios e virtuosos, que talvez conversavam no successo da campanha (1762) emquanto nós fallavamos, ou estavam com o lapis notando palavras, que lhes pareceram novas porque não leram Ferreira, nem as toparam nos sermões de Vieira; cantarmos nossos versos ao som de uma orchestra immensa e talvez impropria: isto é que julgamos honra...» A estas ironias, Garção accrescenta o pensamento primordial que motivava a inercia: «que era indispensavel fazer mais sessões publicas, porque este foi o unico objecto da fundação da Arcadia, —ainda que tal não lembrou aos fundadores.» N'este discurso recitado em 1762, quando o espirito publico se occupava com a campanha dirigida pelo conde de Lippe, Garção alludia ás duas sessões apparatosas de 29 de outubro de 1759, na sala da Junta do Commercio, por motivo de Sebastião José de Carvalho ser agraciado com o titulo de conde de Oeiras, e de 14 de março de 1760, nas Necessidades, celebrando as melhoras de el-rei D. José. Uma grande parte não se preoccupava da restauração da litteratura portugueza; instrumentos inconscientes do cesarismo que se impõe pela força contra as idéas, e que cobre a prepotencia com as pompas deslumbrantes, elles queriam sómente a honra de ser vistos em um salão sumptuoso e em uma posição nobilitada. Foi isto o que tornou o nome de árcade honroso e appetecido, e foi este o motivo porque se conservou a lista dos seus nomes, e porque aquelles que imprimiram em vida os seus versos se não esqueceram de se nobilitar com o cognome poetico que se tornou moda mesmo fóra da Arcadia. A litteratura tinha de reproduzir fatalmente o meio social, e os bons talentos da Arcadia, como Garção, Diniz e o Quita, ou ainda as mais fervorosas vontades, como Manoel de Figueiredo, acharam-se impotentes, porque a actividade litteraria, sob o cesarismo bragantino, que outro destino poderia ter senão a bajulação do poder? No seu bom senso secular, Montaigne transcreve uma phrase de Tito-Livio, que synthetisa todas as decadencias intellectuaes e artisticas: «*Ti-*

*tus Livius dict vray — que le langage des hommes nourris sovbs la royauté, est tousjours plein de vaines ostentations et faulx tesmoignages.* » [1] Eis a synthese de toda a nossa actividade mental do seculo XVIII; a um dissoluto e apparatoso D. João V, correspondem obras litterarias pautadas pela *Arte de fazer conceitos*, destinadas a clogiar com devoção budhica o monarcha e todos os successos da vida do paço. Poesia, eloquencia, theatro, historia, tudo traz esse cunho da bajulação e da indignidade servil, e ao mesmo tempo o tedio de uma linguagem empolada e sem idéas, violentada a exprimir emoções sem naturalidade, nem verdade. Se a acção dos Jesuitas no humanismo da Europa se manifesta na perversão do gosto, que se propaga a todas as litteraturas do seculo XVII, no seculo XVIII o Cesarismo continuou essa decadencia pela influencia directa para a banalidade. A maior actividade litteraria dispendeu-se em incalculaveis rumas de versos lamentando a morte da infanta D. Maria Francisca, cantando a elevação da Estatua equestre, chorando a morte prematura do principe D. José, louvando o nascimento do principe D. Antonio, e quando o Marquez de Pombal se recolheu á vida privada surgiu essa quantidade pasmosa de satyras e de epigrammas que a covardia dos homens de letras lhe atirava de todos os lados. Isto explica a relação do Marquez de Pombal com a litteratura; o proprio Cruz e Silva, que o glorificára em uns versos episodicos do *Hyssope*, na queda do ministro cortou, segundo a tradição, os versos que desagradavam á reacção dominante. Apenas um poeta, José Basilio da Gama, o auctor da pequena epopêa brazileira o *Uruguay*, teve a coragem dos seus sentimentos, não esquecendo que devera a Pombal o perdão do desterro para Angola pelo motivo de ser jesuita. Nicolao Tolentino, verberando nos seus sonetos o ministro sob cujo governo se contivera em silencio prudente, ultrapassa a indignidade porque visava unicamente a lisonjear os resentimentos dos que dispunham agora do poder.

[1] *Essais*, liv. I, cap. 3.

A litteratura nas suas fórmas organicas, lyrica, épica e dramatica, só existia por uma reproducção material ou macaqueação dos exemplares convencionaes. O sentimento individual, que produz a emoção do lyrismo, estava reduzido á indignidade, e á submissão de um despotismo degradante, e por isso accommodava-se ao convencionalismo auctoritario, parodiando sem intelligencia os lyricos romanos. A acção, que produz a epopêa, estava centralisada no poder absoluto, e por isso as individualidades heroicas não tinham que se manifestar porque nada tinham que fazer; Pombal comprehendeu isto, mandando vir da Allemanha um general, o Conde de Lippe, para dirigir a campanha defensiva contra a Hespanha. Emfim, a creação dramatica, que se funda no contraste da opinião publica com as situações individuaes, como podia desabrochar, se a opinião estava contida entre as duas pressões tremendas, a orthodoxia catholica pelas fogueiras do Santo Officio, e a razão de estado pela forca e garrote? Assim o theatro, que não chegou a ter vida nas mãos de Manoel de Figueiredo, foi uma mistura de plagiatos remendados indistinctamente das comedias hespanholas, italianas e francezas, para distrahir uma sociedade a quem era conveniente afastar-lhe a attenção do exame da governação publica. Apesar da grande força de Pombal e da sua estupenda iniciativa, elle não pôde estimular o desenvolvimento da litteratura, porque matou o sentimento da *liberdade politica* da nação, exagerando até ao absurdo a idéa do *regalismo*, que o levou a applicações verdadeiramente monstruosas. O que inspirou os genios superiores da litteratura do seculo XVIII, e os fez com relação á independencia da sociedade os verdadeiros cooperadores dos philosophos, e continuadores dos jurisconsultos da Edade média, só penetrou em Portugal com o regresso do Duque de Lafões, fundador da Academia das Sciencias, e no segundo quartel do seculo XIX, quando Garrett levado pelo enthusiasmo do Romantismo, pôz as novas fórmas litterarias ao serviço da liberdade politica, pela revivescencia das tradições nacionaes, pelas impressões directas de duas emigrações, e pela participação das luctas do constitucionalismo. Sendo a missão

do grande homem o exercer a sua força na convergencia de todas as actividades sociaes para esse ponto commum que constitue a vida historica de uma nacionalidade, Pombal ultrapassou essa missão absorvendo em si todas as energias, e dando ao progresso a fórma de abalos produzidos pela impetuosa auctoridade pessoal. Aquillo que, pela sua natureza mechanica depende de uma forte regulamentação, subsistiu; porém o que é uma expressão ou a consequencia da liberdade moral e intellectual, ou ficou fóra da acção ministerial, ou atrophiou-se como as plantas delicadas que murcham quando se lhes põe a mão.

## II

### A ACADEMIA DAS SCIENCIAS RELACIONA PORTUGAL COM O MOVIMENTO INTELLECTUAL DO SECULO XVIII

A fundação da Academia das Sciencias, em Lisboa, em 1779, por iniciativa do Duque de Lafões, que assistira nas principaes côrtes da Europa á expansão surprehendente do espirito do seculo XVIII, foi o esforço mais directo e proficuo para relacionar Portugal com a civilisação europêa, e para dar convergencia ás capacidades mentaes que n'este paiz se inutilisavam na esterilidade do isolamento. Na formação da *Academia das Sciencias* entraram os membros que sobreviviam da antiga *Academia de Historia*, fundada em 8 de dezembro de 1720, e ainda da *Arcadia Ulyssiponense*, como Antonio Diniz da Cruz e Silva. Sómente o Duque de Lafões, pelo seu parentesco com a casa real, é que podia crear uma Academia seguindo a corrente philosophica do encyclopedismo critico que preparou a Revolução franceza; em Portugal combatia-se com os rigores não já da Inquisição mas da Intendencia da Policia o *philosophismo*, como o espectro indefinido e temeroso da *liberdade politica* e da liberdade de consciencia. A fundação da Academia foi sempre suspeita ao intendente Manique, que nunca se

atreveu contra o Duque de Lafões abertamente. O generoso fidalgo, amigo de Gluck, e de José II o rei-philosopho, tinha vergonha de vêr Portugal separado de todo o movimento europeu; e se a *Academia das Sciencias* fructificou, sem subsidio nem protecção real nos seus primeiros annos, é porque nascera como filha da corrente intellectual do fim do seculo e satisfazia uma aspiração dos principaes pensadores portuguezes. A Academia das Sciencias representou dignamente a livre actividade mental do fim do seculo, e será sempre essa a tradição vital que a fecundará, bem como o seu titulo mais glorioso e imperecivel.

Antes de esboçarmos os esforços para o estabelecimento da Academia das Sciencias, torna-se necessario accentuar algumas linhas geraes da biographia do Duque de Lafões. D. João Carlos de Bragança e Sousa Tavares Mascarenhas da Silva e Ligne, segundo Duque de Lafões, nasceu em 6 de março de 1719, do infante D. Miguel, filho natural legitimado de D. Pedro II, e de D. Luiza Casimira de Sousa, primeira Duqueza de Lafões e segunda Marqueza de Arronches. Frequentou a Universidade de Coimbra sendo porcionista do Collegio de Sam Pedro, graduando-se por 1742. Depois da morte de D. João V teve de sahir de Portugal por ordem de D. José a titulo, ficticio ou verdadeiro, de fazer acabar uma paixão amorosa que o rei desapprovava. É certo, porém, que as suas viagens pela Europa terminaram quando o Marquez de Pombal perdeu a omnipotencia ministerial depois da morte de D. José.

O duque viajou até 1777 por toda a Europa, Asia, Egypto, Turquia e Laponia, figurando brilhantemente nas côrtes mais faustosas; residiu na Allemanha, sendo voluntario austriaco durante a guerra dos Sete Annos, e distinguiu-se na batalha de Maxen. O rei-philosopho José II, tinha por elle uma vehemente sympathia, conseguindo tambem ser considerado por esse outro rei-philosopho Frederico II da Prussia. Succedeu na casa de Lafões a seu irmão primogenito D. Pedro, em 26 de junho de 1761, e logo que pôde voltar a Portugal, depois da queda do Marquez, a rainha D. Maria I distinguiu-o, no-

meando-o seu Mordomo-mór, e depois ministro assistente ao despacho, conselheiro de estado e da guerra, e marechal-general junto á rainha. A impressão dolorosa que recebera ao vêr o atrazo em que jazia a sociedade portugueza, e que ficou expressa no Discurso inaugural da Academia das Sciencias em 1780, levou-o a emprehender a abertura d'essa brecha por onde entrasse em Portugal a luz philosophica de um seculo que ia renovar o mundo; para isto serviu-se do profundo saber do Abbade José Corrêa da Serra, com quem viajára na Italia, e do enthusiasmo fervoroso do joven Visconde de Barbacena (Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio Faro e Mendonça) que acabára os seus estudos na Universidade de Coimbra.

Os tres iniciadores trataram em 1779 de convidar socios para a projectada Academia, e de obter a sancção official para se salvaguardarem contra as violencias do *intolerantismo*. O direito de publicarem Memorias academicas sem censura prévia foi uma conquista para a liberdade do pensamento. O primeiro nucleo da Academia, com os antigos socios sobreviventes da Academia de Historia, era formado, além dos tres iniciadores, por:

Domingos Vandelli,
P.e Theodoro de Almeida, oratoriano,
P.e João Faustino, idem,
P.e Joaquim de Foyos, idem,
Conde de Tarouca,
Bartholomeu da Costa, tenente-general,
Pedro José da Fonseca, professor de Rhetorica no Collegio dos Nobres,
Frei Vicente Ferrer da Rocha, dominicano e depois Bispo de Castello Branco,
Principal Mascarenhas (D. Domingos José de Assis Mascarenhas),
D. Miguel Lucio de Portugal e Castro, Monsenhor da Patriarchal e Embaixador em Madrid,
Gonçalo Xavier de Alcaçova Carneiro, ultimo socio da *Academia de Historia*.

Entre estes membros se discutiram o Plano de organisação e os Estatutos apresentados ao governo de D. Maria I. A approvação official em 24 de dezembro de 1779 foi feita por Aviso do Secretario de Estado Visconde de Villa Nova da Cerveira, dirigido ao Duque de Lafões.

Effectuou-se a sessão inicial, com caracter particular na Sala da Junta dos Tres Estados no paço das Necessidades, em 16 de janeiro de 1780 com os socios fundadores, para procederem á eleição dos socios effectivos para as tres classes de

*Sciencias naturaes,*

*Sciencias exactas,*

*Sciencias moraes e Bellas Letras.*

Constava a Academia de vinte e quatro socios effectivos, sendo oito por cada classe. Domingos Vandelli, que tanto cooperou para a formação da Academia, como se sabe pelas cartas entre elle e o Visconde de Barbacena, faltou a esta primeira sessão, por se achar em Coimbra regendo a cadeira de Historia Natural na Universidade; tambem faltaram D. Miguel de Portugal, talvez por se achar na embaixada de Madrid, e Fr. Vicente Ferrer da Rocha. Realisados os trabalhos preparatorios, ficaram eleitos:

*Presidente* — Duque de Lafões,

*Secretario* — Visconde de Barbacena,

*Vice-secretario* — José Corrêa da Serra,

*Orador* — Padre Theodoro de Almeida.

CLASSE DAS SCIENCIAS NATURAES:

Domingos Vandelli, Director da Classe;

José Corrêa da Serra,

João Faustino,

Bartholomeu da Costa,

Frei Vicente Ferrer,

Visconde de Barbacena,

Dr. Antonio José Pereira,

Dr. Antonio Soares Barbosa.

CLASSE DE MATHEMATICA:

Marquez de Alorna, Director;
Padre Theodoro de Almeida,
Conde de Azambuja,
Dr. José Monteiro da Rocha,
José Joaquim de Barros,
Dr. Miguel Franzini,
Dr. João Antonio Dalla-Bella.

CLASSE DE LITTERATURA:

D. Miguel de Portugal, Director;
Padre Joaquim de Foyos,
Conde de Tarouca,
Pedro José da Fonseca,
Principal Mascarenhas,
Gonçalo Xavier de Alcaçova Carneiro (que substituiu como Director D. Miguel de Portugal),
Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

SOCIOS HONORARIOS:

Ayres de Sá e Mello,
Arcebispo de Thessalonica,
Cardeal da Cunha,
Cardeal Patriarcha (*não aceitou*),
Conde de S. Lourenço,
Conde da Ponte,
Marquez de Angeja,
Marquez de Marialva,
Marquez de Penalva,
Martinho de Mello e Castro,
Principal Almeida,
Visconde de Villa Nova de Cerveira.

SOCIOS SUPRA-NUMERARIOS :

Antonio Ferreira de Andrade Encerrabodes,
Conde da Ega, D. Diogo de Noronha,
D. Fernando José de Portugal,
Frei José Mayne,
José Maria de Mendonça,
José de Vasconcellos,
D. Thomaz Caetano de Bem,
Antonio Caetano do Amaral,
Dr. Antonio Ribeiro dos Santos,
Custodio José de Oliveira,
D. Fernando de Lima,
Francisco da Cunha,
José Antonio Raposo,
Dr. José Corrêa Picanço,
José Henriques de Paiva,
Luiz José da Costa,
Nicoláo Tolentino de Almeida,
Paschoal José de Mello,
Ricardo Luiz Ant (?),
Antonio Henriques da Silveira,
Conde de Vimioso.

SOCIOS CORRESPONDENTES :

Eis os nomes mais celebres :

Antonio Ribeiro Sanches,
Antonio Diniz da Cruz e Silva,
Joaquim Corrêa da Serra,
Dr. Frei Joaquim de Santa Clara
Luiz Antonio Verney,
Luiz Pinto de Sousa Balsemão,
Manoel Ignacio Alvarenga,
D. José Maria de Sousa,

*

Agostinho José da Costa Macedo,
Bento José Farinha,
Frei Joaquim Forjaz,
Dr. José Pedro Hasse de Belem.

. . . . . .

Assim ficou constituida a *Academia das Sciencias;* basta percorrer essa importante lista de nomes para se conhecer que alli se reunia tudo quanto havia de mais intelligente em Portugal. A recusa do Patriarcha bem significava a natural reacção contra o espirito encyclopedista que se introduzia na cidadella do fanatismo. A Academia foi admittida á presença de D. Maria I em 20 de junho de 1780, effectuando-se a sessão publica solemne em 5 de julho no paço das Necessidades, sendo orador o Padre Theodoro de Almeida, e encerrando a sessão o Duque de Lafões. Publicamos em seguida esse documento, que ficou inedito, talvez por causa das violentas criticas que provocou:

### ORAÇÃO NA ABERTURA DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS EM 5 JULHO DE 1780

Respire emfim Portugal, illustrissimo e doutissimo congresso, respire a nossa reputação, que nas nações estrangeiras se acha tão injustamente opprimida, e com tão pouca razão vexada. Acabe-se o nosso opprobrio, e arvore-se o estandarte litterario para reunir em um corpo as nossas forças dispersas, para animar os espiritos zelosos, mas desattentados para estimular os que juntam um entendimento feliz com uma vontade frouxa; e estabeleça-se esta Academia, para que vejam os extranhos, que finalmente damos este publico testemunho de termos tambem como elles sahido do lethargo em que nos seculos passados todos jaziam.

Que admirados ficarieis, senhores, se soubesseis quão vil é o conceito, que muitos estrangeiros fazem injustamente de nós! Quando lá fóra casualmente apparece algum portuguez de engenho mediocre, admirados se espantam como de phenomeno raro: E como assim? (dizem) de Portugal? do centro da ignorancia? Assim o cheguei a ouvir. E onde estão os vossos livros? me perguntavam; onde os vossos auctores? as vossas academias? os vossos descobrimentos? As gazetas litterarias, que correm, guardam do vosso Portu-

gal o mesmo silencio que de Marrocos. Ouvindo estes injustos opprobrios, os olhos se me fechavam com o pejo, emmudecia a lingua e a face se me cobria de confusão.

Mas graças ao céo, chegou o tempo em que se verificou o projecto meditado ha 25 annos por alguns de entre nós, e já então particularmente approvado pelo snr. rei D. José, que santa gloria haja, mas pela Providencia reservado para mais felizes tempos; já podemos mostrar á Europa o que nós somos, e o que temos sido. Agora verão que tambem os portuguezes fazem timbre, como os demais, de adiantar as sciencias e as artes; de aperfeiçoar ou purificar a sua lingua, de promover a agricultura e o commercio, que são as solidas riquezas do Estado. Agora verão que não sómente temos Collegios e Universidades, nas quaes por uma certa carreira precisa de estudos se seguem as letras; mas que ha, deixai-me dizer assim, um corpo de voluntarios que, sem mais estipendio que a gloria, sem mais obrigação que o gosto, sem mais estimulo que o amor das sciencias, o zelo da patria e o brio — o brio a que eu chamaria divindade nacional que todos veneramos — querem dedicar os seus talentos, os estudos, os annos, as fadigas, os cuidados, até os cabedaes á publica utilidade.

Confesso que não temos agora senão um mero principio. Assim é, mas como principiaram as Academias das Sciencias de Paris, de Londres, de Dijon, de Lypsia, e as outras? É um mero principio; e quando se viram obras grandes sem principios pequenos? É um corpo recem-nascido: estes estabelecimentos não são como os edificios de pedras, que sómente esperam do tempo o decoro da antiguidade contrapesado com a ruina e decadencia dos annos; pelo contrario são como as tenras plantas que necessitam essencialmente de tempo para d'elle receberem augmento, vigor, formosura e fertilidade.

Os que inflammados do amor da patria lhe desejarem estes bens, não poderão achar escusada esta corporação litteraria; porque nunca se conseguiu empreza grande com um unico braço: e ainda quando se multiplicam, não deixam de ser unicos se cada um obra só por si, e não se regem todos por uma cabeça, umas leis, um mesmo espirito. Porque não discorreremos nós das emprezas litterarias, como o fazemos das militares? Acaso poderá ser o amor das sciencias mais forte que o que todos temos de defender as fazendas, os filhos, a patria? E comtudo para estas emprezas sempre se formou um exercito com um chefe e muitos membros que, reunidos em um corpo, conseguem as emprezas gloriosas e importantes, que nunca se poderiam esperar de um furor tumultuario por maior que fosse o valor, o zelo e esforço de cada um dos particulares. Eis aqui pois como discorreremos agora.

Para que floresçam as sciencias, as artes, a litteratura portugueza, a agricultura, o commercio, de que serve o zelo de um ou muitos particulares por illustrados e poderosos que sejam? Cada qual attento a si se occupa com os proprios interesses, e só destina, quando muito, para os do publico algum

tenue resto dos seus cuidados que lhe sobeja dos da familia, dos interesses e da honra. Além de que, cada um pensa segundo o seu systema, e havendo forçosamente divisão na multiplicidade, que se póde esperar d'esta confusão e de tão debeis forças? Seja o projecto mais util, e mais bem ideado, o mais feliz e importante, não havendo um corpo perduravel, que o sustente, apenas concebido perecerá sem ter vida. Brilhará como a constellação ou falsa estrella, que de repente se accendeu nos ares, e cahiu logo desapparecendo de todo, servindo a sua belleza sómente para deixar saudades. Todos se queixam, todos choram porque se não fez o que parecia tão util; mas ninguem cuida em evitar as lagrimas ou enxugal-as.

Chora talvez o fraco lavrador a sua impossibilidade não podendo desfazer um grande penhasco, que uma vez tirado correria para o seu campo um rio de agua, e em logar de uma terra agreste teria searas abundantes, e pomares salutiferos; mas eu sou só, diz elle desanimado, eu sou só; e dissipando o feliz pensamento que lhe tirára o somno toda a noite, volta na manhã seguinte ao seu duro trabalho, e rega com o suor da face inclinada, com as lagrimas dos filhos famintos essa terra dura que, tirado aquelle rochedo, veria fructificar por si mesmo.

Que riquezas não vieram á França do famoso projecto do canal de Languedoc? projecto atrevido para communicar os dois mares por cima dos montes; projecto que foi escarnecido e desprezado, e teria perecido suffocado no pensamento de seu illustre inventor, se não houvesse um braço forte, animoso, constante, que arriscou sommas immensas para vêr hoje sua utilidade infinita. E quem não havia de zombar, quando se intentava que subissem e descessem por cima dos montes embarcações carregadas só com o leve esforço de um homem que vai passeando? Quem não havia de zombar quando se intentava navegação por terra sem vento, sem velas, sem remos, sem perigo, sem demora, nem a menor inconstancia dos tempos? E tudo vemos hoje com os olhos; eu o presenciei por mim mesmo. Que tanto se enganam os homens quando criticam o futuro destituidos de esperança e de bom raciocinio.

Que augmento não deve toda a França, a Italia, a Allemanha, a Inglaterra ás sociedades litterarias que n'esses Estados ha tantos annos florescem? Que augmento lhes não devem as sciencias, as artes, a lingua, a agricultura, o commercio, e n'uma palavra o bem dos povos? A combinar o que esses Estados eram d'antes, e o que são depois d'ellas, custa a crêr que são os mesmos homens, os mesmos climas, os mesmos Estados. Ora só nos portuguezes será esta fundação inutil? só n'elles será superflua e escusada?

Alguns ingratos á patria e ao céo, esquecidos do nosso seculo de ouro, por uma especie de enthusiasmo fazem timbre de desprezar sempre os seus, e julgam que a academia é inutil; porque assentam que nós desgraçadamente unicos em toda a Europa somos incapazes de tudo que é bom. Estes, occupados só em revolver as nossas fraquezas, sem attender ás bellas qualidades que

temos, põem diante dos seus olhos um triste painel da sua propria affronta, e com melancolica temeridade prophetisam de nós como se fazia em França, em Inglaterra, em Allemanha, quando estas sociedades nasciam. Pessimos cidadãos: perdôe-lhes a patria.

Outros, pelo contrario, vaidosamente presumidos, se contentam só do que é seu, e com os olhos de desprezo lançam friamente a vista languida para o que apparece lá fóra. Estes julgam a academia escusada, porque dizem que sabemos o que nos basta; e formando d'estes vaidosos fumos as nuvens da sua gloria, n'ellas põem o seu throno vão, e se estão comprazendo em falso. Embriagados do seu amor proprio, têm por cousa indigna o ir n'este ponto atraz dos extranhos, e seguir os seus passos quando os seguem nas modas. Pessimos logicos: perdôe-lhes a razão.

Porém nós, que sabemos quanto devemos ao céo e quanto podem os nossos, se querem; nós que sabemos, que o terreno é singularmente fertil em engenhos, mas não tanto na cultura e nos meios; porque razão não poremos todo o nosso esforço para resuscitar a nossa gloria opprimida e enterrada?

Lá debaixo das cinzas do esquecimento ainda estão respirando os nossos grandes homens do seculo de *500*, que os estrangeiros então admiraram e hoje ainda louvam, respeitam, citam e ás vezes imitam. Lembra-me o grande Camões, a quem o Tasso imita n'um dos mais bellos episodios da sua *Jerusalem libertada*. O Camões a quem os estrangeiros dão ao mesmo tempo a sciencia de um Escaligero, e o enthusiasmo de um Virgilio. Eu via sobre os altares no templo da Gloria um frio e mutilado cadaver do seu engenho, quero dizer uma friissima traducção das suas obras, e quando os extranhos, que não são prodigos de louvores, assim dão estas adorações a um simulacro mudo da sua alma, que fariam se pudessem bem entender o seu original, e a vissem inteira, se vissem o seu espirito vivo, brilhante, fogoso, admiravel, que, não obstante alguns defeitos, vôa, arrebata e transporta! E não poderão agora vir atraz d'elle, posto que com passos menores, entre os Ferreiras e Sás de Miranda, o poeta do Lima, e outros alguns que vivem, alguns dos futuros? Já se mudou o clima? Já a imaginação esfriou? Já se nos acabou o ardor e o fogo, quando a critica veiu?

Que figura não fez entre os sabios o nosso grande geometra Pedro Nunes, a quem nenhum estrangeiro douto costuma nomear, sem que lhe pague primeiro o tributo dos mencionados louvores? O grande Bernouilli gastou cinco annos em resolver um problema, que elle com muita facilidade e elegancia tinha já resolvido. Quem deixa de respeitar o nosso infante D. Henrique, honra da mathematica, mestre da navegação, gloria do throno? Que figura não fez um D. João de Castro, que na sua expedição ao mar Vermelho nos deixou em duvida se ainda era maior astronomo e geographo que general e guerreiro?

Nos catalogos das Universidades de França e de Italia ainda se lêem com veneração os nomes de muitos portuguezes que n'ellas ensinaram: ainda

está viva em Roma a memoria do nosso Achilles Estaço, cuja bibliotheca inteira, e separada de todos os mais livros, se conserva e mostra na Vallicela com o titulo de *Bibliotheca Staciana*. Ainda os antiquarios citam o nosso Cardoso, o nosso Rezende, e outros de quem tiram e copiam as antiguidades dos arabes, dos godos, dos romanos e dos carthaginezes, que elles desenterraram para servir á Historia. E que immenso soccorro não deve toda a Europa esperar hoje de nós, estando este reino cheio d'estas preciosissimas minas que a Academia ha de desentranhar das pedras e do mais interior dos montes, minas e preciosidades que por miseria muitos tão pouco estimam, e com vergonha nossa apesar dos eruditos, vendem ainda hoje por preço bem vil, fazendo por este modo que appareçam em todo o mundo evidentes e publicos trophéos da sua negligencia e descuido?

Quantos famosos portuguezes benemeritos na republica das letras hão de sahir agora do sepulchro do esquecimento, sendo até aqui por culpa dos que possuiam as suas obras ignorados dos estrangeiros, e até pouco conhecidos dos nossos? Agora se hão de publicar os seus manuscriptos, ou cobertos do pó com desprezo, ou com avareza guardados nos mais reconditos archivos; guardados para que por modo nenhum vissem a luz. Obrava a falsa estima o mesmo que poderia fazer o odio para com seus illustres auctores; pois d'este modo os suffocavam para não respirarem essa immortal vida da gloria, a que tinham tanto direito: barbaro carinho e amor! Outros vereis que pelas edições já muito antigas e raras estão quasi agonisando na memoria dos homens; mas agora novas edições com eruditas notas lhes darão uma mais brilhante vida, que nunca tiveram.

A nossa lingua, talvez a mais preciosa de toda a Europa, a filha primogenita e mimosa da latina, pois que mais que nenhuma outra se parece á mãe que a gerára; lingua que juntamente une em si todas as bellas qualidades, que dispersas se estimam nas outras, a suavidade e doçura, sendo masculina e nobre, a força, a energia, o emphaze, a abundancia e regularidade, esta lingua, digo, em muitos se acha tão corrupta e barbaramente confundida com vocabulos estranhos, e phrases não suas, que fallam de proposito uma linguagem monstruosa, pois nem é portugueza, nem de alguma outra nação conhecida. Esta lingua, digo, tem um apoio firme, uma regra segura n'um novo diccionario tirado unicamente dos nossos bons portuguezes, que nos seculos precedentes nos deram tanta honra, e deixaram tantas saudades.

A agricultura, que os nossos antigos reis tanto protegiam e prezavam, dando para ella regulamentos admiraveis, que augmento não ha de ter com o estudo e applicação dos naturalistas, que de proposito estudam as qualidades das terras, as novas sementeiras e plantas novas, e as utilidades immensas que cada dia vão apparecendo n'essas mesmas vulgares e conhecidas, que até aqui se desprezavam?

N'esta corporação, senhores, não ha de haver membro inutil, nem tam-

bem algum que seja mais do que as suas forças permittem opprimido com trabalho; todos mutuamente se hão de ajudar, bem como nas arvores uns ramos produzem os fructos que, pendurados, se offerecem ao ocioso passageiro, outros preparam o succo com que se criam e sustentam, outros com as folhas que os cobrem, lhes fazem sombra para os defender do calor nimio do sol, e dos passaros que os perseguem. Tal ha de ser esta academia: uns preparam as noticias, outros desenterram monumentos, outros examinam os livros, confrontam edições, consultam os originaes; aqui uns descobrem manuscriptos, que outros illustram com notas; alli outros os traduzem com gosto, outros os publicam com elegancia. Lá estarão aquelles observando os mineraes, as aguas, as plantas, n'uma palavra, a natureza, quando da outra parte estão outros tentando experiencias, fazendo observações, imaginando projectos: aqui se formam novos instrumentos e machinas, alli se reformam e aperfeiçôam as já conhecidas; acolá se verão outros trabalhando com incansavel applicação nas mathematicas e no calculo, outros fazendo faceis as doutrinas mais espinhosas e difficeis, semeando na mocidade o gosto, a critica, o desejo de estudar e saber. Os multiplicados correspondentes serão como outras tantas raizes, que espalhadas e escondidas se vão estendendo ao longo, para lá ir beber o succo, que subministram já meio cozido e preparado ao tronco, que com elle se nutre. Mas sobre todos estes que se determinam a trabalhar continuamente, vem a sombra salutifera dos honorarios, que os protegem e defendem dos bicos dos passaros, que vagando ociosos de uma parte a outra, se divertem com picar e morder os mais sazonados fructos, sem que elles os produzam melhores.

N'uma palavra, as nossas Memorias, apesar das prophecias sinistras, serão pouco a pouco como as dos outros, porque não é madrasta dos portuguezes a natureza, que foi mãe dos extranhos. E quando alguem se persuadisse que as dissertações dos que estão presentes não seriam taes, que nos dessem gloria, ao menos não poderão negar que estimularam os vindouros para que a dêem com as suas: e ficará compensada com a gloria de serem os primeiros, a que lhes falta por não serem os melhores.

Graças ao céo, que em todos os tempos calamitosos de Portugal, ainda quando a chuva, os ventos, a pedra, os trovões e os raios eram capazes de arruinar toda a sementeira das letras, ainda quando então já por uma, já por outra parte, talvez lá n'um canto bem retirado ou n'um escondrijo occulto, vegetavam muitos engenhos felizes, que iam produzindo os partos dos seus entendimentos para apparecerem a seu tempo. Graças torno a dar ao céo, porque ainda conservamos as bellas qualidades com que a natureza favoreceu, e talvez preferiu aos extranhos, com as quaes têm elles produzido admiraveis fructos: tambem nós somos como elles sensiveis ao estimulo da gloria, tambem o somos da sociedade.

Que falta logo, excellentissimos e doutissimos companheiros, senão em

um tempo tão opportuno, em uma occasião tão favoravel sacrificar os nossos dias, os estudos, os talentos á gloria da nação, ao bem da patria, á publica utilidade? Não nos contentemos pois com o honroso nome que esta corporação agora nos dá, mas aspiremos a pagar-lhe com a solida honra, que de nós espera pelo nosso trabalho, a que nos faz por nos ter associado. Disse.

A Oração inaugural do padre Theodoro de Almeida é um documento precioso [1]; a admiração por Camões ahi se acha proclamada pela consagração da Europa. Os programmas dos trabalhos scientificos foram publicados na *Gazeta de Lisboa* (de 8 de julho de 1780); José Joaquim Soares de Barros annunciou umas *Novas reflexões sobre o movimento progressivo da luz nos espaços celestes*, e Pedro José da Fonseca apresentou o *Plano do Diccionario da Lingua portugueza*, para o qual já estava organisada uma commissão. Em 18 de outubro

[1] Foram acerbas as verrinas que esta Oração estimulou; em uma Carta anonyma, datada de 6 de julho de 1780, dirigida ao padre Theodoro de Almeida, lê-se: «Tão ávido era o desejo que tinha de ouvil-o, quão excessivo o desgosto que experimentei, quando consegui na tarde de hontem, em que V. R.ma recitou a Oração da abertura da Academia das Sciencias com tanta satisfação como jactancia. Dos primeiros periodos logo inferi que em logar de uma Oração grave, decorosa, instructiva e eloquente, tinha de ouvir uma invectiva falsa, atrevida e injuriosa não só aos individuos do seu corpo academico, mas ao estado presente de toda a Nação.» O anonymo na sua mordacidade refere-se ás viagens do Padre fugido ao odio de Pombal, que o conhecia; aos plagios da *Recreação philosophica* tirados de Nolet, e á semsaboria do *Feliz independente*. Por ultimo allude ao uso «de metaphoras fradescas (perdôe-me o termo, porque não tenho outro mais adequado com que me explique) como a da tempestade e da arvore, em que as folhas defendem aos passaros vagos de picarem os fructos, etc.» (Vem nas *Mem. hist.* de Gramoza, t. II, pag. 159).

Em outra Carta anonyma ao Visconde de Barbacena, do mesmo anno, lê-se: «Eu sei que V. Ex.a tão longe está de se escandalisar dos *Papeis volantes* que se tem espalhado sobre a Academia, que antes os busca e os recolhe.» Censura o não se chamarem sabios estrangeiros para a organisação da Academia, como fez Frederico da Prussia chamando Maupertuis para a creação da Academia de Berlim. Outra vez é alli criticada a Oração do padre Theodoro de Almeida: «sabe muito bem manejar a lingua portugueza: o estylo declamatorio é que lhe deitou a perder aquella peça. Todo o erro esteve em não conferil-a dentro do seu proprio claustro com quem era capaz de lh'a castigar.» (Vem nas cit. *Mem. hist.*, t. II, p. 223).

de 1780 celebrou-se outra sessão publica como abertura do novo anno academico; Gonçalo Xavier de Alcaçovas leu a Introducção a uma obra *Sobre os progressos do Espirito humano desde a decadencia do Imperio do Occidente até aos nossos dias.* Como se vê pela data, a obra genial de Condorcet, *Tableaux des Progrès de l'Esprit humain,* só foi escripta quatorze annos mais tarde.

N'este primeiro anno da sua existencia, a Academia das Sciencias não teve subsidio official, e era sustentada pela contribuição voluntaria de 12$800 reis de cada socio, competindo-lhe por isso a patente ou diploma de *Benemerito,* e muito principalmente pela generosidade do Duque de Lafões. Sómente em 1783, por Decreto de 18 de novembro é que a Academia foi dotada com a terceira parte do producto liquido annual da Nova Loteria do capital de 144 contos de reis estabelecida a favor do Hospital de S. José e Expostos; porém este subsidio só foi tocado em 1785, o qual acabou em 27 de maio de 1797 com a Loteria. Outra vez acudiu o Duque de Lafões á Academia com o seu auxilio pecuniario. A rainha D. Maria I já se tinha declarado em 13 de dezembro de 1783 protectora da Academia; era uma protecção platonica ou de simples condescendencia com o Duque; porque a Academia só em 1799, por decreto de 4 de novembro é que foi dotada com uma verba de 4:800$000 reis pagos aos quarteis pelo Subsidio Litterario. A Academia era observada com hostilidade pelas classes conservadoras, que a consideravam uma propagadora das *idéas francezas* em Portugal; ella foi despedida do paço das Necessidades em 1792, estabelecendo-se no palacio do Bêco do Carrasco onde se conservou até 1797, em que passou para o palacio do Monteiro-Mór, na Calçada do Combro, e d'ahi para o palacio do Duque de Palmella no largo do Calhariz, onde se fixou desde 1800 até 1823. Estas trasladações eram ainda um symptoma de instabilidade da instituição, que se assignalava com trabalhos de primeira ordem, que ainda hoje constituem o seu maior e mais indiscutivel titulo de gloria. A *Academia das Sciencias* não era condecorada com a chancella de *real;* por

Aviso de 9 de abril de 1810 ordenou-se que um Principe da Casa real fosse sempre Presidente perpetuo da Academia. Foi um estimulo para a banalidade rhetorica. Os fundadores da Academia laboravam na theoria de Turgot, que a reforma social e politica se faria pela propagação das idéas, e por uma acção directa de cima para baixo. Essa acção não se exerceu em França, apesar das discussões philosophicas dos Encyclopedistas, e das nobres intenções dos dignos ministros de Luiz XVI, Malesherbes, Turgot e Necker; foi necessaria a grande crise que explosiu em 1789. Em Portugal reflectiram-se todos os abalos de reacção contra a grande crise, e a Academia perdeu depois da perseguição de Corrêa da Serra e do fallecimento do Duque de Lafões a coragem da sua missão espiritual. A revolução intellectual, realisada pela Convenção criando a Instrucção publica moderna, o typo das Escólas polytechnicas e Especiaes, que corôa dignamente o seculo XVIII, só foi seguida em Portugal em 1837, quando Passos Manoel fundou a *Escóla Polytechnica* de Lisboa e a *Academia Polytechnica* do Porto, a *Escóla do Exercito*, a *Escóla medico-cirurgica*, as *Academias de Bellas Artes*, o *Conservatorio da Arte dramatica e Escóla de Declamação*, as *Faculdades de Philosophia* e *de Mathematica*, e os *Lyceus nacionaes*. Foi o ministro proclamado por uma revolução que vindicava a idéa que em França transformára os Estados geraes em Assembléa nacional, quem suppriu a falta de actividade da Academia pela reorganisação da Instrucção publica portugueza. Passos Manoel teve a qualidade que caracterisa os vultos proeminentes, que fizeram do seculo XVIII o iniciador da edade moderna, e que Lakanal condensou em uma simples phrase: «*Nós não possuímos senão uma virtude: nunca tivemos medo.*» É verdadeiramente a synthese da geração que demoliu o regimen catholico-feudal. Onde essa qualidade faltou, a obra de transformação ficou incompleta, e a Liberdade politica falsificou-se pela transigencia ou sophisma das Cartas outorgadas.

*Theophilo Braga.*

# AS MINAS DE SALOMÃO [1]

*(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)*

---

## CAPITULO V

### A NOSSA ENTRADA NO DESERTO

Tinhamos morto nove elephantes. Dois longos dias levámos a serrar-lhe os dentes e a enterral-os com cuidado debaixo d'uma arvore enorme, que destacava isoladamente na vasta planicie, e formava um « signal » inesquecivel. Era um esplendido lote de marfim! Só os dentes do « Patriarcha » pesavam (tanto quanto pude avaliar) uns cento e setenta arrateis!

O pobre Khiva, esse, sepultámol-o ao pé da collina, com uma azagaia ao lado, para se defender dos Espiritos Malignos na sua difficil jornada para o Paraiso zulú. Ao romper do terceiro dia levantámos o acampamento — todos nós fazendo votos no silencio da nossa alma para que nos fosse dado voltar um dia! Eu, mentalmente, accrescentava: — « voltar e desenterrar este rico marfim! »

Depois d'uma fatigante marcha, cortada d'esses episodios africanos que todos os Africanistas experimentam, chegámos

[1] Continuado da pag. 428, numero do 1.º de setembro.

emfim á aringa de Sitanda [1], ao pé do rio Lukanga. Ahi era verdadeiramente o nosso « ponto de partida ». Ahi começariam as nossas miserias.

Perfeitamente me lembro do sitio, e da nossa chegada. Para a direita descia, transmalhada, uma pequena povoação de negros, com curraes de gado murados de pedra solta, e leiras de terra cultivada ao comprido da agua clara. Por traz da aldeia ondulavam grandes pradarias de herva alta, onde a caça abundante esvoaçava. E para a esquerda era o escuro, silencioso, infindavel deserto.

O nosso acampamento ficou junto d'esse riacho alegre que corria entre arbustos em flôr. Defronte erguia-se um outeiro pedregoso. Apenas erguemos as tendas, subi lá com o barão. Era aquelle o sitio, aquelle o outeiro onde eu vira, havia vinte annos, n'uma tarde como esta, a figura do pobre Silveira, com o seu grande casacão comprido, apparecer cambaleando, toda escura na vermelhidão do poente. Como então, o globo do sol afogueado descia já rente da terra — e os seus raios flexavam obliquamente aquelle deserto coberto de tojo baixo, sombrio, sem agua, sem vida, terrivelmente mudo, que matára o pobre portuguez, que nos ia talvez matar a nós. Ficámos olhando para elle em silencio. O ar era d'uma admiravel finura e transparencia; e longe, muito ao longe, podiamos distinguir, recortada no horisonte, pallidamente azulada e com laivos brancos de neve, a cordilheira de Suliman. Mostrei-as ao meu companheiro:

[1] Nas primeiras linhas do capitulo IV publicado no anterior numero da Revista (pag. 421) estabeleceu-se uma confusão de localidades que pareceria estranha aos que conhecem a geographia da Africa, ou tivessem, por curiosidade seguido no mappa o roteiro de Allão Quartelmar e dos seus companheiros. D'essas linhas se deduziria que os viajantes caminhando para Noroeste chegaram primeiro á aringa de Sitanda, na confluencia dos rios Lukanga e Kalukue, e depois a Inyati, ultima estação mercante da terra dos Matabeles — o que seria impossivel. Os nossos aventureiros, ao contrario, chegam primeiro a Inyati, onde deixam o carrão e o gado, e onde tomam carregadores; depois á aringa de Sitanda, onde debandam os carregadores, abandonam armamentos e cantinas — e se internam no deserto, com os serviçaes cafres.

— A entrada das minas de Salomão lá está... Chegaremos nós lá?

N'esse instante senti alguem por traz de nós respirando: era Umbopa, que trepára tambem ao comoro, e considerava o deserto com pensativa gravidade. Vendo que eu reparára n'elle deu um passo lento, depois outro mais lento. E dirigindo-se ao barão (a quem parecia ter-se affeiçoado), apontando com a sua grande azagaia para o lado dos montes:

— É para aquella terra além que tu vaes, Incubú?

*Incubú* é uma palavra do dialecto zulú, que significa «elephante», e que servia, entre os Cafres, para designar o nosso chefe. Estranhei a audacia d'Umbopa, e perguntei-lhe asperamente que tosca maneira era essa de fallar a seu amo... Que o negro dê uma alcunha negra ao patrão, por lhe ser mais facilmente pronunciavel que o nome — vá! Que a um como eu, pobre caçador que ganha o seu pão, o negro se dirija sempre pela alcunha negra — vá ainda! Mas que a atire á face d'um senhor, d'um fidalgo — isso não!

— Falla assim aos teus eguaes, gritei eu. Falla assim aos que comtigo comem da mesma gamella!

O Zulú teve uma risadinha dôce que me enfureceu.

— Que sabes tu, accrescentou elle, se eu não sou egual ao amo que sirvo? Elle pertence a uma grande casta, pelo olhar se vê logo: mas talvez eu pertença a uma casta maior! Pelo menos sou tão forte como elle, e posso com elle repartir o que tenho no coração. Sê pois a minha bôca, oh Macumazan! Dize as minhas palavras ao Incubú meu amo! E attende-as tu tambem, porque em mim só ha verdade!

Fiquei perfeitamente indignado. Nunca um Cafre me fallára n'aquelle tremendo tom! Mas, não sei porque, o maldito Zulú tinha a arte de me impressionar. Além d'isso sentia uma viva curiosidade... De sorte que lhe traduzi as palavras, — accrescentando que a creatura me parecia impudente e ousada.

O barão, porém, homem de excellente paciencia, voltou-se sorrindo para o Zulú:

— É para as montanhas que vou com effeito, Umbopa! Vou

em procura d'um homem da minha raça, d'um irmão meu, que atravessou este deserto, e que eu supponho estar além!

O Zulú moveu lentamente a cabeça:

— Assim é, assim é... Encontrei um homem no caminho que me disse: Ha dois annos que um branco se metteu tambem ao deserto como nós, levando um só serviçal... Nunca mais voltaram...

— Quem te disse? perguntei, vivamente. Porque te sahem só agora essas palavras? Onde te disseram?

Antes de Inyati, um homem que elle encontrára no caminho. Contára-lhe que o branco se parecia com o chefe Incubú, mas tinha a barba escura: e que ia seguido por um caçador bechuana chamado Jim.

— São elles! exclamei. Não ha duvida! são elles! Jim conhecia eu bem...

O barão ficou pensativo.

— Se meu irmão tinha decidido atravessar o deserto, murmurou porfim, ou o atravessou, ou morreu. Recuar ou mudar de fito não era da tempera d'elle. Ou não vive, ou está para lá das serras.

O Zulú, que lhe seguira as palavras com os grandes olhos brilhantes, tornou muito gravemente:

— É uma longa jornada, Incubú.

— Quartelmar, diga-lhe que não ha jornada que o homem não possa emprehender, replicou o barão (que evidentemente estimava e considerava aquelle singular Zulú). Nada ha que o homem não possa fazer; nem desertos que não possa atravessar, nem montanhas que não possa subir, se puzer n'isso alma e vontade. O essencial é contarmos a vida por coisa nenhuma, alegremente promptos a conserval-a ou a perdel-a, segundo Deus ordenar.

Quando o Zulú comprehendeu, toda a face se lhe illuminou:

— Grandes palavras, meu pai Incubú! Grandes, soberbas palavras que enchem bem a bôca d'um forte! Que é a vida, na verdade? É a semente da herva que o vento sopra aqui e

além. Ás vezes cae em boa terra e fructifica; outras vezes na rocha dura e definha... O homem nasce para morrer. Mais tarde ou mais cedo, que importa? É sempre a morte. Eu por mim irei comtigo, Incubú! Irei por montanha e deserto, e serte-hei sempre fiel...

Parou. E subitamente rompeu n'uma d'essas rajadàs de poesia, frequentes nos Zulús, que tanto surprehendem os que pela primeira vez as testemunham, e que, apesar de nevoentas, redundantes, e decoradas de geração em geração, mostram que se a raça não é intelligente, é pelo menos imaginativa.

— Que é a vida? (exclamava Umbopa, abrindo os braços, n'aquelle tom cantado que os Zulús tomam n'esses momentos de exaltação). Que é a vida? Dizei-me, oh brancos, vós que sabeis os segredos d'este mundo, e do mundo das estrellas que brilha por cima, e do outro mundo que está para além das estrellas! Dizei-me, oh brancos, dizei-me o segredo da vida! D'onde vem ella, para onde vae?... Não podeis, não sabeis! Escutai então! Nós sahimos da treva, e para a treva marchamos. Como um passaro acossado pela tormenta, nós sahimos do fundo da escuridão: durante um momento passamos, e as azas brilham-nos á luz das fogueiras: depois, de novo e para sempre mergulhamos na treva! A vida é o pyrilampo que fulgura de noite e de dia é negro! É o halito dos rebanhos no ar de inverno! É a sombra que corre sobre a relva, e que desapparece ao poente!...

Calára-se, com os braços ainda abertos, o olhar perdido nas alturas.

— És um homem bem singular, Umbopa! exclamou o barão, que o escutára assombrado.

O outro pareceu acordar, sorriu:

— Creio que nos assemelhamos, Incubú. Talvez eu tambem vá procurando um irmão entre as gentes que estão para lá das montanhas.

Olhei para Umbopa, com o sobr'olho franzido.

— Que gentes? Que sabes tu das gentes que vivem para lá das montanhas?

— Pouco, Macumazan, muito pouco. Ha para além uma terra de feitiços, de jardins, de gente valente... Ha tambem uma grande estrada branca, toda de pedra. Assim ouvi. Mas de que vale dizer? Quem lá chegar, lá verá!

Aquelle homem evidentemente sabia alguma coisa que não queria revelar. Elle decerto percebeu a minha desconfiança — porque acudiu, espalmando as mãos:

— Não te arreceies, Macumazan! Não te arreceies! Não abro covas para que tu cáias dentro. Se chegarmos a atravessar o deserto, eu te contarei o que sei. Mas a Morte está lá com uma lança, á nossa espera. Melhor te fôra, Macumazan, voltar aos teus elephantes... Fallei o que tinha a fallar.

E meneando a azagaia á maneira de saudação, desceu o comoro, recolheu ao acampamento — onde d'ahi a instantes o encontrámos limpando uma carabina, attento, calado, como qualquer servo cafre vazio de pensamento e vontade.

— Homem extraordinario! murmurou o barão.

— Extraordinario de mais! Não gósto nada d'aquelles mysterios... Mas, emfim, nós estamos mettidos n'uma aventura phantastica, e um Zulú mysterioso de mais ou de menos — não tira nem põe!

Na manhã seguinte começámos os preparativos para a marcha. Era impossivel naturalmente levar comnosco, através do deserto, todo o pesado armamento, e as cantinas. Fomos portanto forçados (depois de desbandar os carregadores) a confiar tudo a um velho cafre, um atroz sacripante, que possuia alli uma aringa consideravel. Bem penoso me era abandonar as nossas magnificas armas á mercê d'aquelle velho malandro — cujos olhos se fixavam já nos nossos bens com um fulgor de cubiça e rapina. Tomei por isso as minhas precauções.

Comecei por carregar as espingardas. Depois declarei ao bandido, n'um tom cavo, que aquelles canos estavam enfeitiçados — e que se elle lhes tocasse «alli» (mostrei o gatilho), os demonios fugiriam de dentro despedindo um *raio!* Immediatamente (como eu calculára), o Cafre puxou o gatilho a uma carabina «Express». E o *raio* partiu. Partiu, com tanta felicidade,

que matou uma vacca que pastava pacificamente a distancia, á beira d'agua — e atirou o velho de pernas ao ar, com a inesperada força do recúo. O pavor do malandro foi indizivel. Tremia todo, dava pulos em volta da vacca morta (que depois, mais tranquillo e com toda a impudencia, queria que eu lhe pagasse), olhava para o céo, olhava para o chão... Por fim rompeu aos berros:

— Tirem esses demonios que estoiram! Ponham-os lá em cima, sobre o colmo!... Ai, que não fica vivo um de nós!

Apenas elle serenou, continuei a minha predica. Affirmei-lhe, com olhares esgazeados, que se ao voltarmos, uma só arma d'aquellas faltasse, eu, que possuia as artes dos brancos, o mataria a elle e a toda a sua gente por meio de bruxarias sangrentas: e que se nós morressemos e elle tentasse apoderar-se do que era nosso, eu voltaria em espirito perseguil-o, puxar-lhe de noite pelos pés, tornar-lhe o gado bravo, dessorar-lhe o leite fresco, seccar-lhe a semente na terra, — e fazer a vida na aringa tão dura e terrivel que seus proprios filhos o amaldiçoariam... Emfim, dei-lhe uma idéa razoavel do Inferno, com horrores ineditos. O velho malandro, espavorido, jurou que olharia pelas nossas armas como se fossem os ossos de seu pae! Era um patife infinitamente supersticioso.

Em seguida combinámos o que nós cinco — o barão, o Capitão John, eu, Umbopa e Venvogel — deviamos levar comnosco através do deserto. Muito calculámos, muito experimentámos. Não lográmos chegar a um peso menor de quarenta arrateis por homem. E havia escassamente o necessario! Eis aqui o que conduziamos:

Cinco espingardas — com a competente munição (quatrocentas cargas);

Tres rewolvers;

Cinco cantis d'agua, de cinco quartilhos cada um;

Cinco mantas;

Vinte e cinco arrateis de *biltong* — que é uma especie de carne sêcca;

*

Dez arrateis de contas de vidro para presentes aos indigenas;

Navalhas, phosphoros, um compasso, um filtro d'algibeira, uma enxó, uma garrafa de cognac, tabaco — e os fatos que tinhamos no corpo.

Era tudo: e era pouco, como necessidade e conforto, n'uma semelhante empresa! Ainda assim peso consideravel para cinco homens acarretarem, por um sol terrivel, através d'um deserto esteril!

Depois, com immensas difficuldades, persuadimos tres negros da aldeola a acompanharem-nos durante vinte milhas, levando cada um ás costas uma larga cabaça d'agua fresca. O meu fim era podermos encher de novo os cantis, depois da primeira noite de marcha (porque decidiramos partir na frescura da noite). Os negros, a quem eu contára que iamos caçar o abestruz, não acreditaram: tinham por certo que morreriamos de sêde e de fome no grande sertão: elles proprios temiam a morte e os demonios que vagam no deserto: e só consentiram em nos seguir, a troco de tres facas de matto e d'uma manta vermelha.

Durante todo esse dia descançámos e dormimos. Ao pôr do sol celebrámos um grandioso jantar, de caça, de carne fresca e de chá — « o ultimo chá, observou John com melancolia, que naturalmente beberiamos por longos e longos mezes. » depois, apetrechadas as mochilas, esperámos que nascesse a lua. Perto das nove horas subiu ella, em toda a sua serena e pensativa gloria, inundando de luz branca e vaga todo oimmens o deserto, que parecia tão mudo, solemne, impenetravel e virgem de pégadas humanas como o claro firmamento que por cima resplandecia. Com a lua que se erguia nos erguemos nós tambem. Tudo estava prompto, os negros de cajado na mão: — e todavia hesitavamos ainda, como o fraco homem hesita sempre perante o Irrevogavel. Lembro-me bem. Adiante de nós alguns passos, Umbopa, de azagaia na mão, com a carabina a tiracollo, olhava fixamente para o deserto: atraz de nós, n'um grupo, Venvogel, com os tres negros que levavam as cabaças d'agua, esperavam,

direitos e mudos: e nós tres, os homens brancos, muito juntos, sentiamos bater forte o coração.

De repente, o barão tirou devagar o chapéo. E com profunda emoção:

— Amigos, vamos começar uma das mais estranhas jornadas que homens têm ousado tentar. O que será de nós, não sei: mas, para bem ou para mal, juntos estamos, juntos nos encontraremos sempre! E agora, antes de partir, ergamos o pensamento para Aquelle que tudo póde!

Escondeu a face entre as mãos, ficou immovel. O Capitão John e eu baixámos tambem a cabeça, com reverencia, com humildade. Eu por mim, confesso, nunca fui homem de orações. Caçadores de elephantes, na dura vida d'Africa, raro se lembram de fallar a Deus. Em todo o caso, n'aquelle momento, rezei. Rezei com fervor; e senti-me depois mais alegre e mais leve. Creio que o Capitão (religioso no fundo, apesar de praguejar medonhamente) tambem rezou. O barão esse era homem de piedade e crença... Quando destapou o rosto, olhou em redor, ergueu o braço, — e com um bello ar de resolução e de esperança:

— Prompto?... Larga!

Os bordões resoaram na terra dura, — e largámos.

Para nos guiar no deserto tinhamos apenas as distantes montanhas de Suliman, e o roteiro que o velho D. José da Silveira traçára no pedaço de camisa. Cada um de nós trazia na algibeira uma cópia d'esse mappa rude. Mas, considerando que essas linhas tinham sido riscadas por um homem meio morto, ha trezentos annos — era bem certa a sua utilidade? A nossa salvação, n'aquella jornada, seria encontrar a lagôa, ou pôça de agua salobra que o velho fidalgo portuguez marcára a meio caminho entre a aldeia d'onde partiramos e as serras de Suliman. Se a não achassemos, tinhamos certa a morte, uma morte terrivel, a morte pela sêde. E, para mim, as probabilidades de des-

cobrir uma lagôa de tres ou quatro metros n'aquella vastidão de areia e tojo, parecia-me minima, infinitesima. Mesmo suppondo que o Portuguez a marcára com exactidão — quem nos afiançava que n'esses trezentos annos ella não seccára ou não fôra coberta pelas areias movediças?

Era n'isto que eu pensava — emquanto silenciosamente, como sombras, iamos marchando sob o luar silencioso. O caminho não era facil: o tojo denso e espinhoso retardava-nos o passo: a areia mettia-se nos sapatos, e cada meia hora deviamos parar para os esvaziar: e apesar dá noite não estar quente havia no ar alguma coisa de pesado e de espesso, que amollentava. Mas o que sobretudo nos opprimia era a solidão, o silencio — o infinito, terrivel silencio. John ainda tentou assobiar uma cantiga galante de bordo. Mas a toada jovial, o estribilho de *teus dôces olhos*, parecia lugubre n'aquella severa immensidade. O engraçado homem emmudeceu. E seguimos n'uma fila muda através do matto mudo.

Perto da meia noite, sobreveio uma aventura que nos assustou — e depois nos divertiu immensamente. John, como marinheiro, leváva a bussola, e marchava adiante, guiando. De repente ouvimos um berro — John desapparece! Ao mesmo tempo rompia em torno de nós uma balburdia medonha de roncos, bufos, grunhidos, sons de patas fugindo — e vemos fórmas, como garupas, galopando através do tojo, entre rolos d'areia. Os negros atiraram-se ao chão, gritando que eram «demonios acordados»! Eu proprio e o barão ficámos surprezos: — e o nosso assombro cresceu quando avistámos John, apparentemente montado n'um potro, fugindo aos galões para o lado dos montes, e ganindo como um desesperado. Um momento mais — e vêmol-o sacudir os braços no ar, e de novo desapparecer, no matto baixo, com um baque tremendo. Corremos para elle e percebemos o caso estranho: tinhamos ido cahir no meio d'um rebanho de zebras adormecidas: John estatelára-se exactamente sobre as costas d'uma, enorme: e o bicho, pulando espavorido, abalára com o nosso amigo nas ancas. Felizmente não se magoára no tombo final: fomos dar com elle sentado na areia,

de monoculo firmemente cravado no olho, aturdido, indignado — mas intacto de pelle e osso.

Depois d'isto marchámos socegadamente até perto das duas horas da noite. Fizemos então uma paragem, bebemos uns goles d'agua (não muitos, nem largos, porque a agua passava a ser preciosa), e ao fim de trinta minutos de descanço recomeçámos a caminhar para diante, para diante sempre, até que o nascente se tingiu de laivos de rosa. Vimos as estrellas desmaiar, vivas barras alaranjadas alongarem-se ao rez do horisonte, a lua declinar mais livida que um cirio, longos raios de luz varar e colorir de fogo os nevoeiros, todo o deserto cobrir-se d'uma tremula refracção d'ouro — e ser dia!

Não parámos apesar de já cançados — pela certeza de que bem cedo o sol, nado e alto, nos impediria de dar um passo unico, sob o seu torrido esplendor. Com effeito, ás seis horas já ardia! Por felicidade avistámos então na planicie um montão de rochas. Para lá nos arrastámos, exhaustos. E por felicidade maior, uma enorme lasca de pedra pousada sobre grossos blocos fazia como um telheiro, cuja sombra cahia sobre um pedaço d'areia fina. Abrigo providencial! Alli nos aninhámos: e, depois de beber alguns goles d'agua bem contados, e de comer uma lasca de *biltong*, adormecemos deliciosamente.

Ás tres horas acordámos. Os carregadores que tinham trazido as cabaças já se preparavam para voltar á sua aringa. De sorte que absorvemos uma farta terraçada d'agua, enchemos de novo os cantis, e distribuimos pelos homens as facas de matto promettidas. D'ahi a instantes vimol-os (não sem uma vaga melancolia) voltar costas ao deserto e romper a marcha para o lado da sua aldeia, para o lado da frescura e da agua!

Ás quatro e meia mettemos de novo a caminho. A cada passo tudo de redor se parecia alargar em silencio e desolação. Ao principio ainda avistavamos, aqui e além, entre o matto, um abestruz. Depois, nem mesmo reptis topavamos na planicie arenosa. A nossa unica companhia era a mosca, a mosca ordinaria e caseira... Digno e veneravel animal! Em qualquer logar em que o homem penetre, deserto, montanha, caverna — a mosca

lá está. Foi este decerto o primeiro dos sêres vivos que surgiu sobre a terra. Já havia moscas para pousar no nariz de Adão. O derradeiro homem ha de morrer com uma mosca a zumbir-lhe em torno á face. E talvez haja moscas no Paraiso.

Ao sol-posto parámos, esperando que nascesse a lua. Mais bella e serena que nunca surgiu ella ás dez horas — e toda a noite, sob o seu calmo e pensativo brilho, na mudez da vastidão, caminhámos, caminhámos... O sol nado pôz um termo á valente marcha. Sorvemos por conta uns goles d'agua dos cantis, atirámo-nos para cima da areia, e alli nos tomou o somno a todos quatro simultaneamente. Não havia necessidade que um velasse. Nada tinhamos a recear, nem d'homem nem de fera, n'aquella immensidade despovoada. D'esta vez porém nenhuma rocha nos abrigava — e ás sete horas acordámos sob o sol faiscante, com a sensação que deve experimentar um bife de lombo achatado sobre a grelha. Estavamos sendo *fritos!* O sol por cima, a areia por baixo, seccavam-nos o sangue nas veias. Todos nos erguemos, de salto, quasi sem respiração.

— Santo Deus! murmurou o barão, sacudindo os enxames de moscas.

— Póde-se chamar a isto calor! gemeu do lado o Capitão, que arquejava.

Podia-se chamar, na verdade. E eram apenas sete horas! Em toda a vasta extensão nem um abrigo! Só matto rasteiro — e por cima uma vibração radiante, tão viva e intensa que viamos tremer o ar.

— Que se ha de fazer? exclamou o barão. É impossivel aguentar isto!

Olhámos uns para os outros, estupidamente.

— Se abrissemos uma cova? lembrou John. Podiamos metter-nos dentro e cobrir-nos com tojo... É uma idéa.

Não brilhante! Mas era a unica: — de modo que, já com a enxó, já com as mãos, passámos a abrir uma cova do tamanho aproximado d'uma larga cama. Cortámos uma porção de matto; e alli nos sepultámos, collados como sardinhas n'uma caixa, todos quatro, o barão, John, eu e Umbopa, — porque

Venvogel, como Hottentote, não sentia os ardores do sol. Foi elle que nos cobriu de matto. Realmente, assim, estavamos ao abrigo dos raios perpendiculares do sol: — mas que pavorosa ardencia a d'aquella fossa em que cada torrão, junto do corpo, era como uma braza viva! Não comprehendo como nos desenterrámos vivos. Dormir, impossivel! Jaziamos estendidos, hirtos, sem ter já que suar, quasi cortidos, arquejando anciosamente. Só possuiamos o consolo de humedecer de vez em quando os beiços com uma gota d'agua muito medida! Esta avara medição da agua era o tormento maior. A cada instante necessitavamos recalcar a furiosa tentação de sorver d'um só trago os quatro cantis. Mas quê! se a agua faltasse — breve viria a morte!

Tudo tem um fim n'este mundo, diz a Sabedoria oriental, comtanto que se possa esperar. Esperámos: a horrivel, interminavel manhã passou: e pelas tres horas preferimos encontrar a morte, andando (se a morte tinha de vir), a ser por ella lentamente envolvidos n'aquelle infame buraco. Reconfortámo-nos com um curto sorvo á nossa agua, — que diminuia terrivelmente, e subira já á temperatura do sangue. E com um esforço rompemos de novo através da planicie flammejante.

Tinhamos transposto umas dezesete leguas de ermo. Ora no roteiro do velho D. José da Silveira, a total extensão do deserto estava fixada em quarenta leguas; e a famosa poça de agua salobra vinha marcada a meio do deserto. A esse tempo, portanto, deviamos estar a umas tres leguas da agua — se a agua existia! Em toda a tarde, porém, fizemos pouco mais d'uma milha por hora. Ao pôr do sol parámos á espera da lua. Deixei-me cahir para o chão, como um morto, cerrei os olhos. Mas d'ahi a um instante Umbopa fez-me erguer e notar, á distancia de oito ou nove milhas, uma especie de outeiro redondo e liso que se erguia abruptamente na planicie rasa. Não parecia uma elevação natural de terreno, na sua semelhança estranha com uma metade de laranja. Quando me tornei a deitar adormeci logo, murmurando: « Que será...? »

Ao romper da lua de novo partimos, já alquebrados de

cançaço e de sêde. O andar franco e firme acabára para nós. Era agora um arrastar de passos quasi cambaleantes, com paragens bruscas de meia em meia hora, em que cahiamos para cima da areia, sem força, de coração desmaiado. Nem animo nos restava para conversar. Até ahi ainda gracejavamos, heroicamente. John sobretudo — jovial camarada! Mas agora! Nem voz tinhamos para gemer!

Finalmente, perto das duas horas, vencidos de corpo e d'alma, chegámos ao pé do comoro estranho. Era uma especie de duna d'areia, escura, lisa, atarracada, da altura d'uns trinta metros, e cobrindo na base duas geiras de terreno. Parámos. E desesperados com a sêde, sorvemos o resto da agua. Tinhamos meio quartilho por bôca! Podiamos ter emborcado um almude!

Cada um em silencio se estendeu para dormir. Eu fechava os olhos, resvalava já dôcemente no esquecimento e no sonho, quando ouvi Umbopa ao meu lado murmurar para si proprio em zulú:

— O que é a vida! Se ámanhã não achamos agua, a lua ao nascer encontra aqui quatro mortos... Vida, sombra que passa! vida, murmurio que finda!

Apesar do calor senti um arrepio. Pois tanta era a fadiga, que confrontado por esta probabilidade (uma agonia de sêde n'um deserto d'areia!), adormeci profundamente.

Eram quatro da manhã quando acordei. E bruscamente entrou commigo a tortura da sêde!

Estivera todo o tempo sonhando que passeava á beira d'um regato d'agua, muito puro e muito frio, bordado de relvas e de grandes arvores de fructas... Quando me ergui esfreguei a face com ambas as mãos; mãos e face pareceram-me mais sêccas e duras do que coiro; e as palpebras e os beiços estavam tão pegados, tão collados, que tive de os descerrar á força com os dedos, como se os unisse uma colla forte. A madrugada ainda vinha longe: mas não reinava no ar a natural

frescura matutina, antes uma espessura molle e morna intoleravelmente pesada. Os outros dormiam... Fiquei callado, olhando em redor a desolada solidão. E pouco a pouco comecei a sentir de novo, junto de mim, o murmurio fresco do regato que corria, o ramalhar da verdura, pios d'aves, e toda uma sensação de paz, de sombra, de abundancia, que me fazia sorrir sósinho n'um immenso contentamento... Ao mesmo tempo tinha a certeza do deserto e da aridez que me envolvia. Creio na verdade que delirei!

Voltei a mim, quando os outros em redor se começaram a mexer, erguendo-se devagar sobre o cotovêlo, esfregando como eu as faces resequidas, separando á força como eu os labios sem saliva e mirrados. Já rompia a claridade. Apenas acordados todos, e conscientes, começámos a fallar da nossa situação — que era sombriamente desesperada. Não nos restava uma gota d'agua! Voltámos os cantis para baixo, chupámos-lhes os gargalos. Mais sêccos que ossos! O Capitão John, que guardára a garrafa de cognac, sacou-a da mochilla, consultou-nos com um sedento olhar. — Mas o barão arrancou-lh'a das mãos. Beber alcool, n'aquelle estado?... Era a morte.

— Mortos estámos nós (murmurou o Capitão encolhendo os hombros) se d'aqui á noite não achamos agua!

— Se o roteiro do Portuguez estivesse exacto, disse eu suspirando, a poça d'agua devia apparecer por aqui, algures... Foi n'esta altura exactamente que elle a achou...

Os outros nem responderam. Realmente nenhum de nós tinha já confiança no roteiro do velho fidalgo. Mesmo que a poça existisse — como encontrar n'essa immensidão o sitio exacto e preciso onde ella estaria, mais pequena e perdida do que uma moeda de prata n'uma praia d'areia? Só por um «bamburrio»! Ou só se ella jazesse junto d'accidente do terreno, que, pela sua especial saliencia na vasta planicie, inevitavelmente attrahisse os olhares e os passos.

A claridade ia crescendo; e quando assim estavamos, lançando conjecturas, n'esta terrivel anciedade — reparei que o nosso Hottentote Venvogel andava a distancia, com os olhos

no chão, lentamente, como quem procura um rasto... De repente parou, soltou um grito, com o braço espetado para a terra.

— Que é? exclamámos todos.

E corremos alvoroçadamente.

— Pégadas de corço! bradou elle em triumpho, apontando para o chão.

— E então?

— Corços nunca andam longe d'agua!

— É verdade! gritei eu. E louvado por isso seja Deus!

Foi como se renascessemos á vida. Não era ainda a agua — mas a esperança d'ella, para breve! E n'uma crise afflictiva como a nossa, uma esperança, por mais vaga e tenue, vale sobretudo pela coragem de que enche logo a alma.

Venvogel no emtanto começára a andar em redor, com o nariz erguido (o seu largo nariz mais chato que o d'um *bull-dog*), sorvendo o ar quente, farejando.

— *Cheiro agua!* dizia elle, *cheiro agua!*

E nós todos atraz d'elle, farejando tambem, quasi *já viamos* a agua — sabendo bem que estes Hottentotes, como todos os selvagens, possuem um faro maravilhoso. Mas n'esse instante os grandes raios do sol que nascia bateram-nos o rosto. E olhando, descobrimos uma tão grandiosa paizagem, que por um momento esquecemos a agua e os tormentos da sêde!

Diante de nós, a umas dez ou doze leguas, rebrilhando como prata nos primeiros raios do dia, erguiam-se os dois enormes montes que o portuguez chamára «os Seios de Sabá»; e de cada lado d'elles, estendendo-se sem fim, durante centenares de milhas, a vasta cordilheira de Suliman! Não é possivel transmittir, no verbo humano, a incomparavel grandeza e belleza d'aquelle quadro de montanha!

Alli estavam as duas enormes serras que não têm eguaes na Africa, nem creio que no resto do mundo, medindo pelo menos mais de quinze mil pés d'altura, emergindo da cordilheira infinita — brancas, mudas, de portentosa solemnidade, enchendo o céo até acima das nuvens. E o que esmagava a alma, era a

assombrosa estructura. A cordilheira estendia-se como um muro disforme de granito, d'altura de mil pés: as duas serras formavam como os dois torreões d'uma porta, perdidos nas profundidades: a parte da serra que separava os dois montes, sendo talhada a pique, lisa e rigorosamente horisontal no alto, reproduzia a configuração d'uma porta prodigiosa: — e o aspecto todo era como o d'uma muralha cercando uma cidade fabulosa de sonho ou de lenda!

Bem justamente chamára o velho fidalgo portuguez aos dois montes «Seios de Sabá»! Tinham com effeito a fórma perfeita de dois peitos de mulher: as suas vastas faldas iam subindo da planicie, n'uma curva dôce e tumida, parecendo áquella distancia, formosamente redondas e lisas: e no cimo de cada uma, um immenso outeiro sobreposto, todo coberto de neve, semelhava exactissimamente a ponta, o bico d'um peito. Prodigiosa estructura! Se a Terra, como pretendia a antiga Mythologia, é uma mulher, a enorme Cybele — ahi estavam decerto os seus peitos uberrimos! Mas á minha imaginação (nunca muito inventiva, mas perturbada e excitada n'esse momento pela fraqueza) aquillo tudo se afigurava uma muralha estupenda, cercando e defendendo uma região de infinito mysterio; e a cada instante me parecia que a porta de granito ia rolar, abrir-se com fragor, e desvendar algum segredo secular — o segredo talvez da Terra d'Africa! E o mais extraordinario foi que, emquanto assim contemplavamos assombrados, começaram a subir, a agglomerar-se em torno aos dois montes lentas e estranhas nevoas e nuvens, como para esconder aos nossos olhos mortaes a magestade d'aquelle ádito, que uma vontade divina nos deixára por um momento entrever. D'ahi a pouco os «Seios de Sabá» estavam envolvidos de todo, resguardados sob o mystico véo — através do qual só podiamos distinguir agora as suas linhas, formidavelmente espectraes!... Depois, mais tarde, descobrimos que esses montes, em tudo singulares, estavam ordinariamente velados por esta curiosa nevoa, como por uma cortina de Sacrario. Só a certas horas, ao romper do sol, a cortina se descerrava, como

n'uma celebração, desvendando aos homens a maravilha sem par.

Passada a violenta surpreza, de novo nos considerámos com a mesma anciosa interrogação — « que fazer? » Venvogel insistia, convencido, que lhe *cheirava a agua:* — mas debalde buscavamos, trilhavamos o terreno em redor, esquadrinhavamos através do matto. Nada! Só a areia ondulando, com manchas de matagal. Démos a volta toda ao singular outeiro onde paráramos de noite. Avançámos para os lados, em todas as direcções do vento, com attentos e lentos passos, e olhos sôfregos que furavam a terra. Nada! Nenhum vestigio d'uma nascente, d'uma poça, d'um charco. Só areia, arido tojo.

— Idiota! gritei eu desesperado com o Hottentote. Não ha, nunca houve aqui agua!

(Continúa).

# EL-REI D. LUIZ

Aos cincoenta e dois annos de edade, depois de vinte e oito annos de reinado, morreu na manhã de 19 de outubro, na cidadella de Cascaes, o vigesimo oitavo rei de Portugal, o Senhor D. Luiz I. Por longos e lamentosos dias velou a sua agonia a Rainha — cheia d'aquelle animo magnifico e grave com que na casa de Saboya, desde os velhos tempos de Humberto, senhor de Tarentesia, os homens affrontam os perigos e as mulheres as provações. E toda a Nação o chorou n'uma infinita piedade.

Com El-Rei D. Luiz finda um periodo interessante da nossa Historia. Durante elle Portugal, emergindo da anarchia doutrinaria que o desmantelava desde 1820, consumma o seu desquite com o Passado, quebra o seu pacto com os ideologos, — e entra resolutamente, para ventura sua ou para maiores e ineditos males, no caminho do Utilitarismo, do Fomento e do

Progresso Material. Para presidir a esta Revolução, que cobriu a terra de instrumentos de riqueza e radicou na gente a importancia dos interesses, El-Rei D. Luiz era, pelas favoraveis feições do seu espirito liberal, transigente, modernizado, accessivel ás innovações, o chefe mais congenere e perfeito. D'ahi proveiu, entre o Rei beneficamente inclinado ás Reformas e o Reino que ardentemente se reformava, uma harmonia sólida e séria, que em vinte e oito annos não soffreu uma interposição, nem foi toldada por uma sombra.

Na paz politica que assim se creou (e que exteriormente teve consideravel belleza), pôde lentamente através do Rei ser observado o Homem; e este desde logo captivou o paiz pela sua genuina e positiva bondade. Victor Hugo affirmava que só existiam duas coisas verdadeiramente grandes — o Genio e a Bondade: Michelet accrescentava que d'essas duas grandezas só uma era verdadeiramente real — a Bondade. Decerto estes dois homens, supremamente bons e geniaes, entendiam por bondade — aquella virtude activa que, pela elevação e amplitude das suas manifestações, participa do heroismo. O exercicio porém d'esta bondade heroica necessita uma illimitada potencia e expansão de vontade, d'uma vontade sublimemente alheia ao mundo como n'um S. Francisco de Assiz ou irresistimente dominante no mundo como n'um Trajano, — incompativel portanto com as limitações impostas, nas Democracias, a um Rei Constitucional. Dentro dos nossos organismos sociaes a virtude nativa d'um Rei só se póde traduzir nas manifestações discretas e quasi

intimas da generosidade, da indulgencia, da cortezia, da affabilidade, da bemquerença. Todas estas expressões de bondade as teve o Rei lamentado: — e ninguem mais do que elle, na terra em que reinou, foi amavel, polido, modesto, caridoso, sereno e bem-acolhedor.

Ás excellencias de coração El-Rei D. Luiz alliava qualidades de espirito estimaveis e delicadas. As coisas do Saber, da Litteratura, da Arte, permaneceram sempre para elle superiormente valiosas e queridas. Não foi, como outros, um protector das Letras condescendente e distante; mas elle proprio entrou activamente nas Letras como um diligente e bom obreiro, commentando e trasladando as obras de Shakespeare, que, por ser o Genio que maior somma de verdade humana poz dentro de maior somma de poesia imagetica, seduzia mais que nenhum outro o espirito d'El-Rei, onde se misturava ao bom-senso dos Bragança um dôce elemento de imaginação germanica.

D'esse fundo de realidade e de phantasia lhe veio o seu immutavel amor pela Pintura e pela Musica. Ambas estas nobres artes praticou com um gosto firme; e d'ambos se cercou profusamente, não como complementos ricos d'uma vida bem-ornada, mas como fontes de emoções e de sentimentos, onde a sua alma, quando invadida pela desillusão dos homens e das coisas, achou encanto e consolação.

Intelligente e bom, elle reuniu as duas superioridades que perpetuam a memoria d'um homem. A sua intellectualidade, porém, era mais propria para agradar

aos espiritos letrados e eruditos; e a fórma da sua bondade propria, sobretudo, para prender as multidões simples e emotivas. Por isso a sua bondade será sempre mais lembrada que a sua cultura. Talvez o povo, renovando um costume sentencioso das edades passadas, lhe venha a dar o nome de *Luiz-o-Bom*. Hoje, nas sociedades democratisadas, não ha já possibilidade historica de que um Rei conquiste o cognome de *Grande*. Mas se tal conquista ainda fosse realisavel no nosso tempo, nenhum louvor maior se poderia prestar a El-Rei D. Luiz do que afoutamente affirmar que elle proprio preferiria ficar simplesmente nos corações como *Luiz-o-Bom*, a entrar solemnemente na Historia como *Luiz-o-Grande*.

Um principe moderno, brilhante, cultivado, requintado, de aptidões complexas e fortes, de intelligencia largamente absorvente, de vida excellentemente pura, sobe por seu turno ao throno sete vezes secular.

Começa este Reinado no momento em que, pela dispersa hesitação das intelligencias, pelo incuravel enfraquecimento das vontades, pela desorganisação dos Partidos, pela inercia das Clàsses, — o Rei surge como a unica força que no Paiz ainda vive e opéra. E por isso mesmo que a authoridade vital, que, desde 1820, se escoára do throno e se espalhára pelas instituições democraticas e pelos corpos que as encarnam, parece refluir ao Throno para n'elle se condensar de novo — o Reinado abre entre difficuldades, que lhe impõem responsabilidades. Os deveres d'El-Rei, n'estas condições, encontrarão certamente no seu patriotismo a

inspiração mais segura e mais pura. Os nossos deveres, esses, claros e singelos, consistem em cercar de facilidades o Rei que dá os seus primeiros passos reaes, em todo o viço do pensar e do querer, — acompanhado por uma Princeza, adoravelmente preparada, para collaborar na obra da corôa, com esses finos dons de graça e de doçura, herdados da sua raça e da sua patria, e que sempre, desde todos os tempos, foram os mais efficazes para vencer e reter, não só o prompto coração, mas a razão resistente dos homens.

*

# NOTAS DO MEZ

O parlamento, em França, abre proximamente, possuindo, como novidade — mais um Partido parlamentar com o seu Chefe no exilio.

Foi este o resultado das eleições de 22 de setembro, e do desesperado esforço que os partidos organisados e definidos desde 1872 tentaram para arrancar ao suffragio universal o segredo da sua definitiva preferencia. O suffragio universal quiz, além dos quatro velhos partidos, Opportunista, Radidical, Orleanista e Bonapartista, um outro Partido novo no Parlamento — o Boulangista. Com effeito, emquanto os quatro partidos chegam das mãos do suffragio com o seu pessoal inalterado e quasi intacto — o Boulangismo, que era um bando vago e errante, apparece convertido pela eleição n'um partido compacto e estavel. Paris (o voto de Paris outr'ora, como a cançoneta de Paris, alastrava, percorria toda a França!) Paris declarou-se boulangista, com a unanimidade de 27 de janeiro. Por outro lado certos departamentos enfeudam-se definitivamente ao boulangismo. E tendo sido uma guerrilha de *dez* aventureiros na Camara passada, o boulangismo vem ser na Camara actual um partido de *cincoenta* deputados.

É uma victoria. Mas uma victoria que importa a annullação do boulangismo e do general Boulanger — porque este

homem, improvisado na rua, n'uma cidade e n'um momento historico em que uma cantiga dá mais reputação que dez batalhas, ganhava em continuar a receber unicamente a sua força dos enthusiasmos e das correntes emotivas da rua. Só pela rua elle galgaria ao poder — e quanto mais se constitucionalisa, mais se despopularisa. Paris nomeou e acclamou Boulanger em 27 de janeiro para que elle lhe fizesse, depressa e *tambour battant*, uma revolução contra o Parlamentarismo. Desde que elle porém se torna tambem parlamentar, a sua utilidade cessa, o seu brilho morre — e Chefe ausente, com um partido na camara girando dentro da Constituição, elle é apenas um pretendente mais, sem valor pessoal e sem tradição historica, que erra em torno das fronteiras da França, esbatido nas brumas do exilio.

Os ganhos eleitoraes de 22 de setembro provieram da indignação contra os excessos judiciaes da *Haute-Cour;* do espirito *frondeur* e sempre anti-governamental de Paris; d'um resto consideravel de sympathia; e da teimosa esperança em que o antigo Messias e os seus apostolos fizessem emfim a revolução adiada. Ainda na manhã de 22 os boulangistas affirmavam nas suas proclamações: «se hoje vencermos pelo voto, completaremos á noite o triumpho com as armas!» A victoria eleitoral não veio: — e em Paris, hoje, com o general Saussier no commando da Praça, o exercito absolutamente disciplinado e fiel, as ruas asphaltadas e estrategicamente dispostas, e a massa burgueza hostil a todo o tumulto que estrague os lucros da Exposição — é impossivel uma surpreza revolucionaria, tentada por uma minoria. Tudo tem de ser feito dentro do Parlamentarismo: e desde que o general Boulanger e os seus, transformando-se de bando em partido e subindo da praça ao Parlamento, ficam envolvidos no machinismo constitucional e reduzidos a essa eloquencia esteril e a essas estereis combinações que elles com tanto furor denunciavam, a sua missão e razão de ser findaram — e a corrente cesarista, que só póde vencer pela revolução, tem de se voltar para outro lado, á procura d'outro Cesar.

A segunda feição da camara será a decadencia (dentro

d'ella) do Radicalismo que volta da urna diminuido em numero, com os seus chefes e inspiradores (Clemenceau, Goblet, Yves Guyot, Lockroy, etc.) ou derrotados, ou desprestigiados pelo ultrage do *empate;* e por outro lado, parallelamente, a inffluencia crescente dos homens (Léon Say, Germain, etc.) que no partido republicano representam mais salientemente as idéas de reforma economica, de tolerancia religiosa, de moderação e de paz. Perante isto os Opportunistas ou moderados exultam com estridor, e proclamam que a estabilidade politica está finalmente creada. Mas nunca na realidade a França esteve tão instavel: — provindo sobretudo essa instabilidade de que os cem votos de maioria, de que se ufanam os Republicanos, não formam a segurança e a defeza d'um partido, mas a unica defeza e segurança do proprio Estado. *Cem* votos de maioria — eis o que em França garante e sustenta a Fórma do Governo! *Cem* votos de maioria — eis toda a base que têm em França as Instituições! Na Inglaterra, que as eleições sejam ganhas pelos Conservadores ou pelos Liberaes — o regime permanece tão solido e indifferente a essa mutação como o proprio sólo geologico. Em França, que ámanhã esses cem votos (obra de duzentos mil eleitores) passem dos Republicanos para os Conservadores — e eis por terra o regime, o pessoal, os costumes e as Instituições republicanas! A França está dependente d'uns poucos de papeis brancos lançados n'uma caixa de pau. Ora esta instabilidade, alimentando sempre a esperança dos partidos monarchicos e aviventando sempre a desconfiança das velhas monarchias, impede que a França consiga a fusão dos seus partidos, e conclua tratados de alliança: — e assim se tornam cada vez mais irrealisaveis os dois grandes desejos do patriotismo — a pacificação dentro da fronteira, e a desforra para além.

---

Em Londres organisam-se consideraveis grèves, como corollario da grève dos trabalhadores das docas que findou — cedendo a Companhia a todas (ou ás mais essenciaes) exigencias dos operarios.

Quatro feições interessantes e novas caracterisaram essa grève instructiva e fecunda — e são talvez para as outras de excellente promessa. Em primeiro logar os trabalhadores (pertencentes todos ás mais incultas e violentas classes de Londres) mostraram durante semanas um respeito da ordem e da propriedade, uma attenção intelligente ás razões economicas, uma capacidade de soffrer com serenidade, um sentimento de disciplina, uma pertinacia moral, que fariam honra aos cidadãos mais forte e elevadamente educados para a vida civil e para os deveres do patriotismo. Em segundo logar, as classes superiores, as menos inclinadas a comprehender ou attender as reclamações das plebes, manifestaram por ellas uma sympathia de razão e de coração raras e inesperadas n'essa Inglaterra que Taine ainda ha annos representava, e muito justamente, como uma besta rude e fera (a Plebe) que um cavalleiro brilhante e delicado (alta Burguezia e Aristocracia) monta e subjuga por meio de fortes cadeias de bronze, não lhe permittindo sequer o queixume e negando-lhe quasi a ração. Em terceiro logar os bispos, á maneira dos bispos da meia-edade, intervieram n'esta lucta do feudalismo capitalista e das plebes operarias, proclamando officialmente esse Socialismo Christão que hoje agita a Egreja em Inglaterra, e que (segundo foi definido na Conferencia Diocesana reunida ultimamente em Carlisle) tende em todas as questões sociaes a tomar francamente e apaixonadamente o partido do pobre, sem todavia lhe radicar a idéa de que tudo está salvo, e a sua felicidade feita em céo e terra, desde que elle coma com mais abundancia e vista com mais conforto. Emfim a quarta feição d'esta grève foi o começo da descentralisação commercial de Londres, dispersando parte do movimento maritimo por Southampton, Cardiff e Liverpool, com elle esvaziando Londres da sua agglomeração excessiva de operarios, e desobstruindo assim uma cidade que pelo seu accrescimo de 80:000 almas por anno se vae tornando um monstro social e economico, ingovernavel e perigoso para o equilibrio do Estado.

---

A morte do principe reinante de Monaco e os renovados boatos do abandono de Roma pelo Papa têm uma relação pittoresca, — porque de ha muito o Principado de Monaco é considerado como o logar que a politica e a geographia marcam como o mais adequado á residencia do Papa.

Este Estado, que se compõe d'um rochedo e d'alguns jardins, e que é independente ha novecentos annos sob o dominio dos Grimaldis, apresenta-se, já pela sua situação, já pela sua tradição, como o unico refugio possivel e duravel para um Papa independente e soberano. As anemias e doenças de velhice, de que ordinariamente soffrem os Papas, encontrariam além d'isso em Monaco o mais salubre e favoravel clima. A centralidade do Principado poria o Chefe da Egreja em facil e accessivel contacto com as populações catholicas do Meio-Dia. O ciume tradicional da França e da Italia, em questões de Papado, garantiria segurança e independencia a um Pontifice collocado entre ellas. O palacio actual de Monaco, se não tão sumptuoso como o Vaticano, é ainda acceitavel para o Chefe d'uma religião de pobreza. Os grandes fundos accumulados pelo subsidio italiano (que o Papa nunca tocou) bastariam a construir outros edificios para as Congregações e para o Sacro Collegio. Os Monaquenses, excellentes catholicos, cercariam o Papa de amor e de respeito. Esse amavel e ditoso povo que não paga tributos (quem os paga por elle é o Casino do Jogo) não seria tambem tributado pelo Papa, a quem deve bastar o dinheiro de S. Pedro: e, além de ganhar espiritualmente, remindo-se pela contemplação directa da virtude do Inferno a que o tem votado a contemplação directa do vicio, o Monaquense ganharia ainda materialmente — porque, como objecto de peregrinação universal, o Papa vale a Roleta.

Por outro lado, morto o velho Carlos III, Monaquense aferradamente apaixonado pelo seu rochedo, — o seu successor, o novo chefe da casa dos Grimaldis, venderia decerto o reino em condições excepcionalmente vantajosas. Este moço virtuoso e superior abomina o jogo, nunca habita o Principado, occupa-se sobretudo de explorações submarinas, e a sua

tendencia é para Paris onde o chamam os seus gostos de erudito e as relações da sua noiva, a senhora duqueza de Richelieu, parenta de Henri Heine e millionaria.

O Papa fóra de Roma desmancharia a belleza e a unidade da tradição historica: mas a sua installação em Monaco terminaria um grande escandalo no seio da Christandade, e livraria dois dignos e excellentes Principes, Leão XIII e Humberto I, d'um insoluvel e torturante embaraço.

---

A China vae aproveitar-se emfim d'um dos grandes instrumentos da civilisação occidental. O novo Imperador, Kuang-Sou, auctorisou a construcção d'um caminho de ferro de Pekim a Hankow — n'uma distancia de setecentas milhas. Esta obra estava já planeada: mas o velho Partido Conservador obstára sempre á sua realisação, com a razão (ou com o pretexto) de que uma ruidosa acceleração de movimento perturbaria a tranquillidade rural da China, provocaria a repugnante presença do estrangeiro, e offendendo, com a applicação de *rails* e perfuração de tunneis, a santidade e recolhimento da Terra, poderia desgostal-a e leval-a a esses movimentos impacientes que nós chamamos *terremotos*. A Imperatriz regente partilhava estas idéas. O novo Imperador, porém, que é (segundo affirmam os tres ou quatro europeus, que, como Sir Robert Hart, têm os privilegios de grandes dignitarios chinezes) um moço de fortes capacidades e de esplendida energia, decretou a innovação europêa por motivos d'ordem economica e politica.

Economicamente, este caminho de ferro construido sobre terreno que não custa quasi nada, por trabalhadores que quasi nada ganham, deve necessariamente dar lucro ao Estado — porque o alimentar e vestir Pekim garante um immenso trafico de mercadorias, e o movimento d'uma população, tão mobil e fluctuante como a chineza, garante um prodigioso trafico de passageiros.

Politicamente, por meio de caminhos de ferro, o Imperador consolida o predominio e absolutismo de Pekim — até hoje

embaraçado no seu exercicio pelas vastas distancias, pela difficuldade de fiscalisar os mandarins governadores de provincias remotas, pelo custo de concentrar e expedir rapidamente tropas, e pela impossibilidade de centralisar o commercio e as finanças na capital.

Toda a Europa folga com este decreto; a Inglaterra sobretudo, porque vê n'elle uma primeira acceitação das idéas occidentaes, e através d'ellas um accrescimo de influencia no Mandarinato de Pekim.

Parece prematuro este folgar. Não será por viajar mais rapidamente que a China perderá o seu desprezo e horror pelo estrangeiro. Esse desprezo tem raizes na Moral e na Religião que nenhum melhoramento nos meios materiaes de transporte conseguirá modificar. Nem os nossos progressos industriaes, nem a nossa intelligencia e sciencia, constituem influencias bastante fortes para deschinezar o chinez. Pelo contrario! Quanto mais nos conhece — menos respeita uma civilisação que se lhe afigura singularmente tumultuosa e esteril. Os Chinezes que habitam a California, e durante um tempo se misturam ao que a civilisação material têm de mais moderno e completo, voltam para a China com um patriotismo duplamente enraizado e fanatico: — e ainda ha pouco um Chinez erudito e europeanado nos affirmava « que quanto mais estudava Paris, — mais admirava Pekim. » As nossas classes operarias e ruraes parecem-lhes atrozes: — e os nossos conflictos sociaes de capital e trabalho uma rude e estupida manifestação de barbarie.

Todo o ganho da Europa com os caminhos de ferro de que a China se vae talvez cobrir — será expedir para lá alguns engenheiros, exportar alguns milhares de toneladas de ferro, e collocar com melhor juro o dinheiro que agora recolhe uns languidos 2 $^1/_2$ por cento. O seu commercio com a China decerto crescerá — ainda que esse commercio, e sobretudo a sua fiscalisação e direcção, não sahirá das mãos dos Chinezes. E a sua influencia e predominio decrescerão — porque o governo de Pekim sentindo-se mais forte tornar-se-ha mais intransigente.

Em todo o caso o Imperador revela n'esta decisão as pri-

meiras linhas d'uma nova e grande politica. Infelizmente dizem que a sua saude já decae: — é enfezado, pensa e estuda em demasia, tem o craneo desconformemente desenvolvido, e soffre d'uma melancolia incuravel.

---

Portugal realisou o ceremonial exterior das suas eleições: — porque as eleições ellas proprias já estavam feitas, havia muito, segundo o costume consagrado e veneravel, por meio de uma lista de circulos e um lapis, no remanso das secretarias. Restava só a solemnidade de *ir o povo ás urnas.* Todos sabemos, porém, que em muitos circulos se evita o barulho e a poeira d'esta ceremonia — reduzindo a eleição a uma simples acta que as auctoridades lavram depois da missa, a um canto da sacristia. O povo, esse, fica nas suas moradas, quieto, e certo de que o snr. Administrador está «fazendo» o snr. Deputado. Ha n'isto uma louvavel e notavel simplificação do systema. Mas uma simplificação maior seria que o governo nomeasse os Deputados por meio de portarias; e que elles, desde logo, como empregados publicos, pagassem direitos de mercê.

O snr. D. Pedro IV, como elle mesmo dizia, *constitucionalisou Portugal á força,* como uma vara d'aço que se verga, impellindo-o «á iniciativa dentro do regimen representativo.» Na sua indole porém e nos seus costumes, Portugal ficou em pleno seculo XVIII: — e, como a vara que se levanta logo que a mão forte a abandone, o paiz vae regressando á sua attitude natural, que é «a obediencia dentro do regimen pessoal.» Uma maioria nomeada pelo governo e que passivamente obedece ás instrucções do governo; um governo organisado por um Chefe, e que fielmente segue as indicações d'esse Chefe — eis o nosso estado politico actual, que não differe muito, na sua essencia, do que caracterisou os reinados dos avós do nosso Rei. Um Chefe de partido entre nós, tendo a confiança da Corôa, é um verdadeiro dictador: — e o nosso regimen uma dictadura real exercendo-se dentro d'um constitucionalismo ficticio. Isto poderia ser um mal se nos surgisse um dia um dictador do typo

Guzman Blanco; — mas póde ser um bem, se um dia esse Chefe de partido fôr um magnifico Bismarck. Não é todavia provavel que este paiz, onde gradualmente calmou e se sumiu toda a violencia nativa, produza Guzman Blancos. O presente regime portanto afigura-se-nos excellente — e só nos cumpre, dentro d'elle e abrigados por elle, esperar com paciencia e bonhomia que nos appareça n'uma manhã de nevoeiro esse Bismarck genial e providencial.

*João Gomes.*

# BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

**Serões manuelinos.** I. *A Senhora Duqueza,* por Luciano Cordeiro. — Lisboa, 1889

É principalmente, póde quasi dizer-se — exclusivamente, o trabalho d'um erudito. Ao lêrmos essas trezentas paginas compactas e chorudas, tão providamente encelleiradas de annotações, ampliamentos, datas e engorgitações bibliographicas, quão ingenuamente desguarnecidas do *virtuosismo,* do desenfado, da arte e da elegancia que melhormente formam o paladar dos trabalhos litterarios, sentimos cocegar-nos a pituitaria um como ar bafiento e frio de monasterio, e afigura-se-nos que *A Senhora Duqueza* foi composta no silencio claustral d'uma cella humida e pequenina, entre pulverulosos alfarrabios, e escripta por mão alternadamente gavinhando e pitadeando, forrageando no simonte e rabiscando o pergaminho.

Não é isto por fórma nenhuma, — entenda-se, — desluzir a obra notavel do snr. Luciano Cordeiro. Ella é um trabalho valiosissimo, que não deve, que não póde passar despercebido, ainda que mais não seja do que como reivindicação da Verdade e como restituição á grande, á implacavel luz da Historia de factos e personagens que o cortezanismo interesseiro d'uns e o censuravel desleixo d'outros tinham feito refugar para a discreta e fallaciosa penumbra d'uma Lenda incongruente.

Na antemanhã do dia 2 de novembro de 1512, uma tragedia sanguinolenta, d'uma grandiosa envergadura e d'uma pungente realidade, acordava em sobresalto as justiças e a população de Villa Viçosa, ia repercutir breve junto da côrte escandalisada, e alastrava o rasto do seu clarão sinistro pelo paiz, suspenso e pasmado. O duque de Bragança, D. Jayme, tendo surprehendido na camara da esposa um moço pagem, de nome Antonio Alco-

forado, fizera degolar este por um escravo negro e decapitára a duqueza a golpes de terçado. Antes de proceder á sangrenta execução, tinha o duque mandado chamar o juiz ordinario da villa, e o tabellião e o ouvidor de sua casa. Na frente d'estes e d'alguma famulagem, infligira aos conspurcadores do seu nome immediato e summario castigo, solemnemente, fidalgamente, com a convicção de que procedia dentro da Lei, movido d'um impulso nobre de quanta nobreza podia caber ainda no declivio d'aquella situação affrontosa, a mão vingadora e firme, e o coração abroquelado d'uma estoica e gelida serenidade.

Acreditou-se no adulterio. Os annaes do tempo, as memorias e tradições coevas, a consciencia e a razão dos contemporaneos envolveram a bem dizer unanimes a relação do tragico successo n'uma quasi abstemia de commentarios, n'uma discreta reserva que era uma approvação, n'um silencio conformado e indifferente, que era um tacito applauso. Isto durante muitos annos. Apenas uma ou outra vaga referencia á injustiça da morte de D. Leonor; frequente, a affirmativa do adulterio commettido; em caso nenhum a filiação segura e convicta da Lenda da innocencia. — Prova-o exuberantemente o snr. Luciano Cordeiro.

Mais tarde, a alta solicitação de vastos planos politicos (pretensão de D. Catharina á corôa portugueza), junta com o cortezanismo e a bajulação palaciana, deram-se a rehabilitar a memoria da mallograda duqueza. Quizeram fazer da culpada uma victima, da peccadora uma santa. Então esfervilharam as hypocritas invenções, os subtís disfarces, as interesseiras patranhas, que Caetano de Souza se apressou em salgalhar sem escrupulo nem criterio na sua obra colossal. Então vieram as narrações da religiosa Valdarrama, de fr. Martinho Escrivão, da mulher *de boa vida,* Maria Vaz; e o milagre *do sangue que se conservou fresco;* e a versão *da joia,* attribuida a Tristão Guedes de Queiroz.

O caso é que a pia fraude d'alguns bem intencionados e o zelo servil dos chroniqueiros aulicos em boa parte conseguiram delir a Verdade, carrear para sobre o epico perfil do duque todo o odioso cruel do acontecimento, e rebocar a mordida reputação da duqueza, como um velho azulejo, com um alvissimo lençol de innocencia e de pureza. Veio até nossos dias esta desvirtuação, esta mascarra absurda e criminosa. O pobre marido ultrajado tem sido, por quantos escriptores hão tratado ultimamente o assumpto, coberto de injustos apodos, de insultuosos epithetos, de immerecidas censuras. Era, segundo elles, um *hypocondriaco* exacerbado, uma *alma tisnada de fanatico,* uma *devota besta fera.* Gonçalves Dias e Luiz de Campos, nos seus dramas sobre aquella noite funesta, dão como limpa de macula D. Leonor. — Consequencias, — como se vê, — d'um erro muito adredemente lançado em curso e que subsequentemente a leveza, a ignorancia e a elastica probidade em letras têm feito bom.

O snr. Luciano Cordeiro, tendo-se dado ao assumpto, e não lhe soffrendo o animo collaborar na cumplicidade da manutenção d'um erro e d'uma injustiça manifestos, propôz-se a restabelecer a verdadeira, a unica versão logica e humana do tragico successo. Tendo lido e examinado detidamente o *Auto e Inquirição* que se tirou sobre a morte da duqueza, — e que é um documento da mais irrefragavel e esmagadora evidencia, — o illustre homem de letras, com uma isenção e uma coragem que o honram sobremaneira, não só lhe deu publicidade, mas pôz-se a erguer e a bordar sobre elle a individualidade dos personagens e a modalidade das circumstancias que determinaram aquelle duplo assassinato.

Bem merece por isso. Com um levantado e justo criterio e uma serena e fria independencia, o snr. Luciano Cordeiro veio offerecer-nos os termos eloquentes d'esse processo escandaloso, que o cortezanismo de ha dois seculos punha todo o cuidado em occultar; e escovando, lexiviando a essencia dos factos, picando-lhes o rebôco da mentira officiosa, apresenta-nos o sangranto episodio desnudado e simples, na sua fulminante sinceridade.

D. Leonor de Mendonça deixa de ser uma *Desdemona,* para ser uma adultera banal. Terá attenuantes, se quizerem, na sua incompatibilidade moral com o duque, no temperamento, na educação, nas suggestões do *meio,* nas condições em que lhe fizeram o casamento. Mas nem por isso deixa de ser culpada, conforme o snr. Luciano Cordeiro no seu novo livro nos vem mostrar.

Grande louvor por isso merece, repetimos. É um novo horisonte que abriu á historia, um novo céo que rasgou á inspiração de artistas e poetas. Simplesmente, *A Senhora Duqueza,* se é uma obra douta, não consegue ser uma obra de arte. O proprio auctor parece modestamente reconhecel-o, quando diz: — *que não faz um romance, mas apenas procura instruir um processo.* — O certo é que o estylo é pesado, artificioso, tecido laboriosamente, nebulento, n'uma lucta muitas vezes palpavel e improficua para realizar uma dada justeza de expressão. Quando se explana um pouco mais, pretendendo dar a psychologia dos personagens, o auctor chega mesmo a ser sibyllino, não se comprehende; é preciso adivinhal-o. Depois, os episodios confundem-se e atropellam-se sem medida, sem arte, sem uma sequencia elegante e logica de exposição; e a época não vive, não palpita n'aquellas paginas, onde apenas as pessoas e os factos se registram n'uma ordenação fria de inventario.

O que mais fere e incommoda, é o abuso de expressões antiquadas, que o auctor fez, sem duvida, illudido por uma pretensão de vernaculismo, mas que se lhe converteu as mais das vezes de atavio em defeito; como, por exemplo, o verbo *fôra-se,* que tanto encontramos na obra: — *fôra-se a avó paterna... a Anna fôra-se...* — e que, adulterado pelo tempo, tem hoje uma significação ambigua.

Todavia — repetimol-o — como obra documental, como reivindicação historica o livro em questão é uma obra de valor. D'ella resalta bem eviden-

te e bem nitida, não obstante duas incongruencias de tomo, a culpabilidade da duqueza. São essas incongruencias:

1.ª — Os amores de D. Leonor com uma criança. Não é muito verosimil que uma andaluza ardente e forte, de 24 annos, oriunda d'uma boa e generosa raça, escolhesse para acalmar-lhe as demasias do sangue um rapazito imberbe e apenas nubil, um homem por fazer. Não podia abastal-a, de certeza. A velhice é que procura de ordinario esses remoçamentos viciosos. A duqueza mais natural era que se désse a uma ampla e robusta virilidade.

2.ª — A contradança das cartas, das mãos da duqueza para as da Anna Camella, e *vicè-versa,* dentro da celebre *bueta.* Esta circumstancia, em que aliás tanto se insiste no processo, é do mais grosso inverosimil. Pois quando nós vemos que qualquer menina solteira, ainda a mais leviana, a mais descuidosa, a mais futil, é tão cuidadosa no occultar dos bilhetes amorosos que recebe, como comprehender que uma nobre senhora, casada, esteja confiando constantemente d'uma aia, d'uma *dona,* e expondo portanto, — era facil! — ao mexerico, á intriga, papeis que a compromettem soberanamente, e em cuja phraseologia inflammada e torpe andava esfrangalhada, a um tempo, a sua honra, e a honra e o bom nome de seu marido?

Só uma impudente ou uma desequilibrada.

Em summa, podia ser. De mais estamos nós vendo, todos os dias, relampear na densa monotonia da Vida as mais espantosas inverosimilhanças, os mais imprevistos absurdos.

**E.**

---

*O Secretario da Redacção*

***Manoel da Silva Gayo.***

Supplemento ao numero do 1.º de Novembro de 1889 da REVISTA DE PORTUGAL

# ANNUNCIOS

**Preço:** 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da Revista

**Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux — Porto**


## PUBLICAÇÕES

EDITADAS

*pela LIVRARIA CHARDRON — Lugan & Genelioux, Successores*

### EÇA DE QUEIROZ

## O CRIME DO PADRE AMARO

TERCEIRA EDIÇÃO

**inteiramente refundida, recomposta, e differente na fórma e na acção da edição primitiva**

1 grosso volume..... 1$200

## OS MAIAS

2 grossos volumes..... 2$000

## O MANDARIM

TERCEIRA EDIÇÃO

1 volume..... 500

## O PRIMO BAZILIO

TERCEIRA EDIÇÃO

1 grosso volume..... 1$000

## A RELIQUIA

1 grosso volume..... 1$000

### A. le Pileur

**O corpo humano,** traducção de José Nicolau Raposo Botelho, revista pelo professor da escóla medico-cirurgica do Porto, Antonio Joaquim de Moraes Caldas. Esta obra, illustrada com 44 gravuras elucidativas do texto, é precedida de uma *gravura colorida* representando a circulação do sangue (pulmões, coração, arterias e veias) e impressa em magnifico papel. 1 grosso vol..... 1$000
Com uma bonita cartongem..... 1$500

### Alberto Pimentel

**Da importancia da historia universal philosophica** na esphera dos conhecinhecimentos humanos. Dissertação para o concurso da primeira cadeira (Historia universal e patria) do Curso superior de letras. 1 vol..... 200

### Anthero de Quental

**Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza.** 1 volume..... 200

### Antonio Cordeiro

**Historia insulana** das ilhas a Portugal sujeitas no oceano occidental. 2 volumes..... 2$000

### Antonio Luiz Soares Duarte

**Descobertas e maravilhas,** thesouro inesgotavel de sciencias industriaes e domesticas, contendo aproximadamente 2:000 receitas. Publicação illustrada com 39 gravuras e utilissima a todos os artistas, industriaes e donas de casa. 1 grosso vol..... 1$200

### Antonio Xavier Pereira Coutinho

Agronomo, lente do Instituto Agricola, socio correspondente da Academia Real das Sciencias, etc.

**Guia do vinicultor.** 1 vol. in-8.º com 58 gravuras..... 1$000

### Ayres de Carvalho Soveral

**Breve estudo sobre a ilha de Moçambique,** acompanhado d'um pequeno *vocabulario portuguez-macúa.* 1 vol. 100

### Constantin Guillaume

**Medicina pratica:** O medico de casa, systema simples de reconhecer qualquer molestia, e indicação do melhor tratamento a seguir para a curar. Traduzido e ampliado por Antonio Vieira Lopes. Segunda edição. 2 vol..... 1$000

***

**Cozinheiro nacional,** ou collecção das melhores receitas das cozinhas brazileiras e europeias. Para a preparação de sopas, môlhos, carnes, caça, peixes, crustaceos, ovos, leite, legumes, pudins, pasteis, dôces de massa e conservas para sobremesa; acompanhado das regras de servir á mesa e de trinchar á moda americana. Ornado com numerosas estampas. 1 vol..... 800
Cartonado..... 1$000

### Jacquinet

**Quadro do mundo physico,** ou excursões através da sciencia. 1 vol... 500

***

**Doceiro nacional,** ou arte de fazer toda a qualidade de dôce. Obra contendo 1:300 receitas, conhecidas e ineditas, de confeitos, empadas, pudins, tortas, biscoutos, bolos, bolachas, brôas, babás, savarins, vinhos, licôres, xaropes, limonadas, sorvetes e gelados, acompanhada dos diversos processos usados para a depuração e extracção do assucar contido nas plantas saccharinas. Ornado com numerosas estampas. 1 vol..... 800
Cartonado..... 1$000

### João Maria P. Amaral e Pimentel

**A sciencia da civilisação,** curso elementar completo de educação superior, religiosa, individual e social. Segunda edição. 1 vol..... 1$000

### J. M. da Cunha Seixas

**Anthropologia:** Galeria de sciencias contemporaneas. 1 vol..... 1$500

### Julio de Mattos

**Manual das doenças mentaes** (com 4 fac-similes de cartas de alienados). 1 volume..... 1$500

### Luiz Figuier

**As grandes invenções** antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes. Obra para uso da mocidade, illustrada com 231 gravuras.

**Summario:**

A imprensa — A gravura — A lithographia — A polvora — A bussola — O papel — Os relogios — A porcelana e louçaria — O vidro — Os oculos de vêr ao longe — O telescopio — O barometro — O vapor — O microscopio — O thermometro — A electricidade — Applicações da electricidade estatica — Applicações da electricidade dynamica — Os diversos systemas de illuminação — Os aerostatos — Poços artesianos — Pontes pênsiles — O tear á Jacquard — A photographia — O estereoscopio — A drenagem.

1 grosso vol..... 3$000
Com uma linda cartonagem..... 3$600

# A ESTAÇÃO

## JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA SENHORAS

PUBLICANDO ANNUALMENTE

**24 numeros, 2:000 gravuras, 200 moldes, 400 riscos de bordados e 36 figurinos coloridos**

XVIII ANNO DE PUBLICAÇÃO

---

A **Estação** é impressa em formato grande, publicando-se a 1 e 16 de cada mez. Um anno do jornal comprehende: **24 numeros** de 8 paginas, illustrados com mais de **2:000 gravuras** representando artigos de *toilette* para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atoalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. Todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz, a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricot, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flôres de papel, pano, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto, que lhes fica junto, clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

**12 folhas grandes** contendo além de numerosos monogrammas, iniciaes e alphabetos completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, **200 moldes** pelo menos, em tamanho natural, completados segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de **400 desenhos** de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais materia.

**36 figurinos** de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito, em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'esta publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contêm maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

As assignaturas principiam no dia 1.º de qualquer mez.

### PREÇO EM TODO O REINO

(Pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Um anno | 4$000 |
| Seis mezes | 2$100 |
| Tres mezes | 1$100 |
| Numero avulso | 200 |

Assigna-se na livraria de

## LUGAN & GENELIOUX — Porto

e nas principaes **livrarias do reino, ilhas** e **provincias ultramarinas.**

# LIBRAIRIE HACHETTE ET C^IE

*BOULEVARD SAINT-GERMAIN, 79*

## BRACHET et DUSSOUCHET

# COURS DE GRAMMAIRE FRANÇAISE

*à l'usage de l'enseignement secondaire des jeunes filles, de l'enseignement secondaire spécial, de l'enseignement primaire supérieur*

**5 vol. in-16 cart. toile**

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Grammaire française** abrégée | *Élève* | 1 vol. | **1,80** |
| » » » | *Maître* | » | **3,** |
| » » complète | | » | **2,** |
| **Exercices sur la grammaire,** complètes | *Élève* | » | **1,80** |
| » » » » | *Maître* | » | **3,** |

# Enseignement secondaire des jeunes filles

## ALBERT CAHEN

**Morceaux choisis des auteurs français** (1^ère et 2^e année):

Cours élémentaire. 1 vol. in-16 toile . . . . . **3,50**

**Morceaux choisis des auteurs français** (3^e, 4^e et 5^e année):

Cours supérieur — **Prose** — 1 vol. toile. . . . . **4,**

» — **Poésie** — 1 vol. toile . . . . . **3,50**

**Edmundo Frank**

Marlposas. 2 vol..... 1$200

**Emilio Gaboriau**

A corda na garganta. 5 vol..... 1$500
Desmoronamento. 5 vol. 3$600
Processo Lerouge..... 1$000
A vida infernal. 6 vol... 1$800

**Emmanuel Liais**

Supremacia intellectual da raça latina..... 500

**Ennery**

Martyr..... 600

**Esquiros**

Historia dos martyres da liberdade. 2 vol..... 3$000

**Ezequiel Freire**

Flôres do campo..... 500

**Fagundes Varella**

Cantos do ermo e da cidade..... 600
Obras completas. 3 vol. 2$000

**Fausto**

A caça d'um baronato. 300
Um casamento de tirar o chapéo..... 300
Dois dias de felicidade no campo..... 300
Um provinciano ladino. 300
Scenas da vida republicana..... 300

**Fernandes Pinheiro**

Curso elementar de litteratura nacional..... 3$000
Episodios da historia patria..... 400
Estudos historicos. 2 vol. 1$800
Meandro poetico..... 500
Resumo da historia litteraria. 2 vol..... 4$500

**Feuillet**

Amores de Philippe.... 600
Julia..... 300

**Feydeau**

A arte de agradar..... 300

**Fervacque e Bachaumont**

Rolande. 2 vol..... 600

**Freire**

A paixão de Olympio ... 600

**G. M.**

Diva, perfil de mulher. 600
Luciola, perfil de mulher 600
Senhora, perfil de mulher. 2 vol..... 1$200

**Gabriel Ferry**

O mateiro ou os bandeirantes. 3 vol..... 1$800

**George Sand**

Os dois irmãos..... 600
Flammarande..... 600

**Georges Ohnet**

A condessa Sara..... 600
O grande industrial..... 600
O Margal..... 600
Sergio Panine..... 600
O canto do cysne..... 600
As castellãs de Croix mort..... 600

**Gontran Borys**

Os vadios de Paris. 2 vol..... 1$200

**Gustavo Droz**

Papai, mamãi e nénè.. 600

**Hamyultando**

Opusculos..... 1$000
Os sentimentos harmonicos..... 1$000

**Houssaye**

Lucia. 2 vol..... 600
Melle Cleopatra..... 600
Melle Mariani..... 600
O romance da mulher que amou..... 600
O romance da duqueza. 600

**Ignacio d'Azevedo**

Ensaios litterarios..... 600

* * *

Illusão, experiencia e desengano, maximas e pensamentos..... 300

**Jeronymo M. Carvalho**

Historia do imperador Carlos Magno..... 600

**João Macé**

Historia d'um bocadinho de pão..... 1$000
Os servidores do estomago..... 1$000

**Joaquim Heliodoro**

Sertanejas..... 300

**Joaquim Serra**

Quadros..... 500

**Jorge Velho**

Amores célebres..... 400
Campos novos..... 400
Folhas silvestres..... 300

**José d'Alencar**

Alfarrabios. 2 vol..... 1$200
Cinco minutos — A viuvinha..... 600
O ermitão da gloria — A alma do lazaro..... 600
O Garatuja..... 600
O Gaucho. 2 vol..... 1$200
O Guarany. 2 vol..... 2$000
Guerra dos mascates. 2 vol..... 1$200
Iracema..... 600
Minas de prata. 3 vol. 3$000
A pata da gazella..... 600
O sertanejo. 2 vol..... 1$200
Sonhos d'ouro. 2 vol... 1$200
Til. 4 vol..... 1$200
O tronco do ipé. 2 vol. 1$200
Uburajara..... 600

A viagem imperial..... 120
Ao imperador, cartas politicas..... 300
Ao povo, cartas politicas de *Erasmo*..... 300
As azas de um anjo... 500
Demonio familiar..... 500
O jesuita..... 600
Mãi..... 500
Verso e reverso..... 350

**José Feliciano de Castilho**

Fernão Mendes Pinto, excerptos. 2 vol..... 1$500
Em papel superior..... 2$000
Padre João de Lucena, excerptos. 2 vol..... 1$250
Em papel superior..... 2$000
Manoel Maria du Bocage, excerptos. 3 vol... 2$000

**José Rodrigues de Mattos**

Interesses portuguezes. 2 vol..... 600

**Julio de Castilho**

Primeiros versos..... 600
Antonio Ferreira, estudos biographicos e litterarios. 3 vol..... 2$000
Dona Ignez de Castro. 600

**Julio Leal e J. Coelho**

Evangelho dos espiritos. 600

**Julio Sandeau**

João de Tommeray..... 30

**Julio Verne**

Aventuras de tres russos e tres inglezes... 200
Cinco semanas em balão. 200
Descoberta da terra.... 200
O descobrimento prodigioso..... 200
O dr. Ox, mestre Zacharias..... 200
A escóla dos Robinsons. 200
As Indias negras..... 200
A jangada. 2 vol..... 400
Miguel Strogoff. 2 vol... 400
Os navegantes do seculo XVIII. 2 vol..... 400
Os quinhentos milhões da Begum..... 200
A galera Chancellor.... 200
Heitor Servadac. 2 vol. 400
Historia das grandes viagens e dos grandes viajantes..... 200
O raio verde..... 200
Ao redor da lua..... 200
Da terra á lua..... 200
A terra das pelles. 2 v. 400
Atribulações d'um chinez na China..... 200
Uma cidade fluctuante. 200
Viagem ao centro da terra..... 200
Viagem ao redor do mundo..... 200
A casa a vapor. 2 vol. 40
Os viajantes do XIX seculo. 2 vol..... 400
Os filhos do capitão Grant. 3 vol..... 600
A ilha mysteriosa. 3 vol. 600
Um capitão de quinze annos..... 400
Viagens e aventuras do capitão Hatteras..... 400
Vinte mil leguas submarinas..... 400

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas.

---

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

---

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

---

## ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

| Um anno | Seis mezes | Tres mezes |
|---|---|---|
| **6$000 reis** | **3$200 reis** | **1$700 reis** |

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

| Um anno | Seis mezes |
|---|---|
| **7$200 reis fortes** | **3$800 reis fortes** |

---

*A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores* LUGAN & GENELIOUX, *em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.*

---

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70